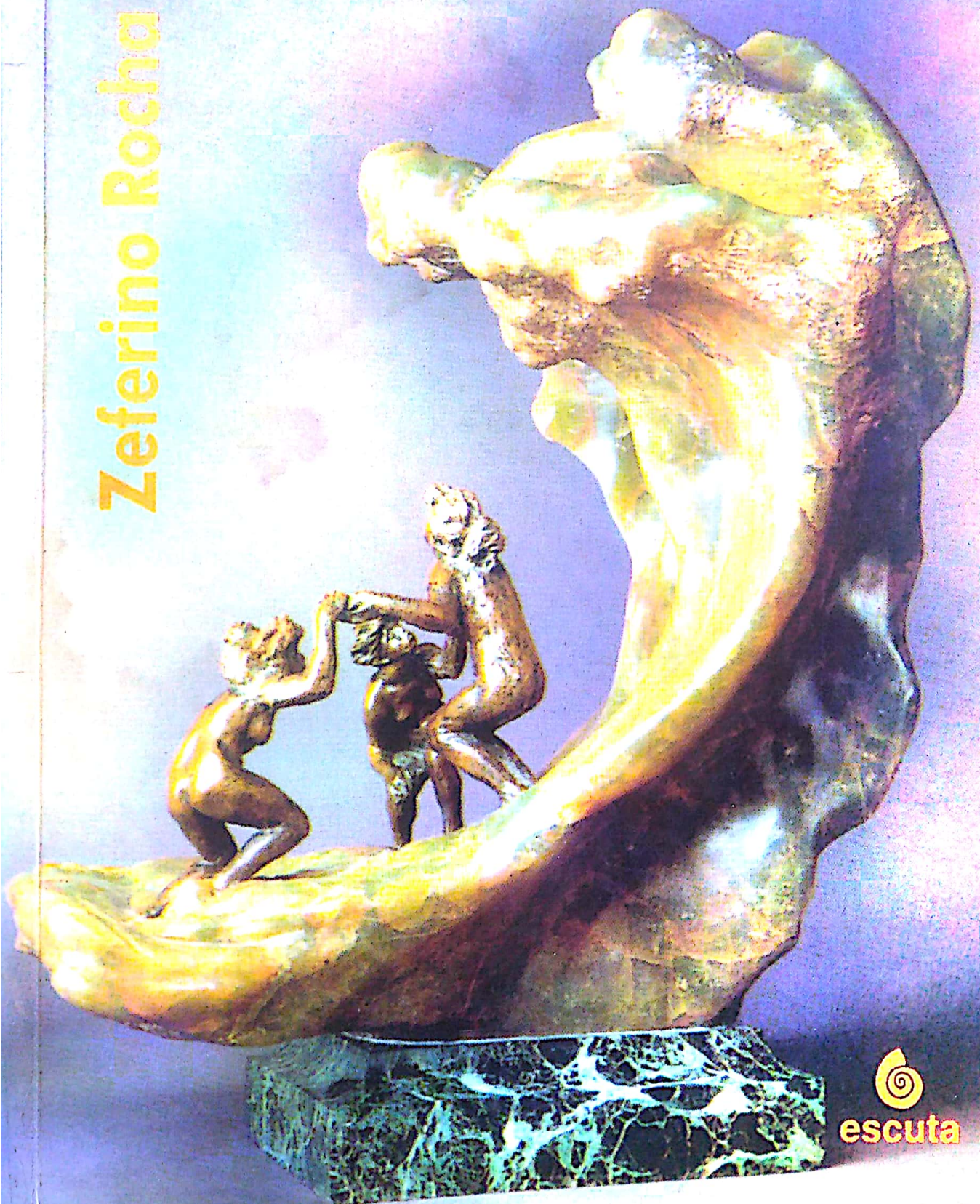


OS DESTINOS DA ANGÚSTIA NA PSICANALISE FREUDIANA

Zeferino Rocha



escuta





ANNA O. (1859-1936)

B I B L I O T E C A D E
P S I C O P A T O L O G I A
F U N D A M E N T A L

COLEÇÃO DIRIGIDA POR
MANOEL TOSTA BERLINCK

Zeferino Rocha

OS DESTINOS DA ANGÚSTIA NA PSICANÁLISE FREUDIANA



© by Editora Escuta para a edição em língua portuguesa

EDITORES

Manoel Tosta Berlinck
Maria Cristina Rios Magalhães

CAPA

Ediara Rios, a partir de *La Vague*, de Camille Claudel

PRODUÇÃO EDITORIAL

Araide Sanches

Catálogo na Fonte do Depto. Nacional do Livro

R672d

Rocha, Zeferino.

Os destinos da angústia na psicanálise freudiana / Zeferino Rocha. –
São Paulo : Escuta, 2000.

176 p. ; 14x21 cm

ISBN 85-7137-161-X

Inclui bibliografia.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Angústia. 3. Psicanálise. I. Título.

CDD-150.195

Editora Escuta Ltda.
Rua Dr. Homem de Mello, 351
05007-001 São Paulo, SP
Telefax: (11) 3865-8950 / 3675-1190 / 262-8345
E-mail: escuta@uol.com.br
www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/escuta.htm

A angústia é a vertigem da liberdade.

Kierkegaard

*A todos aqueles cuja fala minha escuta clínica procurou sustentar, a
fim de que, de seus sofrimentos e angústias, novos caminhos
surgissem nas trajetórias de suas vidas.*

Sumário

<i>Introdução</i>	9
Objetivo e roteiro metodológico	9
O problema da angústia	16
O vocabulário da angústia	24
 <i>A angústia inscrita no corpo</i>	39
 <i>A angústia no registro do psiquismo</i>	69
 <i>A reformulação da teoria freudiana da angústia</i>	95
 <i>À guisa de uma conclusão: uma fábula</i>	157
 <i>Bibliografia</i>	163

Introdução

Objetivo e roteiro metodológico

O título do presente trabalho,¹ por si só, já anuncia – não sem uma certa pretensão de minha parte – o propósito de resumir as linhas essenciais da sistematização teórica da angústia na trajetória evolutiva do pensamento psicanalítico de Freud e de mostrar, simultaneamente, de que modo os modelos teóricos ajudaram-no a elucidar alguns enigmas nos quadros clínicos de sua prática terapêutica. Por se tratar de um objetivo tão vasto, necessário se faz, desde logo, definir e delimitar o procedimento metodológico que desejo adotar para realizar meu propósito.

Depois de algumas considerações introdutórias sobre a importância do tema e sobre o vocabulário da angústia, vou apresentar os principais destinos que a problemática da angústia conheceu nas diversas etapas da elaboração teórica do pensa-

1. Este trabalho, numa forma muito mais resumida, foi apresentado e discutido no XXVI Encontro Anual do Centro de Estudos Freudianos do Recife no dia 1º de novembro de 1996 e reapresentado na Jornada de Estudos promovida pela Clínica de Psicanálise *Tópos* da cidade de João Pessoa, em 27 de setembro de 1997.

mento psicanalítico freudiano. Para isso, pretendo acompanhar a trajetória do pensamento de Freud nas três etapas essenciais em que se divide sua obra, vale dizer, nos escritos iniciais (1892-1900), na primeira tópica (1900-1920) e, finalmente, nos últimos escritos (1920-1938), e, simultaneamente, mostrar as perspectivas abertas, tanto para uma melhor aplicação clínica dos destinos da angústia, quanto para um estudo mais aprofundado da mesma, como fenômeno estruturante da existência humana.

Devo esclarecer, desde logo, que não é minha intenção tentar reconstruir, em uma classificação rigorosamente cronológica, as etapas da abordagem freudiana da angústia. De fato, os destinos da angústia não se sucedem, no texto freudiano, como se fossem etapas de um percurso linear, no qual vão se excluindo, na medida em que se sucedem. Pelo contrário, os destinos da angústia estão mutuamente inter-relacionados num processo de desenvolvimento, que se poderia dizer dialético.

Na etapa inicial, ou seja, nos textos escritos entre 1892 a 1899, Freud aborda simultaneamente dois destinos diferentes da angústia. De fato, esta inscreve-se no corpo, quando abordada no contexto das neuroses atuais e, de modo particular, da neurose de angústia, e, sem deixar de ser inscrita no corpo, inscreve-se também no registro do psiquismo, quando considerada no contexto das psiconeuroses de defesa.

Quando dizemos que a inscrição no corpo representa o primeiro destino da angústia na psicanálise freudiana, não estamos querendo dizer, com isto, que ela tenha sido a primeira, cronologicamente falando, a despertar o interesse e a atenção de Freud. Este já tinha se confrontado com a angústia das histéricas, antes de fazer a descoberta da neurose de angústia. No entanto, não se pode negar que, quando inscrita no corpo, sem possibilidade de ser introduzida na ordem da representação por causa da falta de elaboração psíquica, a angústia reveste uma modalidade característica e tem um impacto especial na clínica. Esta a razão de dizermos que a inscrição no corpo é um destino especial da angústia e que Freud lhe deu uma atenção particular nos primeiros escritos.

Além do mais, quando dispôs de um contexto teórico e clínico mais rico e elaborado, Freud retomou o estudo da angústia inscrita no psiquismo e lhe deu uma atenção muito mais detalhada. De fato, as neuroses atuais, tendo como causa etiológica uma disfunção atual da sexualidade e uma sintomatologia somática, não podiam ser objeto da pesquisa psicanalítica.

Baseando-nos nisso, vamos distinguir dois tempos na primeira teoria freudiana da angústia: no primeiro, a angústia inscreve-se no corpo, e, no segundo, sem deixar de ser inscrita no corpo, ela inscreve-se também no psiquismo.

Os textos básicos, nos quais se encontra o primeiro destino da angústia, são: o “*Manuscrito E*” sobre as origens da angústia,² enviado a Fliess, provavelmente, em 1894, e três artigos de 1895: um sobre as obsessões e fobias,³ um outro sobre a neurose de angústia⁴ e, finalmente, o artigo com o qual Freud respondeu às críticas feitas ao seu trabalho sobre a neurose de angústia.⁵

-
2. Cf. Sigmund Freud. “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess” (1950 [1892-1899]). “Rascunho E – *Como se origina a ansiedade*”. *Standard Brasileira*. Vol. I, pp. 261-269. As citações da *Standard Brasileira das Obras Completas de Freud* (Imago) serão feitas com a sigla *ESB*, seguida de um número romano indicando o volume e do número da página onde se encontra a citação.
 3. Cf. Sigmund Freud. “Obsessions et phobies, leur mécanisme psychique et leur étiologie”. (1895). Esse artigo foi primeiramente publicado em francês na *Revue Neurologique* (30 de janeiro de 1895). Ano III (2) 33-38. A tradução alemã foi publicada na *GW*. I, 334-353. Na *ESB*, ele se encontra no Vol. III, pp. 85-97. O texto não consta da edição alemã *Studienausgabe*. Esta edição crítica, que sempre consultarei neste meu trabalho, será indicada do seguinte modo: primeiramente, a sigla *SA*, depois a palavra *Band* e um número romano indicando o tomo, e, finalmente, um número arábico, indicando a página onde a citação se encontra.
 4. Sigmund Freud. “Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als ‘Angstneurose abzutrennen’ (1895). *SA*. Band VI, 25-50. *ESB*. Vol. III, 103-140 – “Sobre os critérios para destacar da Neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘Neurose de Angústia’”.
 5. Sigmund Freud. Zur Kritik der “Angstneurose” (1895). *GW*. I, 357. Este texto também não consta da edição *Studienausgabe*. *ESB*, “Uma réplica às críticas do meu artigo sobre a neurose de angústia”. Vol. III, p. 141.

Poderíamos também acrescentar o artigo de 1898 sobre a sexualidade na etiologia das neuroses.⁶

Numa segunda etapa, Freud retoma o estudo da angústia no contexto mais vasto das primeiras sistematizações teóricas da teoria psicanalítica, especialmente da primeira tópica e da primeira teoria das pulsões, e, no contexto mais delimitado do estudo metapsicológico do recalque, ele faz uma abordagem mais profunda da angústia inscrita no psiquismo, intimamente relacionada com as moções pulsionais recalçadas. Transformação da libido recalçada, a angústia aparece, nesse momento, como a expressão típica de uma série de distúrbios psíquicos, relacionados com as psiconeuroses de defesa: a histeria de angústia, a histeria de conversão e as neuroses obsessivas. Embora este novo destino da angústia tenha recebido sua elaboração teórica mais profunda neste contexto teórico, ele, no entanto, como já foi dito, já estava presente desde os primeiros textos psicanalíticos, pois foi no estudo da histeria que Freud se confrontou, pela primeira vez, com o estudo psicanalítico da angústia.

Os textos de referência desse novo registro da angústia são, primeiramente, os artigos sobre as psiconeuroses de defesa escritos na fase inicial. Todavia, um lugar de destaque deve ser dado ao texto da 25ª conferência das *Conferências introdutórias à psicanálise*, publicadas em 1917, e aos estudos metapsicológicos sobre o Inconsciente e o Recalque.⁷

Mas a etapa mais rica da reflexão freudiana sobre a angústia e a que abre maiores perspectivas para uma compreensão mais profunda do seu enigma é aquela desenvolvida por ocasião dos

-
6. Sigmund Freud. "Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen" (1898) *GW.* 1, 491-516. Este texto também não se encontra na Studienausgabe. *ESB*, "A sexualidade na etiologia das neuroses". Vol. III, pp. 287-312.
 7. Sigmund Freud. "Die Angst" (1916). In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916-1917) *SA.* Band I, 380-397. *ESB*, "A ansiedade" (1916). In *Conferências introdutórias à psicanálise*. Vol. XVI, pp. 457-479.

últimos escritos, ou seja, quando Freud já dispunha de uma nova tópica, vale dizer, de uma doutrina mais elaborada do ego e das instâncias ideais do ego, bem como de uma doutrina sobre a pulsão de morte.

Os textos principais desta última etapa são o livro de 1926 sobre “Inibição, sintoma e angústia”⁸ e a 32^a conferência da “Nova série de conferências introdutórias à psicanálise”.⁹

Esta última fase, a meu ver, tem um destaque particular, porque, nela, Freud não somente modificou a sua teoria, ao deixar de ver a angústia, apenas, como uma transformação da libido recalcada, mas também passou a considerá-la como um elemento estruturante do existir humano, atribuindo-lhe uma função defensiva diante dos perigos que ameaçam a existência.

Acredito que, nessa última etapa da sistematização da sua teoria da angústia, Freud abre uma perspectiva teórica muito interessante ao sugerir uma dimensão que se poderia chamar de *existencial*, dimensão esta que ele próprio não explorou, mas que os filósofos que se debruçam sobre o enigma da angústia, podem ajudar-nos a melhor compreender.

Refiro-me à problemática da *Realangst* que, como veremos depois, confronta-nos com o mundo inacessível do real. Sei que para alguns psicanalistas isso pode parecer estranho. A psicanálise nada tem a ver com a dimensão existencial da angústia. Esta tarefa compete aos filósofos e não aos psicanalistas, e Freud nos advertiu para não ceder à tentação de querer fazer da psicanálise uma *Weltanschauung*.¹⁰

8. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 233-308. ESB, “Inibições, sintomas e ansiedades” (1926). Vol. XX, pp. 107-201.

9. Sigmund Freud. “Angst und Triebleben” (1933). In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA. Band I, S. 517-543. ESB, “Ansiedade e vida instintual” (1933). In *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Vol. XXII, pp. 103-138.

10. Cf. Sigmund Freud. “Die Weltanschauung” (1933). In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA. Band I, 586-608. ESB, “A questão de uma Weltanschauung”. Vol. XXII, pp. 193-225.

De fato, Freud não explorou essa dimensão existencial da angústia e, para tê-lo feito, teria sido preciso que ele, na estruturação do ser humano, tivesse também considerado o *registro do espírito*, além do registro da corporalidade e do psiquismo. Mas, no horizonte epistemológico da *Aufklärung*, no qual ele começou a escrever sua obra e a fazer seu trabalho profissional, não havia lugar para uma abordagem da dimensão espiritual e filosófica da angústia.

Freud jamais admitiu que as pesquisas psicanalíticas pudessem ser feitas fora do campo específico das ciências psicológicas e da ciência que ele próprio denominou de metapsicológica. Donde sua oposição radical – segundo o meu modo de ver mais aparente do que verdadeira – a tudo o que pudesse ser visto como uma concepção de mundo, ou seja, como uma *Weltanschauung*. Para ele, se a Psicanálise tivesse que abraçar uma “visão de mundo”, esta não poderia ser outra senão a da própria ciência.¹¹ Será que, hoje, os teóricos da psicanálise fariam ainda uma afirmação tão categórica? Eu, pessoalmente, acredito que não.

Sem deixar de ser ancorada naquilo que constitui a sua especificidade epistêmica, a *Psicanálise pode e deve estar aberta para o diálogo com as outras ciências* e nada impede que, nesse diálogo, possamos receber ajuda para melhor entender o que Freud disse, ou quis dizer, pois ninguém duvida que, muitas vezes, ele próprio ficou aquém daquilo que suas descobertas podiam e queriam dizer.

11. “Se é isto o que caracteriza uma visão de mundo (*Weltanschauung*), então, torna-se fácil a resposta no que se refere à psicanálise. Como uma ciência especial (*Spezialwissenschaft*) – um ramo da Psicologia (*ein Zweig der Psychologie*), Psicologia profunda (*Tiefenpsychologie*) ou Psicologia do Inconsciente (*Psychologie des Unbewussten*) – ela é totalmente incapaz (*ganz ungeeignet*) de construir uma visão de mundo, ela tem que assumir a da ciência (*sie muss die der Wissenschaft annehmen*)”. Sigmund Freud. “Über eine Weltanschauung”. In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1933). SA. Band I, 586. ESB. XXII, p. 194.

Embora a abordagem filosófica da angústia existencial extrapole o campo da pesquisa psicanalítica propriamente dita, nada impede que indaguemos se o que os filósofos disseram e dizem sobre a dimensão existencial da angústia pode trazer alguma luz para nos fazer melhor compreender certas nuances da análise freudiana da angústia. Consultar autores não-psicanalistas, não para lhes pedir que nos digam como se deve entender o que é específico da pesquisa psicanalítica, mas para escutar o que eles têm a dizer sobre os problemas essenciais da existência, não é ser infiel à causa psicanalítica, mas simplesmente dar prova de maturidade intelectual.

Se quisermos mergulhar no âmago da experiência humana, não podemos limitar nossa escuta ao que se passa no *setting* da análise nem ao que se passa entre as paredes dos consultórios. Se, em Psicanálise, somos convidados a interpretar Freud com Freud,¹² daí não se segue que outros autores, psicanalistas ou não, não nos possam ajudar a compreender o não-dito de muitas coisas que Freud disse, sobretudo quando essas coisas dizem respeito aos problemas essenciais da experiência humana. Este é o roteiro metodológico de nosso trabalho.

Antes, porém, de começar a analisar a contribuição de Freud para a solução do enigma da angústia, gostaria ainda de abordar, rapidamente, nestas reflexões introdutórias, duas questões preliminares: uma sobre a importância do problema da angústia e as dificuldades de seu estudo e outra sobre o seu vocabulário antes de Freud e na abordagem freudiana. É o que faremos a seguir.

12. Cf. Jean Laplanche. "Interpréter Freud [avec] Freud". In Jean Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée*. Travaux 1967-1992, pp. 21-36.

O problema da angústia

A angústia não é só um dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffen*) da metapsicologia freudiana, ela, no dizer de Freud, é “um ponto nodal” (*ein Knotenpunkt*), para o qual convergem as mais importantes questões da pesquisa psicanalítica, e a reflexão sobre seu enigma deve projetar uma torrente de luz sobre a nossa vida psíquica.¹³ Assim sendo, não é de admirar que ela seja, na avaliação do próprio Freud, um dos problemas mais difíceis da existência humana. E qual o segredo desta dificuldade?

Freud lembra que não é a falta de observação que torna difícil o problema da angústia, pois o seu fenômeno é, seguramente, um dos mais conhecidos. Ninguém o desconhece. A angústia é um dos problemas fundamentais da existência humana, que todos nós, quando não somos interrogados sobre sua natureza, sabemos o que é; mas, uma vez interrogados, quase nada sabemos a seu respeito. A angústia não se compreende facilmente e a reflexão especulativa muito pouco vale para sua elucidação. Ou dito com as palavras de Freud:

De propósito deliberado falo aqui de concepções [da angústia]. Elas são as tarefas mais difíceis com que nos defrontamos. Todavia, a dificuldade não se encontra, por assim dizer, na insuficiência das observações (*aber die Schwierigkeit liegt nicht etwa an der Unzulänglichkeit der Beobachtungen*), pois são os fenômenos mais freqüentes e familiares (*es sind gerade die häufigsten und vertrautesten Phänomene*) que nos propõem aquele enigma. Tampouco ela se encontra no caráter remoto das especulações às quais incitam, porquanto o trabalho especulativo

13. Cf. Sigmund Freud. “Die Angst”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1917). SA. Band I, 380. ESB. Vol. XVI, p. 458.

(*spekulative Verarbeitung*) conta pouco neste domínio (*kommt auf diesem Gebiet wenig in Betracht*).¹⁴

De fato, a reflexão especulativa é abstrata e a angústia é sempre uma experiência eminentemente individual e concreta. Ela nos marca no mais profundo e no mais íntimo de nossa singularidade.

Além do mais, na abordagem psicanalítica, é geralmente aceito por todos que “o enigma da angústia é coextensivo ao enigma da sexualidade humana e, conseqüentemente, ao enigma do inconsciente. Explicar a angústia é explicar igualmente esta estranha sexualidade que a psicanálise postula como motor e conteúdo do inconsciente. Um ‘ponto nodal’, portanto, de qualquer reflexão psicanalítica”.¹⁵ Donde a sua importância e a sua dificuldade.

Mas indo além da perspectiva psicanalítica e olhando o problema numa abordagem filosófica, podemos afirmar que, mesmo quando se manifesta de forma indeterminada, a angústia marca a singularidade de nosso ser e nos acompanha em todos os momentos da vida com a persistência e a teimosia de uma sombra. Dir-se-ia que, na sua dimensão mais profunda, esta misteriosa e enigmática sombra é um símbolo da experiência do “nada” que a angústia nos revela, uma espécie de sombra que se destaca do ser, e, ao mesmo tempo, o envolve com seu enigma. “Sombra do ser”, a angústia de tal modo adere à nossa existência, que ninguém dela pode esquivar-se, da mesma forma como ninguém pode saltar por cima de sua própria sombra. Donde a dificuldade que se tem de defini-la no registro da reflexão especulativa.

14. Sigmund Freud. “Angst und Tribleben”. In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1933). SA. Band I, 517. ESB. Vol. XXII, p. 103.

15. Luís Martinho Maia. “Comentário crítico ao trabalho ‘O enigma da angústia na vida cotidiana’, de Zeferino Rocha”. Jornada de Estudos promovida pelo Tópos, João Pessoa, setembro de 1997. O texto do comentário crítico, numa cópia digitada, foi-me entregue pelo autor após o debate.

Por causa dessa íntima relação da angústia com o enigma do Nada, Kierkegaard destacou sua dimensão ambivalente e pôs em evidência a sua íntima relação com *a categoria do possível*. Por trás de toda possibilidade se esconde sempre uma ameaça de insucesso, de fracasso e de morte. Nossa existência define-se, pela sua abertura ontológica, para inúmeras formas de possibilidades. *No possível, tudo é possível e nada é impossível*. Daí porque, onde há possibilidade, há e haverá sempre angústia. E como a categoria do possível é o fundamento ontológico da liberdade, Kierkegaard, então, conclui: “A angústia é a vertigem da liberdade”.¹⁶

Por causa dessa indissolúvel união com a categoria do possível, a angústia torna-se um dos elementos estruturantes da subjetividade humana. Ela faz parte da essência do homem. Nela, e através dela, o homem se defronta com a realidade de seus limites. Nela, e através dela, o ser do homem se confronta com o problema do nada.

Ora, como demonstra a análise existencial feita por Heidegger,¹⁷ é só quando assume a dor desses limites que a existência humana se torna autêntica. Sem esta confrontação com a angústia, a existência humana corre o risco de se alienar no anonimato da mediocridade, ou na banalidade do cotidiano, procurando garantia e segurança, em vez de se entregar ao abandono e ao risco do existir onde se encontra o segredo de uma existência autêntica.¹⁸

Todavia, muito pouco se diz sobre o enigma da angústia, quando se afirma que ela tem uma face sombria e quando se ressalta o impacto de seus efeitos negativos sobre a estruturação do sujeito

16. Cf. Sören Kierkegaard. *Le concept d'angoisse*.

17. Cf. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. Parte I. § 40.

18. Voltaremos mais adiante, na terceira parte do livro, a refletir sobre o que Heidegger diz a respeito da angústia no contexto da analítica existencial desenvolvida no seu livro *Sein und Zeit*.

humano e de seu psiquismo. Ela pode ter também e, efetivamente, tem uma face luminosa e uma função criadora e libertadora. Ela pode modificar, de modo positivo, o devir do ser humano. Embora seja um “fenômeno noturno” – com todas as conotações que essa expressão tem na pena de Bachelard –, a angústia permanece um dos motores essenciais da atividade humana.

Poder-se-ia dizer que a experiência da angústia, vivida na dor dos limites que definem o homem, torna-se, no desamparo e na transitoriedade típicas do existir humano, “o grito da subjetividade [lançado] na direção daquilo que a transcende”.¹⁹

Portanto, na sua dimensão existencial, a angústia se manifesta como um grito, que tanto pode ser de desespero, quanto de apelo, e é dirigido na direção do Outro, seja do outro relativo com quem tecemos nossas vivências intersubjetivas, seja do Outro Absoluto, na relação do sujeito com a Transcendência.

É compreensível, pois, que, enquanto elemento constituinte e estruturante da existência humana, a angústia se manifeste nos registros que estruturam o sujeito humano, vale dizer, nos registros do corpo, da alma e do espírito.

A angústia no corpo

O corpo, como uma das estruturas fundamentais do ser humano, não se esgota na sua dimensão físico-biológica. Ele é aquilo que os filósofos chamam de *corpo próprio*, vale dizer, a corporalidade “suprassumida” na intencionalidade do sujeito.²⁰ Portanto, como corpo próprio, o corpo é mais do que um dado

19. Jean Wahl. *Études Kierkegaardiennes* (1949), p. 256.

20. Usamos, aqui, o termo “suprassumida”, no sentido do *aufgehoben* hegeliano. A tradução de *aufgehoben* por “suprassumido” é sugestão de Paulo Meneses no seu roteiro para ler a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Cf. Paulo Meneses. *Para ler a fenomenologia do espírito*, p. 10.

biológico, ele é uma “totalidade intencional”, da qual resulta o *Eu-corpo*.²¹

Se o corpo humano se restringisse apenas à sua dimensão biológica, o homem, como os demais animais, *teria* apenas um corpo. Mas *o homem não tem apenas um corpo, ele é seu próprio corpo*. É pela sua mediação e pela sua intencionalidade que o homem se situa no espaço e no tempo propriamente humanos. Como corpo, o sujeito humano vai se estruturando em formas expressivas diversas que traduzem os vários aspectos de sua *presença exteriorizada no mundo* e, ao mesmo tempo, ele dá, a essas formas expressivas, a dimensão de um sinal na relação intersubjetiva com os outros homens. Exatamente por causa disso, o sujeito não se esgota na corporalidade e à estrutura do corpo acrescenta-se a estrutura do *psiquismo*.

Freud, como veremos logo mais, deu uma ênfase especial à relação da angústia com o corpo. Normalmente, é através do corpo que ela se manifesta. Porque habitado pela linguagem, o corpo pode e, quase sempre, é o instrumento de que se serve o sujeito humano para exprimir a linguagem de seus afetos. Quando, porém, por qualquer motivo os estímulos corpóreos não têm acesso ao psiquismo, os sintomas do corpo tornam-se *significantes mudos* de uma linguagem que fracassa como linguagem.

A angústia no psiquismo

Pelo corpo, o homem situa-se no mundo exterior, numa forma de presença que o exterioriza. Mas, pelo psiquismo, ele resgata esta presença exteriorizada e, dialeticamente, a

21. O resumo dessas categorias estruturantes do ser humano (corpo, psiquismo e espírito), que estou apresentando aqui, foi feito a partir das considerações de Henrique Cláudio de Lima Vaz no seu magistral livro *Antropologia filosófica II*.

“suprassumo” na constituição de seu mundo interior. Os eixos sobre os quais ele edifica a construção desse mundo interior psíquico são o registro das representações e o registro da afetividade. Para Freud, a maior parte desse mundo interior psíquico é inconsciente. Na sua quase totalidade, a vida psíquica é inconsciente. A consciência é, apenas, uma de suas partes. É uma ilusão pensar que a consciência é transparente e translúcida e que, por causa disso, o homem é dono de sua própria casa. O Inconsciente é a terceira grande humilhação que a psicanálise infligiu ao narcisismo da humanidade.²²

Inegavelmente, para Freud, o psiquismo é o palco, por excelência, onde se encenam os dramas e tragédias da angústia humana. Mesmo quando motivada por perigos provenientes do mundo exterior, ou expressa na linguagem dos sintomas somáticos, a angústia é sempre alimentada por fantasias ou representações e conflitos de nossa vida psíquica. E entre os perigos que a motivam, Freud deu um lugar de realce ao perigo pulsional (*Triebgefahr*), o qual é um perigo mais ameaçador do que o perigo que vem de fora. Diante do perigo externo, se nos sentimos suficientemente fortes e preparados, podemos enfrentá-lo com êxito, caso contrário podemos sempre nos defender pela fuga.

Mas, o movimento dialético da estruturação e da autoafirmação do sujeito não se esgota nesses dois mundos, ou seja, no mundo da corporalidade e no mundo do psiquismo. Além dessas duas categorias fundamentais, os filósofos introduzem também, como estrutura fundamental do ser humano, a categoria do espírito, e a categoria do psíquico é a mediadora entre o corpo e o espírito.

22. Sigmund Freud. “Uma dificuldade da psicanálise” (1917). *ESB*. Vol. XVII, pp. 175-176.

A angústia no espírito

Enquanto o corpo e o psiquismo são categorias determinadas por leis que regem o dinamismo interno do existir humano e, neste sentido, podem ser designados como *categorias da imanência*, o espírito é abertura e liberdade e, como tal, é *uma categoria da transcendência* que abre o ser para o mistério de suas infinitas possibilidades. É esta abertura para o que transcende os limites do corpo e do psiquismo que marca a categoria do espírito naquilo que ela tem de próprio e de essencial.

Freud, na abordagem psicanalítica da angústia, restringiu suas investigações ao registro do corpo e do psiquismo. De fato, foi o estudo da neurose que motivou, desde o início, a pesquisa freudiana da angústia. Aos seus olhos, a angústia sempre se manifesta como reação a uma situação de perigo, e, primeiramente, o perigo pulsional é o grande responsável pela angústia dos homens. Inegavelmente, Freud deu uma grande contribuição para o estudo da angústia, quando articulou angústia e vida pulsional e trabalhou esta relação em todos os sentidos, isto é, tanto no que diz respeito à história dos indivíduos, quanto à história da comunidade humana em geral.

Mas, nos seus últimos escritos, ao repensar a natureza da angústia, ele deixou aberta, para ulteriores investigações, uma dimensão que se poderia dizer *existencial*, quando colocou, no centro de suas reflexões, a *angústia originária* (*Urangst*) como matriz arquetípica de todas as formas de angústia que o homem experimenta no decorrer da existência. Assim procedendo, ele abriu para o estudo da angústia uma dimensão mais ampla que não cabe à psicanálise explorar, pois toda ciência define-se pela especificidade de seu objeto e do método que emprega para atingi-lo. Ora, o objeto que especifica a investigação psicanalítica é o Inconsciente e a sexualidade que o dinamiza. É sob esta perspectiva que se faz a abordagem psicanalítica da angústia. Todavia, não podemos esquecer que nada daquilo que toca o campo da experiência humana pode ser estranho à psicanálise,

mesmo quando é explorado em perspectivas diferentes daquelas que definem sua especificidade epistêmica.

Os filósofos escolásticos faziam uma distinção muito interessante que talvez fosse oportuno lembrar. Eles distinguiam, em toda ciência, um objeto material e um objeto formal. O objeto material é aquilo sobre que versa a ciência, e o objeto formal, o modo sob o qual a ciência considera o seu objeto material. Aplicando isto ao estudo psicanalítico da angústia, diríamos que a ciência psicanalítica tem no Inconsciente e na Sexualidade o seu objeto formal, mas seu objeto material é o Homem, e, conseqüentemente, tudo aquilo que, direta ou indiretamente, diz respeito ao Homem não pode ser indiferente à pesquisa psicanalítica.

Quando o psicanalista ouve o que o filósofo diz sobre os enigmas da existência humana, isto não quer dizer que ele está buscando na filosofia solução para os problemas levantados pela pesquisa psicanalítica. Seria metodologicamente incorreto se a pesquisa psicanalítica fosse buscar na filosofia solução para seus problemas. Sobre isto não se discute. Mas daí não se segue, por exemplo, que a solução do enigma da angústia, mesmo para o psicanalista, tenha que ser *exclusivamente* metapsicológica.

O psicanalista, depois de elaborar sua pesquisa, pode descobrir que o enigma da angústia tem uma dimensão que vai além daquilo que define o seu campo de trabalho. Ele, então, se não quiser transformar a teoria psicanalítica numa ideologia, sabe, antecipadamente, que enriquecerá sua escuta se souber também ouvir o que se diz sobre o mesmo problema em outros campos de pesquisa. Se isto, que parece uma evidência, pode soar estranho a muitos colegas psicanalistas, é, simplesmente e infelizmente, porque muitos deles, como, em geral, os homens que fazem ciência, facilmente transformam suas teorias em paradigmas de cientificidade.²³

23. Um amigo meu, debatendo este trabalho sobre a angústia numa Jornada de Estudos, me dizia: "Os psicanalistas só têm acesso à angústia neurótica. É a única que podemos analisar. Por vezes, com sucesso, ajudando o

Que isto nos baste para mostrar a importância do problema da angústia. Voltaremos, na terceira parte deste nosso trabalho, ao diálogo entre psicanálise e filosofia para perscrutar o enigma da angústia.

O vocabulário da angústia

Algumas palavras fazem parte do patrimônio lingüístico comum da humanidade, pois estão relacionadas com experiências, tanto de ordem física quanto psíquica, que são verdadeiramente universais. A angústia é uma dessas palavras e uma dessas experiências. Em todos os tempos e nas tradições culturais mais diversas, os homens utilizaram a palavra *angústia*, ou um dos seus equivalentes, para descreverem suas experiências profundas de medo, temor, terror, desespero e desamparo.

Não é meu propósito tentar fazer, aqui, nem mesmo nas suas grandes linhas, uma “história da angústia”.²⁴ Para tanto, não disporia nem de espaço – pois estaria fugindo do objetivo que me propus neste livro – nem, sobretudo, de competência. O que

analizando a ultrapassá-la. Se, depois disso, o Kierkegaard que está no meu divã descobrir que ‘a angústia é a vertigem da liberdade’, eu considerarei minha função psicanalítica terminada e tratarei de propor-lhe a alta”. No lugar deste amigo, confesso, que, depois de considerar terminada minha função psicanalítica, quando minha escuta não se fizesse mais necessária para sustentar o sofrimento do meu “ilustre” cliente, eu iria ler seus livros, na esperança de, neles, encontrar uma ajuda para conviver, melhor e de maneira mais autêntica, com a angústia de ser livre.

24. Cf. o livro de J. Delaumeau. *La peur en Occident*. No que concerne à angústia, o leitor poderá encontrar um sugestivo roteiro para o estudo da sua história na tradição do pensamento ocidental, no capítulo primeiro (“A angústia e o negativo: a angústia na tradição do pensamento ocidental”) do livro de Mário Eduardo Costa Pereira: *Pânico. Contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico*, pp. 21-34.

me proponho é procurar as raízes etimológicas da palavra angústia nas principais línguas do tronco indo-europeu.

As raízes etimológicas da angústia

Na língua grega

Na língua grega, temos o radical $\alpha\gamma\chi$ (*anch*) do verbo $\alpha\gamma\chi\epsilon\iota\nu$ (*anchein*) que, na forma ativa, significa apertar, sufocar, estrangular. Dele deriva a palavra $\alpha\gamma\chi\omicron\nu\eta$ (*anchone*), que quer dizer o cordão de estrangulamento, o laço para enforcar, a ação de sufocar e, também, o sentimento de angústia. Na mesma família, existe ainda a palavra $\sigma\upsilon\nu\alpha\gamma\chi\eta$ (*sunanche*), que significa “angina”.

Outra raiz de formação diferente, mas de significação semelhante, é $\alpha\gamma\omega$ (*ago*), da qual deriva $\alpha\gamma\omega\nu\iota\alpha$ (*agonia*), que significa luta, agonia, luta da alma, angústia. Portanto, a etimologia grega da palavra “angústia” ressalta a idéia de estreiteza, aperto, sufocamento.

Na língua latina

No latim, temos dois radicais: *ang* e *anx*. De *ang*, derivam: *angina* (dor espasmódica), *angor* (angústia, opressão), *angustus-a-um* (estreito, apertado), *angustiae-arum* (desfiladeiro), *anguste* (concisamente). De *anx*, procedem: *anxius* (ansioso) e *anxietas* (ansiedade), *anxie* (com ansiedade), *anxiosus* (inquieto, atormentado). Note-se que os dois radicais *ang* e *anx* encontram-se no verbo latino *angere*, que se conjuga: *ango*, no presente, e *anxi*, no perfeito.

O par “angústia” e “ansiedade” é uma característica constante das línguas do tronco indo-europeu. A palavra “angústia” põe em destaque, fundamentalmente, o sentido de estreiteza, sufocamento, aperto da garganta, dificuldade de respirar e a palavra “ansiedade”, um estado de espírito inquieto e preocupado.

Cícero foi, provavelmente, o responsável pela distinção que, nas línguas latinas, passou a ser feita entre os termos “angústia” e “ansiedade”. Para ele, *angor* (angústia) era um ataque transitório, enquanto *anxietas* (ansiedade) significava uma predisposição permanente. Esta distinção foi depois adotada pela psiquiatria. Eis como Cícero a exprimiu:

... ansioso se diz propriamente de quem está propenso à doença da alma (*Anxium proprie dici qui pronus est ad aegritudinem animi*). Não são ansiosos todos os que, de quando em vez, se angustiam (*neque enim omnes anxii qui anguntur aliquando*), nem sempre se angustiam os que são ansiosos (*nec qui anxii, semper anguntur*).²⁵

Outros autores, porém, não aceitaram esta distinção e fizeram da palavra *angor* (angústia) um sinônimo de *metus* (medo), ou de *timor* (temor), ou de *dolor* (dor), e associaram o sentimento de “ansiedade” (*anxietas*) ao sentimento de tristeza (*tristitia*). O ansioso é um atormentado (*cruciatus*) e uma pessoa dominada pela “angústia” (*angore affectus*).

Portanto, desde a mais remota Antigüidade, a palavra *angor* (angústia) foi também associada às palavras *metus* (medo), *timor* (temor) e *dolor* (dor). Etimologicamente, a palavra angústia encerra a idéia de estreiteza, aperto, dificuldade de respirar, mas inclui também a idéia de medo, sofrimento, vexame e de temor, que pode ir do receio ao pânico. Angústia e ansiedade reaparecem, com freqüência, na linguagem coloquial e erudita das principais línguas do tronco indo-europeu faladas na Europa.

Na língua alemã

A palavra *Angst* tem o mesmo radical latino *ang* e ressalta a idéia de estreiteza e de aperto, o que também se traduz com a

25. Citado por Aubrey Lewis. “Problems presented by the ambiguous word Anxiety as used in psychopathology”. In *The Later Papers of Sir Aubrey Lewis*, p. 72.

palavra *Enge* [estreiteza, aperto]. O famoso *Deutsches Wörterbuch* (Dicionário alemão) de Gehard Wahrig atribui à palavra *Angst* o significado de “grande preocupação, intranquilidade e um sentimento indeterminado e quase sempre infundado de ameaça.”²⁶ O oitavo volume do Dicionário Dudden, dedicado aos sinônimos, apresenta como sinônimos de *Angst* as seguintes palavras, nas quais predomina o sentimento de medo: *Ängstlichkeit* (ansiedade), *Bangigkeit* (temor, medo, desassossego, ânsia), *Bänglichkeit* (timidez), *Unsicherheit* (insegurança), *Beklemmung* (angústia, ânsia, opressão) *Scheu* (medo), *Furcht* (medo), *Furchtsamkeit* (timidez, medo), *Panik* (pânico).²⁷

Na língua inglesa

Além de *Anxiety*, existem como termos equivalentes: *anguish, agony, dead, fear, fright, terror, consternation, alarm, apprehension* etc. Todas essas palavras exprimem uma emoção intensa de medo ou temor, mas nenhuma delas parece adequada para traduzir a palavra *Angst*.²⁸ O *Webster's Third New International Dictionary* distingue três registros de significação para a palavra *Anxiety*, que abrangem e sintetizam, de certo modo, as diversas abordagens nas quais se pode fazer o estudo da angústia:

a) no primeiro, *Anxiety* significa um estado em que se experimenta uma forte mistura de incerteza, ameaça ou medo sobre alguns acontecimentos da vida. Ela também pode significar a causa de um tal estado ou uma apreensão relativa a algum acontecimento iminente ou a algum desejo misturado com dúvida e medo;

26. Cf. Gehard Wahrig. *Deutsches Wörterbuch*. Bertelsmann Lexikon, S. 381.

27. Cf. *Der grosse Duden*. Band 8: *Sinn – und sachverwandte Wörter und Wendungen*. Bibliographisches Institut Mannheim/ Wien / Zürich. Dudden, 1972, S. 46-47.

28. Segundo nos informa Aubrey Lewis, esta foi a opinião do tradutor inglês do livro *O conceito da angústia* de Sören Kierkegaard. Ele preferiu o termo *Dread* como o mais adequado, mas observou que: “We have no word which adequately translates *Angst*”. Citado por Aubrey Lewis, art. cit, p. 75.

b) num segundo registro, *Anxiety* indica um sentimento de apreensão e medo muito intensos, acompanhado de sintomas físicos, tais como tremor, sudorese, palpitações e aumento da pulsação. Ou, então, um desagradável sentimento de desamparo (*Helplessness*) e isolamento, às vezes acompanhado por manifestações fisiológicas de medo. Esse medo é conscientemente calculado pela antecipação do sofrimento, da morte, ou de catástrofes desconhecidas, mas sem uma justificação objetiva suficiente e, fundamentalmente, explicado pela libido recalcada;

c) e, finalmente, num terceiro registro, teríamos o sentido existencialista da palavra *Anxiety*, ou seja, um estado de espírito profundamente perturbado, resultante da confrontação com o nada ou situações-limites que envolvem a responsabilidade de tomar decisões sem a orientação da tradição ou da sociedade.²⁹

Na língua francesa

Não existe grande diferença entre os termos *angoisse* (angústia) e *anxiété* (ansiedade). Eles mutuamente se remetem. O *dicionário alfabético e analógico da língua francesa* de Paul Robert dá as seguintes informações:

a) *Angoisse* (do radical latino *ang* – estreiteza, lugar apertado) significa um mal-estar físico e psíquico, nascido da iminência de um perigo, caracterizado por um medo difuso, que pode ir da inquietação ao pânico, e por sensações dolorosas de constrição epigástrica e laríngea (aperto na garganta). Nada melhor para traduzir essa significação do termo *angoisse* do que a frase de Malraux: “Estranha sensação é a angústia, sente-se no ritmo do coração que se respira mal”. Depois de Kierkegaard e do existencialismo, o termo é usado para traduzir a inquietação metafísica nascida da reflexão sobre a existência.

b) Na palavra *anxiété*, o que se ressalta é a dimensão psíquica do estado de angústia. A ansiedade se opõe, assim, à

29. Cf. *Webster's Third New International Dictionary of the English Language*. Encyclopaedia Britannica (1976).

serenidade, à confiança e à calma em geral. O ansioso é aquele que está atormentado, inquieto, intranquilo.³⁰

Na língua italiana

Angoscia (angústia) e *ansietà* (ansiedade) retomam o par proveniente dos radicais *ang* e *anx*. O termo *angoscia* significa angústia e remete a sentidos equivalentes como aflição, opressão e agonia. O verbo *angosciare*, tanto na forma ativa quanto na forma reflexiva, significa afligir, atormentar, atormentar-se. Já a palavra *ansietà* e a que lhe é sinônima, *ansia*, ressaltam a impaciência e a inquietação. A palavra *ansia* contém também a idéia de um desejo ardente com um quê de preocupação. Tommaseo e Bellini definem *ansietà* “como um estado físico e psíquico, no qual o sofrimento, a dúvida e o desejo nos fazem oscilar entre a ânsia e um princípio de sufocação ou de angústia (*ondeggiare tra l'ansia e un principio d'affanno o d'angoscia*).³¹

Na língua espanhola

Também não existe uma distinção clara entre *angustia* e *ansiedad*. Em geral, a *angustia* significa aflição e a *ansiedad*, um estado de inquietação ou de abatimento. Em espanhol, também se usa frequentemente a palavra *ansia*, que contém a idéia de um ardente desejo. *Ansiar* é desejar com ardor. No *Dicionário da Academia Espanhola*, a palavra *angustia* remete a *afliccion* e *congoja*, enquanto *ansiedad* acentua um estado de inquietação ou de queda de ânimo (*zozobra di animo*). Lopez Ibor observa que *ansiedad* tem uma conotação patológica, que não se encontra na palavra *angustia*.³²

30. Cf. Paul Robert. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française*.

31. Citado por Aubrey Lewis (1979), p. 74.

32. Cf. Aubrey Lewis. *Le vocabulaire de l'angoisse* (1979), p. 74.

Na língua portuguesa

Finalmente, na língua portuguesa também não existe uma clara distinção entre *angústia* e *ansiedade*. Com a palavra *angústia*, articulam-se a idéia de carência, de falta, de restrição e de limite (assim, por exemplo, falamos na *angústia* do espaço e do tempo, na sensação de aperto do coração ou da garganta), bem como o estado de exagerada aflição, de tormenta, ânsia e agonia. Tudo isso pode ser traduzido com a palavra *angústia*. Na palavra *ansiedade*, prevalece o sentimento de incerteza, desejo intenso, perturbação causada pela incerteza ou pelo receio de que sobrevenha alguma desgraça. O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ressalta, certamente com inspiração psicanalítica, a seguinte acepção para a palavra *ansiedade*: “receio sem objeto ou relação com qualquer contexto de perigo e que se prende, na realidade, a causas psicológicas inconscientes”. Com *ansiedade* relaciona-se também a palavra *ânsia* que significa aflição, aspiração, desejo ardente, perturbação do espírito causada pelo receio, agonia e estertor (por exemplo, estar nas *ânsias* da morte).³³

Portanto, nas principais línguas do tronco indo-europeu, existem certamente nuances de sentido diverso entre as palavras *angústia* e *ansiedade*, mas, em geral, elas são empregadas, sobretudo na linguagem coloquial, de modo indiscriminado. O mesmo, porém, parece não ocorrer, quando elas são empregadas como termos técnicos e científicos, no contexto das pesquisas psicopatológicas. É o que passaremos a ver em seguida.

Angústia e ansiedade

Quando abordamos a questão do vocabulário da *angústia* na perspectiva psicanalítica, sempre nos defrontamos com a

33. Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

pergunta: Existe alguma diferença entre angústia e ansiedade? A questão já existia no tempo de Freud e passou a ter importância especial para nós brasileiros, porque a tradução *Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, baseada na *Standard Edition inglesa*, traduziu, sistematicamente, o termo freudiano *Angst* por “ansiedade”. Por isso, vamos abordá-la brevemente, mas antes vejamos o que, nos meios psiquiátricos do tempo de Freud, se dizia sobre essa distinção.

Nos meios psiquiátricos do tempo de Freud

Freud, certamente, sabia que a questão da distinção entre angústia e ansiedade era debatida nos meios psiquiátricos de seu tempo, particularmente na França. Todavia, salvo melhor juízo, não me parece que ele tenha dado importância a essa questão, nem que tenha se preocupado em fazer uma distinção rigorosa entre os dois termos.

No artigo “Obsessões e fobias” (1895), escrito originalmente em francês, ele empregou, indiscriminadamente, *angoisse* (angústia) e *anxiété* (ansiedade). Quando, porém, escrevia na sua língua materna, sua preferência, como, em geral, a dos psiquiatras alemães de seu tempo, era pelo termo *Angst*.

Em algumas passagens, para definir um determinado estado afetivo (*Affektzustand*) dominado por uma angústia maciça e indeterminada, ele emprega a palavra *Ängstlichkeit* (que poderíamos traduzir por “estado de ansiedade”), mas sem muito se preocupar em distingui-la da *Angst*.³⁴ Provavelmente, Freud não estava convencido de que uma distinção rigorosa devesse

34. Assim, por exemplo, quando na Conferência 25 sobre a “Angústia” Freud se refere à angústia infantil, usa, quase na mesma linha, os dois termos. Ele fala da *Ängstlichkeit der Kinder*, vale dizer, da ansiedade das crianças, e se refere também à *infatile Angst*, ou seja, à angústia infantil. Cf. Sigmund Freud. “Die Angst”. In *Vorlesungen zur Einführung in der Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 394. ESB. Vol. XVI, p. 476.

ser feita entre esses dois termos, sobretudo porque uma tal distinção não se encontra na língua alemã.

Em geral, os psiquiatras franceses, no tempo de Freud, viam na angústia uma crise passageira, ao passo que a ansiedade era geralmente considerada como um estado de espírito permanente, em que predominavam os sentimentos de tristeza, de apreensão e de inquietação. O mesmo, ao que parece, ocorre com a psiquiatria contemporânea. Henry Ey, por exemplo, refere-se, no seu *Manual de Psiquiatria*, às “crises de angústia” e ao “estado permanente de ansiedade”.³⁵ Antoine Porot, no *Manual alfabético de psiquiatria*, coloca, lado a lado, os dois termos, e explica que, desde Brissaud (1890), os psiquiatras franceses geralmente faziam uma distinção entre eles. A ansiedade traduziria um *estado* de ordem psíquica e a angústia, uma *crise* de ordem somática.³⁶

Na Standard Edition

Como já foi dito, os editores ingleses da Standard Edition das Obras Completas de Freud traduziram sistematicamente a palavra alemã *Angst* pelo termo inglês *Anxiety*. O próprio James Strachey, tradutor oficial de Freud e organizador da *Standard Edition*, lamenta ter recorrido ao termo *Anxiety*³⁷, pois só muito remotamente o seu sentido corrente tem conexão com qualquer um dos usos do termo alemão *Angst*. Ele justificou sua opção por causa da tradição psiquiátrica inglesa, que, desde o século XIX, vinha consolidando o termo *Anxiety*.

35. Cf. Henry Ey, P. Bernard e Ch. Brisset. *Manuel de psychiatrie*, pp. 442-443.

36. Cf. Antoine Porot. *Manuel alphabétique de psychiatrie*, p. 53.

37. “The word universally, and perhaps unfortunately, adopted for the purpose has been ‘anxiety’ – unfortunately since ‘anxiety’ too has a current everyday meaning, and one which has only a rather remote connection with any of the uses of the German ‘Angst’. Appendix – The term ‘Angst’ and its english translation”. *Standard Edition*. Vol. III, p. 116.

Da mesma forma, Aubrey Lewis, depois de ter feito uma minuciosa pesquisa sobre os problemas que são apresentados pela ambígua palavra *Anxiety*, – quando é usada em Psicopatologia – pôde afirmar claramente: “É evidente que, no sentido em que a palavra usualmente se emprega, é ilusório traduzir *Angst* por *Anxiety*”.³⁸

Resumindo, no vocabulário psiquiátrico do tempo de Freud, era freqüente a distinção entre angústia e ansiedade, particularmente quando se tratava da psiquiatria francesa. O mesmo, porém, não aconteceu na abordagem freudiana. Para Freud, muito mais importante do que esta questão terminológica era discutir o problema da angústia na sua dimensão mais profunda, pela qual ela se inscreve tanto no corpo quanto no psiquismo, como uma experiência fundamental da existência humana. Todavia, parece-me oportuno, antes de encerrar essas considerações sobre o vocabulário da angústia, lembrar, em linhas gerais, o significado da palavra alemã *Angst* e o sentido que ela tem no vocabulário freudiano.

A Angst no vocabulário freudiano

Na língua alemã, a palavra *Angst*, sobretudo quando se trata da língua coloquial, normalmente significa o sentimento do medo. Quando alguém diz: *Ich habe Angst vor etwas*, está querendo dizer: “Eu tenho medo de alguma coisa”. Neste contexto, a palavra *Angst*, indiscutivelmente, é um sinônimo de *Furcht*, que significa medo.

No entanto, mesmo do ponto de vista meramente semântico, a língua alemã conhece uma diferença entre os termos *Angst* e *Furcht*. Como já foi dito antes, o *Dicionário alemão* de Wahrig esclarece que a palavra *Angst* tem sempre a conotação de uma

38. Cf. Aubrey Lewis. “Problems presented by the ambiguous word ‘Anxiety’ as used in psychopathology”, p. 75.

grande preocupação (*eine grosse Sorge*) e inquietação (*Unruhe*) e traduz o sentimento indeterminado e freqüentemente infundado de uma situação de perigo e de ameaça (*Gefühl des Bedrohtseins*) e a reação de defesa ou de fuga diante do perigo ou da ameaça.

A palavra *Furcht* (medo), por sua vez, implica sempre a ameaça de algo determinado, ela poderia ser designada como “o sentimento de ameaça de algo determinado, vinculado ao desejo de defesa ou de fuga, diferentemente da angústia indeterminada”.³⁹ Freud, portanto, não estava longe do uso idiomático (*Sprachgebrauch*) da sua língua materna, quando introduziu, na teoria da angústia, a distinção entre *Angst* e *Furcht*.

Evito aprofundar-me na questão se o nosso uso idiomático (*Sprachgebrauch*) quer designar a mesma coisa ou algo nitidamente diferente com [as palavras] *Angst*, *Furcht* e *Schreck*. Penso, apenas, que *Angst* se refere ao estado e não leva em consideração o objeto (*Angst bezieht sich auf den Zustand und sieht vom Objekt ab*), enquanto *Furcht* dirige a atenção precisamente para o objeto (*während Furcht die Aufmerksamkeit gerade auf das Objekt richtet*).⁴⁰

É verdade que, na perspectiva psicanalítica, não se pode radicalizar esta distinção, pois o próprio Freud nem sempre a ela se ateve. Na fobia do pequeno Hans, por exemplo, a angústia foi projetada num objeto determinado (o cavalo), e, de modo análogo, quando Freud distingue a angústia “realista” da angústia “neurótica”, afirma que a angústia neurótica é uma angústia motivada por causa de um perigo que não conhecemos, ao passo que a angústia “realista” é sempre provocada por um perigo

39. O Dicionário Wahrig assim define a palavra *Furcht*: “Gefühl des Bedrohtseins durch etwas bestimmtes, im Unterschied zur unbestimmten Angst, verbunden mit dem Wunsch, es abzuwehren oder zu fliehen.” Cf. Wahrig, *Deutsches Wörterbuch*. Bertelsmann Lexikon, 1972.

40. Cf. Sigmund Freud. “Die Angst”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, p. 382. ESB. Vol. XVI, p. 461.

que conhecemos, portanto, por um perigo determinado ou específico.⁴¹

Assim sendo, a dimensão indeterminada da angústia não parece ser uma característica de toda e qualquer angústia, mas, tão-somente, daquele estado em que a angústia se apresenta de uma maneira flutuante e maciça, sem se ligar a nenhuma representação. Todavia, neste caso, melhor seria falar de “ansiedade”, em vez de “angústia”.

Foi de um modo semelhante que Freud interpretou a fobia do pequeno Hans na sua fase inicial, antes de, nela, a angústia ligar-se à representação de um objeto determinado. Este estado afetivo de angústia indeterminada é freqüentemente designado, no texto freudiano, com a expressão: *Affektzustand der Ängstlichkeit*, que se poderia traduzir por estado afetivo da ansiedade.

Se, no texto de Freud, nem sempre se pode distinguir “angústia” e “medo” – pois, no sentimento da angústia, quase sempre se encontra também o sentimento do medo –, com mais facilidade se pode distinguir entre “angústia” e “ansiedade”, pois quando Freud se refere ao estado afetivo da ansiedade, o que está em jogo é uma forma de angústia inteiramente indeterminada. Na ansiedade, existe sempre a expectativa de algo que ainda vai acontecer e que não se sabe o que é, nem o que será.

Mas esta dimensão indeterminada da ansiedade é exatamente aquela que o uso idiomático (*Sprachgebrauch*) da língua alemã utiliza para distinguir a angústia (*Angst*) do medo (*Furcht*). Assim sendo, não se pode dizer que angústia e ansiedade sempre se distinguem.

Levando em consideração todos esses aspectos do problema, devemos dizer que dificilmente encontraríamos, na língua alemã e no vocabulário freudiano, uma razão satisfatória para distinguir, nitidamente e sempre, angústia (*Angst*), medo (*Furcht*) e ansiedade (*Ängstlichkeit*). Tem razão, portanto, Luiz

41. Idem, *ibidem*.

Hans quando afirma, no seu denso e profundo estudo sobre o significado do termo *Angst* no alemão de Freud:

Pode-se dizer que *Angst* envolve simultaneamente: o sentido de algo antecipatório (neste sentido, semelhante à “ansiedade”); algo que produz sofrimento (neste sentido, semelhante a “angústia”); um fenômeno de caráter intenso, altamente reativo (neste sentido, significando “medo”); algo que se vincula ao perigo e, muitas vezes, aproxima-se da fobia e do pavor (neste sentido, assemelhando-se a “pânico”).⁴²

No texto freudiano, a *Angst* manifesta-se, quase sempre, como uma reação afetiva diante de uma situação de perigo, perigo este causado por um excesso de excitação, que ameaça romper as barreiras de proteção do organismo e do psiquismo e aniquilar o sujeito. A ameaça pode ser maior ou menor, de conformidade com a capacidade de defesa do ego. Por isso, essa modalidade de angústia manifesta-se como um sentimento de medo que pode ir do simples temor, ou receio, até ao pavor e ao pânico (*Schreck*).

Como veremos no desenrolar desse estudo, o mais importante, para Freud, não é fundamentar as distinções entre a angústia e o medo, nem entre a angústia e a ansiedade, mas distinguir, na angústia, no medo, ou na ansiedade, pouco importa, aquilo que desperta o ego para mobilizar suas defesas e controlar a situação de perigo; caso contrário, o ego será apanhado de improviso e submerso de tal modo pela onda da angústia, a ponto de ficar sem nenhuma chance de controle sobre a situação de perigo. É o que acontece nas experiências traumatizantes.

Resumindo, a *Angst* freudiana pode ser traduzida por angústia, medo, ansiedade e, até, por pânico. Tudo depende do contexto em que o termo se encontra. E, como observa Luiz Hans, Freud emprega o termo *Angst* “ora como designação técnica de um quadro psiquiátrico, ora como descrição

42. Cf. Luiz Hans. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, p. 74.

fenomenológica de sentimentos, ora numa acepção psicanalítica”.⁴³

Assim sendo, podemos concluir que a palavra *Angst*, a qual, na linguagem coloquial, significa normalmente medo, no texto psicanalítico de Freud pode ser traduzida por angústia ou por ansiedade e, vezes até, por pânico ou terror. Quando traduzida por angústia, ela significa um sentimento de inquietação e de sofrimento diante de uma ameaça real ou imaginária, que tanto pode ser específica e determinada, quanto indeterminada e não específica. Na ansiedade, salienta-se a dimensão de uma expectativa ansiosa (*ängstliche Erwartung*), ou a ameaça de uma inquietação que ainda não aconteceu, mas que vai acontecer. No pânico, a *Angst* significa um sentimento de medo, provocado por uma extrema situação de perigo, que inesperadamente domina o ego, sem que este tenha nenhuma chance de poder controlar a situação de perigo em que se encontra. Esta extrema forma de medo e de angústia Freud designa com a palavra *Schreck*.⁴⁴

Oxalá estas observações sobre a *Angst*, na língua alemã e no vocabulário psicanalítico de Freud, nos ajudem a melhor compreender as nuances que muitas vezes o termo assume nos diversos contextos do texto freudiano.

43. Idem, *ibidem*.

44. Voltaremos a falar mais adiante sobre a distinção que Freud estabelece entre os termos *Angst*, *Furcht* e *Schreck*.

Primeira Parte

A angústia inscrita no corpo

*Vosso mais alto saber é apenas uma quimera,
vãos e insensatos médicos; não podeis curar
com vossos grandes nomes latinos
a dor que me desespera.*

Molière

Freud elaborou a primeira teoria da angústia em dois tempos: o primeiro, nos "Manuscritos" enviados a Fliess, nos textos sobre as neuroses atuais e, particularmente, sobre a neurose de angústia (1892-1897), e o segundo, no período da primeira sistematização da teoria psicanalítica (1900-1920). Nesses dois tempos, a angústia foi inscrita no corpo e no psiquismo e conheceu, pode-se dizer, dois destinos diversos.

Com isto, porém, não estou querendo dizer que Freud tenha começado o seu estudo da angústia pelas neuroses atuais, apresentando-nos uma angústia primeiramente inscrita no corpo e, só em seguida, inscrita no psiquismo. Como foi dito na *Introdução*, Freud já tinha se defrontado com o enigma da angústia desde seu trabalho clínico com as histéricas e o primeiro artigo sobre as psiconeuroses de defesa é de 1894, anterior, portanto, ao artigo sobre a neurose de angústia (1895).

É importante ter presente que mesmo quando Freud fala de uma angústia inscrita no corpo sem nenhuma significação psíquica, isto não exclui a existência de uma relação dialética, que, segundo ele próprio, sempre existe entre as neuroses atuais e as psiconeuroses de defesa e, conseqüentemente, entre a angústia inscrita no corpo e a angústia inscrita no

psiquismo.¹ Quando trata das neuroses, ou das atuais ou das psiconeuroses de defesa, o que Freud pretende, antes e acima de tudo, é comprovar a etiologia sexual de todas as formas de neurose. Para ele, ao menos no início, a angústia, de um modo ou de outro, sempre esteve articulada com a sexualidade.

A fase inicial da primeira teoria freudiana da angústia foi elaborada tendo como referencial teórico o modelo econômico dos primeiros escritos e do “Projeto para uma psicologia científica” de 1895,² modelo este ainda fortemente marcado pelas concepções neurofisiológicas do jovem Freud. Ainda não tinha sido feito o “corte epistemológico” que instaurou, como ato fundador, o estatuto científico da psicanálise, separando o mundo das *necessidades vitais*, característico da ciência biológica, do mundo das *fantasias do desejo*, próprio da pesquisa psicanalítica.

É verdade, também, que este “corte epistemológico” não pode ser facilmente determinado com rigor cronológico. Entre o “Projeto” (1895) e o Capítulo VII da *Traumdeutung* (1900), inegavelmente existe uma mudança profunda no estilo e na ma-

1. Por ocasião da discussão deste meu trabalho na Jornada de Estudos do Centro de Psicanálise *Tópos* de João Pessoa, foi-me dito que eu deveria ter dado maior ênfase à dialética que, no texto de Freud, existe entre a angústia inscrita no corpo e a angústia inscrita no psiquismo. Aproveito a ocasião para dizer que o fato de ter distinguido as inscrições como dois destinos diferentes da angústia, em nada diminui a relação dialética que, entre eles, existe e deve existir.
2. Sigmund Freud. “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess” (1950 [1892-1899]). *ESB*, “Projeto para uma psicologia científica”. Vol. I, pp. 381-506. Edição francesa: “Esquisse d’une psychologie scientifique” (1895). In *La naissance de la psychanalyse. Lettres à Wilhelm Fliess. Notes et Plans – 1887-1902*. Trad. Anne Berman. Paris, PUF, 1956, pp. 309-396. O registro econômico, como um dos elementos estruturantes da pesquisa metapsicológica, só encontrará sua significação definitiva quando for introduzido, na teoria do psiquismo, o conceito fundamental (*Grundbegriff*) de pulsão (*Trieb*), o que será feito a partir dos “Três ensaios sobre a teoria sexual” em 1905.

neira com a qual Freud aborda sua pesquisa psicanalítica. O vocabulário neurológico é substituído pelo vocabulário psicológico, os “neurônios” são substituídos pelas “representações” e os sistemas ϕ (phi), ψ (psi) e ω (ômega) cedem lugar aos sistemas Cs (consciente), Pcs (preconsciente) e Ics (inconsciente). Mas, daí não se segue que o “Freud neurologista” tenha desaparecido completamente e não tenha mais se manifestado depois do “Projeto”. Seria simplificar demais um problema que é muito complexo. Em textos anteriores ao “Projeto” – como, por exemplo, o artigo sobre as Afasias³ e o artigo sobre as paralisias motoras⁴ –, já vemos, em ação, um Freud que dificilmente poderia ser considerado como um neurologista e, em textos posteriores como, por exemplo, no livro *Além do princípio do prazer*, encontramos passagens, nas quais o “Freud neurologista” parece ter ascendência sobre o “Freud psicanalista”. O que não se pode deixar de reconhecer é que, desde o abandono da teoria da sedução sexual precoce (1897), Freud começa a fazer, da realidade psíquica e do mundo das fantasias, o campo específico da pesquisa psicanalítica.

Na primeira fase da abordagem freudiana da angústia, o corpo tem um lugar de realce. Evidentemente que não se trata apenas do corpo orgânico ou biológico. Em psicanálise, o corpo em questão é sempre o “corpo erógeno”, ou seja, o corpo que, de um modo ou de outro, já é objeto de investimento libidinal. É verdade que nem sempre o que é vivido por este corpo, libidinalmente investido, pode ser representado ou simbolizado pelo sujeito. Por esta razão, nem tudo aquilo que o “corpo fala”

-
3. Sigmund Freud. “Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie” (1891). Este texto passou despercebido e só ultimamente vem recebendo a atenção que merece. Cf. Luiz Alfredo Garcia Roza. *Introdução à metapsicologia freudiana – I. Sobre as Afasias e o Projeto de 1895*.
 4. Sigmund Freud. “Alguns pontos para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas” (1893 [1888-1893]). *ESB*. Vol. I, pp. 219-241.

pode ser traduzido em palavras ou manifestado através de sintomas. Fala-se, em psicopatologia, do “silêncio dos órgãos”.⁵ E isto tem um impacto muito grande sobre a clínica psicanalítica do corpo e, particularmente, sobre a clínica da angústia, como veremos logo mais. Freud reconstruiu teoricamente a natureza da angústia inscrita no espaço do corpo, a partir da linguagem dos sintomas das neuroses atuais e, de modo muito particular, dos sintomas da *Angstneurose*, ou seja, da neurose de angústia.

Todavia, na abordagem freudiana da angústia, no contexto das neuroses atuais, não estava ainda em questão o corpo habitado pela linguagem e representado pelas fantasias do desejo, ou pelos representantes psíquicos das pulsões. Quando o corpo é, assim, representado e investido, ele se torna um “corpo próprio”, suporte físico do mundo interior, que é o mundo de nossa realidade psíquica.⁶

Tudo isso fica mais claro se situarmos este primeiro destino da angústia no seu devido contexto teórico e clínico. Desde o início, a angústia foi inscrita no corpo e no psiquismo. A ênfase dada, ora à inscrição no corpo, ora ao registro do psiquismo, depende do contexto no qual a angústia é abordada. No contexto das neuroses atuais, o que prevalece é a inscrição no corpo. No contexto das psiconeuroses, é a inscrição no psiquismo. Por isso, vejamos, rapidamente, o contexto teórico-clínico do primeiro destino da abordagem freudiana da angústia, no qual a angústia se inscreve no corpo.

-
5. Nos casos clínicos, característicos de certos doentes somáticos, o “silêncio dos órgãos” indica uma anestesia do corpo libidinal. Veja-se sobre isto a tese de doutorado de Maria Helena Fernandes: “A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: uma clínica psicanalítica do corpo”, realizada no *Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse* da Universidade de Paris VII, sob a orientação de Pierre Fédida.
 6. Sobre a passagem do corpo biológico para o corpo habitado pela linguagem, passagem fundadora da pesquisa psicanalítica propriamente dita, cf. o que escrevi em *Freud: aproximações*, pp. 127-134.

Contexto teórico e clínico

Este contexto poderia ser situado entre 1893 e 1897, ou seja, entre os primeiros escritos psicanalíticos propriamente ditos (1893) e o abandono da teoria do “traumatismo sexual precoce” (1897), teoria esta que serviu de modelo para a primeira tentativa freudiana de elaboração do estatuto psicanalítico da neurose.

Articulando os conceitos de traumatismo, sexualidade e recalque, Freud elaborou uma primeira explicação psicanalítica da psicogênese da neurose, servindo-se, como referencial teórico, do modelo da *teoria da sedução sexual precoce*, à qual teria sido submetido todo neurótico nos anos de sua infância.

Tratava-se, segundo o relato das pacientes, de uma sedução sexual feita por um adulto (geralmente o próprio pai da criança), cujo efeito patogênico, todavia, não aparecia logo no ato da sedução real, mas *só depois* (*nachträglich*), quando a criança entrava na fase da puberdade. Ou, dito de outro modo, o trauma sofrido pela criança só podia ser simbolizado depois, quando a criança fosse capaz de dar um sentido ao trauma de que fora vítima. Assim, *só depois* a experiência traumática da sedução sexual precoce recebia sua quota de afeto traumatizante e patógeno.

Foi esta teoria que Freud abandonou, quando escreveu a Fliess, na carta de 21 de setembro de 1897, que não acreditava mais em sua *Neurótica*: “E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica”.⁷

7. E Freud aponta as razões de sua descrença: “O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar uma única análise a uma conclusão real (...) Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de perverso (...) Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto”. Cf. Carta de Freud a Fliess, escrita aos 21 de setembro de 1897. In *A correspondência completa de Sigmund Freud para W. Fliess (1887-1904)*, p. 265.

Portanto, todas as preocupações teóricas e clínicas de Freud, no momento em que fez a primeira abordagem da teoria da angústia, giravam em torno da elaboração de uma teoria das neuroses. Ele acreditava que esta descoberta projetaria seu nome no mundo da ciência e, ao mesmo tempo, dar-lhe-ia recursos para sair da situação financeira difícil em que se encontrava. Onde seu entusiasmo pelo estudo da neurose. Quando Freud estagiou em Paris com Charcot, o célebre Mestre da Salpêtrière lhe fizera compreender que sobre o sistema nervoso já não havia muita coisa a pesquisar. O campo que se abria como um desafio, para os pesquisadores, era o da neurose.

Na clínica, Freud já tinha abandonado o método catártico de Breuer⁸ e estava em vias de descobrir e estabelecer o seu método terapêutico próprio, cuja regra fundamental era a livre associação das idéias.⁹

-
8. O método catártico foi criado por Breuer e consistia essencialmente no fato de o terapeuta submeter o paciente a uma ligeira hipnose, a fim de que este falasse das coisas desagradáveis, que, em estado de vigília, normalmente não conseguia lembrar. Sob hipnose, esta dificuldade desaparecia com relativa facilidade, ao menos nos clientes mais facilmente hipnotizáveis. Freud, no entanto, logo constatou que a hipnose não superava nem vencias as resistências, mas apenas as colocava entre parênteses. Por isso, apesar da facilidade com a qual o cliente falava sob hipnose e do quase milagroso desaparecimento dos sintomas, ficou provado que os sintomas logo reapareciam. Isto era uma confirmação de que as resistências não tinham sido vencidas. Esta foi a razão principal que levou Freud a abandonar o método catártico e o uso da hipnose, e tentar outros caminhos para descobrir o núcleo patogênico dos distúrbios psíquicos, através dos quais se manifestava a neurose.
9. No capítulo IV do livro *Estudos sobre a histeria* (1895), escrito com a colaboração de Breuer, o próprio Freud faz um sugestivo resumo da evolução de sua técnica terapêutica, e mostra como, depois de abandonar o método catártico, ele tentou um artifício técnico de pressionar a testa dos clientes para fazê-los recordar o que haviam esquecido. Uma vez que o artifício não tinha sucesso, posto que a insistência reforçava a resistência, Freud finalmente chegou à descoberta das associações livres, que se tornou a regra fundamental do seu método terapêutico. A esta, que se tornou a regra fundamental do analisando, Freud fez corresponder a “escuta livremente flutuante” do analista.

No campo teórico, ele trabalhava em duas frentes: na primeira, colhia o resultado de vários anos de pesquisa clínica com as histéricas e escrevia, com a colaboração de Joseph Breuer, o livro *Estudos sobre a histeria* (1895)¹⁰ e, na segunda, pesquisando o enigmático mundo das neuroses atuais, ele defendia seu ponto de vista próprio, não compartilhado por Breuer, de que a sexualidade era a causa específica das neuroses.

No livro sobre a histeria, Freud começou a conquistar sua autonomia teórica, posto que ao se afastar da histeria hipnóide¹¹ – que antes abraçara sob a influência de seu amigo e colaborador Breuer –, ele passou a defender um novo modo de ver a histeria. Até então, sob a influência de Breuer, Freud também falava de histeria hipnóide e de histeria de retenção.¹² As representações insuportáveis, ligadas ao trauma, formavam um “corpo estranho” no psiquismo, uma espécie de “quisto”, porquanto não se articulavam com o resto da vida psíquica.

10. L. Breuer, S. Freud. *Studien über Hysterie* (1895). Deste livro a *Studienausgabe* publicou apenas a parte IV – “Zur Psychotherapie der Hysterie” – no *Ergänzungsband*, S.37. Na ESB, o livro *Estudos sobre a histeria* encontra-se no Volume II.

11. A expressão “histeria hipnóide” traduz a maneira como Breuer via a histeria. Para Freud, ela era uma das possíveis formas de histeria (ao lado da histeria de retenção e da histeria de defesa). A histeria hipnóide tinha sua origem nos *estados hipnóides*, nos quais determinados conteúdos de consciência (relacionados com o trauma) não se associavam ao resto da vida psíquica, formando, assim, grupos de associação separados e operando, desse modo, uma clivagem no seio da vida psíquica.

12. Como a própria palavra sugere, na “histeria de *retenção*”, Freud inicialmente ressaltava, como fator etiológico, a impossibilidade de ab-reação do trauma. As representações ligadas ao trauma não podiam ser ab-reagidas, seja por causa de condições sociais desfavoráveis, seja por causa da constituição do próprio sujeito. Não sendo ab-reagidas, elas ficavam “retidas”. Donde o nome de “histeria de retenção”. Mas Freud logo descobriu que isto se devia ao mecanismo da defesa, e a expressão “Histeria de defesa” passou a designar sua maneira própria de conceber a histeria.

As psiconeuroses de defesa

O conceito de *psiconeuroses de defesa* – que Freud designava com a expressão *Abwehr-Neuropsychosen*, ou seja, *neuropsicoses de defesa* – teve uma importância fundamental nos primeiros escritos psicanalíticos. Primeiramente, as psiconeuroses de defesa formavam uma classe de neurose, que era diferente das neuroses atuais. Enquanto estas revelavam uma disfunção atual da vida sexual, expressa em sintomas somáticos, e tinham, nesses distúrbios, a sua causa etiológica, as psiconeuroses lidavam com símbolos mnêmicos de conflitos psíquicos não adequadamente resolvidos, que remontavam à história infantil dos clientes. Para dizê-lo com as próprias palavras de Freud:

... os eventos e influências que estão na raiz de toda psiconeurose pertencem não ao momento presente, mas a uma época da vida há muito passada, que é como se fosse uma época pré-histórica – época da infância inicial; e eis por que o paciente nada sabe deles. Ele os esqueceu – embora apenas em um certo sentido.¹³

Além disso, o termo ressaltava o papel essencial da defesa na gênese da neurose. Freud designou, com o nome de *psiconeuroses de defesa*, a histeria, a fobia e a neurose obsessiva, neuroses estas que ele depois denominou de *neuroses de transferência*. Mas o seu estudo incluía também distúrbios, os quais, depois, passaram a ser considerados psicoses, como, por exemplo, a melancolia, a paranóia e as psicoses alucinatórias.¹⁴

A palavra *neuropsicose*, utilizada por Freud, demonstra que ele não estava preocupado, nesse momento do desenvolvimento de seu pensamento teórico, em fazer uma distinção nosográfica entre neurose e psicose. Por isso, num mesmo texto, as neuroses e as psicoses eram trabalhadas, simultaneamente, no conflito

13. Cf. Sigmund Freud. “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898). *ESB*. Vol. III, pp. 293-294.

14. Ver a esse respeito os artigos de 1894 e 1896 sobre as “neuropsicoses de defesa”. Cf. Sigmund Freud. *ESB*. Vol. III, pp. 75-88 e pp. 187-216.

psíquico, como diferentes formas de defesa. O nome *psiconeurose* enfatizava a dimensão psicológica do conflito, em oposição à dimensão somática das neuroses atuais, e foi o que terminou prevalecendo na terminologia psicanalítica.

O trabalho com Breuer, por um lado, garantiu a possibilidade de Freud poder falar e ser ouvido no meio acadêmico e médico de Viena; mas, por outro lado, constrangia-o bastante, pois Breuer não acreditava que se pudesse dar tanta importância à sexualidade na gênese da neurose. A colaboração terminou por causa deste impasse.

As neuroses atuais

Deixando de trabalhar com Breuer, Freud sentiu o gosto amargo do isolamento por um tempo bastante longo. Desacreditado em Viena e desconhecido no exterior, ele passou a fazer sozinho suas pesquisas no campo da sexualidade e se dedicou ao estudo das neuroses atuais,¹⁵ e, entre elas, de modo particular, à neurose de angústia.¹⁶ Duas foram as razões principais que motivaram esta escolha: primeiramente, definir, do ponto de vista nosológico e nosográfico, a etiologia e os mecanismos da neu-

15. Para Freud, na etiologia das *neuroses atuais*, a causa era atual. Tratava-se de um distúrbio presente e atual e de uma dificuldade real no campo da excitação sexual que não conseguia encontrar sua expressão simbólica, porque não era trabalhada psiquicamente. Por esta razão sua sintomatologia era somática. Não sendo trabalhada psiquicamente, a tensão sexual diretamente se transformava em angústia. Os sintomas corporais das neuroses atuais, quando falavam a linguagem da angústia, falavam uma linguagem exclusivamente do corpo, desprovida de qualquer significação psíquica. Como dizia Freud, os sintomas das neuroses atuais não tinham nenhuma significação psíquica. Cf. Sigmund Freud. "Die gemeine Nervosität" (1916). In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA. Band I, 375. ESB. Vol. XVI, p. 451.

16. Cf. Sigmund Freud. *Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen*. (1895). SA. Band VI, 25-49. ESB. Vol. III, pp. 103-140.

rose de angústia, distinguindo-a da neurastenia;¹⁷ e, em segundo lugar, a esperança de que as neuroses atuais e, sobretudo, a neurose de angústia mais facilmente confirmassem a teoria da sedução sexual precoce, com a qual Freud queria explicar a psicogênese da neurose. A confirmação não se deu, mas Freud ficou cada vez mais convencido de que a sexualidade era a causa específica das neuroses.

O estudo da *neurastenia* estava na ordem do dia, quando Freud se empenhou em distingui-la, nosográfica e nosologicamente, da neurose de angústia. O americano Beard falava da “neurastenia sexual” como de uma síndrome de teor depressivo, crônica, com predominância de distúrbios corporais difusos e com desordens funcionais. A astenia permanente se manifestava principalmente ao despertar e, às vezes, melhorava no fim do dia.

Mas Freud separava, da neurastenia, um complexo sintomático que ele designou como *Angstneurose*. A expressão teve boa acolhida nos meios psiquiátricos e centrava todas as manifestações sintomáticas da doença (tais como o sobressalto, a inquietude, a expectativa ansiosa, os ataques de angústia, a vertigem, uma maior sensibilidade à dor etc.) em torno do sentimento da angústia. Os sintomas da neurose de angústia eram manifestações imediatas da angústia ou seus equivalentes.

A angústia na neurose de angústia

O estudo da neurose de angústia, como vimos, não confirmou a teoria da sedução sexual precoce, mas sem sombra de dúvida convenceu Freud de que *a angústia estava intimamente ligada com a sexualidade*. Esta convicção já aparece esboçada no *Manuscrito B*, provavelmente de 1892, no qual Freud escreve:

17. Veja o que Freud escreve sobre a neurastenia nos Manuscritos A e B enviados a Fliess. Cf. Sigmund Freud. “Manuscrito A” (sem data e sem título) e “Manuscrito B sobre a Etiologia das neuroses” (1893). In Sigmund Freud. *La naissance de la psychanalyse*. Paris, PUF, 1956.

Sabe-se, em geral, que a neurastenia é com frequência decorrente de uma sexualidade anormal. Mas o que defendo, o que gostaria de poder confirmar através de observações é que a neurastenia nada mais é do que uma neurose sexual.¹⁸

No “Manuscrito E”, enviado a Fliess provavelmente em 1894, pode-se ler: “Ficou claro para mim que a angústia de meus neuróticos tem muito a ver com a sexualidade (...) O que produz a angústia é um fator físico da vida sexual”. Mais ainda: neste “Manuscrito E”, já se encontra o essencial da tese defendida por Freud, no artigo de 1895, sobre a neurose de angústia. Neste artigo, graças à minuciosa análise de uma grande quantidade de exemplos clínicos, Freud defende a tese que explica a natureza da angústia como a transformação imediata de uma tensão sexual psiquicamente não-elaborada. A angústia é um *déficit* de libido psíquica e um excesso de libido física psiquicamente não-elaborada.

Que nos baste esta passagem:

Na neurose de angústia (...) a tensão física cresce, alcança seu valor de umbral com o qual pode despertar o afeto psíquico [Freud já havia dito que só quando a tensão atinge um certo limiar, é que pode despertar o afeto psíquico], mas, por algumas razões, a elaboração psíquica, que é oferecida, permanece insuficiente, é impossível chegar à formação de um afeto sexual porque faltam para isso as condições psíquicas; assim a tensão física não ligada psiquicamente se muda em angústia.¹⁹

O artigo sobre a neurose de angústia é, inegavelmente, a fonte mais importante para o estudo do primeiro destino da angústia na psicanálise freudiana. Fundamentalmente, a questão posta por Freud é a seguinte: “De onde vem e como se manifesta a angústia na neurose de angústia?” No artigo de 1895, ele mostra que a angústia se manifesta como uma “energia livremente flutuante”,

18. Cf. Sigmund Freud. *La naissance de la psychanalyse*, p. 61.

19. Cf. Sigmund Freud. “Manuscrito E”: “Como se origina a angústia?”. A frase entre colchetes foi acrescentada por mim. O “Manuscrito E”, praticamente, é um esboço do artigo de 1895 sobre a neurose de angústia.

a qual gera uma “expectativa ansiosa” (*eine ängstliche Erwartung*), e ataques de angústia (*Angstanfälle*) com repercussões somáticas e neurovegetativas. Por ser indeterminada, a angústia pode se ligar a qualquer objeto. Quanto mais indeterminada, tanto mais insuportável parece a angústia, porque o perigo pode esconder-se em toda parte e a segurança e proteção em parte alguma.

Déficit de libido psíquica

Mas a primeira explicação teórica da natureza da angústia foi feita quando Freud descobriu que este estado de “expectativa ansiosa” era o resultado de um acúmulo de excitação ou de tensão física sexual, que não pôde ser devidamente descarregada, ou ab-reagida, por falta de uma elaboração psíquica adequada, capaz de ligar a excitação sexual aos seus respectivos representantes pulsionais, que lhe dariam uma significação psíquica, e que a transformariam num verdadeiro afeto. Assim sendo, a angústia, na neurose de angústia, é pura descarga de uma excitação sexual acumulada que não encontrou um modo de ab-reação adequado.²⁰

20. Parece inegável que, neste momento do desenvolvimento de seu pensamento psicanalítico, Freud não concebe a angústia como um *fenômeno primário*, ela é resultante da transformação da excitação sexual que não pôde ser ab-reagida. A não-ab-reação da *libido física* estaria, portanto, na origem da neurose de angústia. Quando isto acontece no plano da *libido psíquica*, ou seja, quando a libido psíquica que se torna afeto não é ligada às suas representações, o afeto pode ter vários destinos e, entre estes, o destino de se transformar em angústia. No “Manuscrito G”, dedicado ao estudo da Melancolia, Freud estabelece uma relação entre a melancolia e a não-ab-reação da libido psíquica. Por isso, “a melancolia ocorre, tipicamente, em combinação com intensa angústia”. Cf. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*, p. 98. Quanto ao que Freud diz sobre a melancolia na Correspondência com Fliess e nos principais textos de sua Obra, cf. Urania Tourinho Peres. “*Dúvida melancólica, dívida melancólica e vida melancólica*”. In Urania Tourinho Peres (org.). *Melancolia*, pp. 11-71.

Poder-se-ia ver, nesta conclusão de Freud, uma aplicação do princípio de constância. Todas as vezes que o nível homeostático ótimo é ultrapassado por um excesso de tensão e quando esta tensão não encontra uma ab-reação adequada, em vez do prazer a que se destina a tensão, o que resulta é o desprazer. No caso, a angústia.

Elaboração psíquica

O conceito de *elaboração* psíquica (*psychische Verarbeitung*) é um conceito fundamental da metapsicologia freudiana e teve um papel de destaque nos primeiros escritos. Ele está correlacionado com a idéia de um psiquismo concebido como um aparelho, uma espécie de máquina que se põe a trabalhar. Freud chamou a atenção para algumas modalidades desse trabalho e frisou sua importância para o equilíbrio da vida psíquica. Assim acontece com o trabalho do sonho (*Traumarbeit*), que é a essência mesma do sonho, e com o trabalho de luto (*Trauerarbeit*), sem o qual o sofrimento da perda do objeto, que provoca o luto, se transforma em melancolia. Isto também acontece no enquadramento analítico, naquilo que Freud denomina de *Durcharbeitung* (perlaboração), trabalho indispensável, sem o qual a análise não pode atingir seu objetivo.

O trabalho de elaboração psíquica pode ser feito em diversos níveis. Há um nível mais simples, aquele que liga, ou desliga, a energia psíquica a determinados conteúdos representativos, e há níveis mais complexos, como aqueles que ligam as representações, ou grupos de representações, formando *cadeias de significação* entre as representações ligadas.²¹ Isso mostra o papel que teve o conceito de elaboração psíquica na primeira abordagem freudiana da angústia.

21. Ver o que sobre isso escreve Jean Laplanche no livro *L'angoisse*, pp. 36-37.

As duas faces da libido

Neste primeiro destino da angústia, a *libido* aparece como um conceito econômico com duas faces: uma quantitativa e outra qualitativa. As duas faces da libido (física e psíquica) antecipam o que Freud vai dizer depois sobre o conceito-fronteiriço (*Grenzbegriff*) da pulsão (*Trieb*), que articula também dois mundos: o somático e o psíquico. A *libido*, na sua face física, é um “quantum energético” que pode aumentar e diminuir, ser “de mais”, ou ser “de menos”. Na sua face psíquica, ela é qualitativa, pois existe na medida em que é ligada às representações psíquicas, fruto da elaboração do trabalho do aparelho psíquico, e se manifesta sob a forma do prazer ou do desprazer.²²

Nas neuroses atuais e, particularmente, na neurose de angústia, por falta de uma elaboração psíquica, ou como dizia Freud na época, por causa da ausência da *libido psíquica*, os sintomas somáticos tomavam o primeiro plano da cena clínica, porquanto era, através deles, que se descarregava a excitação sexual.

A linguagem dos sintomas

Dada a indeterminação da *expectativa ansiosa*, qualquer acontecimento pode transformar-se em um ataque de angústia (*Angstanfall*). Muitas vezes, esses ataques de angústia não têm conteúdo representativo algum. Trata-se daqueles casos em que a pessoa se angustia, mas não sabe o porquê da angústia. Ou, então, são casos que têm algum conteúdo representativo, mas

22. Para maiores esclarecimentos sobre as duas faces da libido, a libido física e a libido psíquica, no contexto da doutrina freudiana da angústia, ver o livro de Jean Laplanche. *L'angoisse*, p. 36. Este livro é uma referência indispensável para quem deseja estudar a teoria freudiana da angústia.

muito vago (como, por exemplo, o sentimento de um acabrunhamento generalizado, um medo irracional de ficar louco etc.). Ou, ainda, o que quase sempre acontece, a excitação se liga a distúrbios do corpo (respiração, batimentos cardíacos, sudorese etc.).

Essas manifestações corporais, que sempre acompanham a experiência de satisfação do prazer sexual como *manifestações secundárias*, tomam, nos ataques de angústia da neurose de angústia, o primeiro plano da cena e se transformam nos seus sintomas. Ou como escrevia Freud no “Manuscrito E”:

... se examinarmos mais detidamente os sintomas da neurose de angústia, encontraremos nela os componentes separados de um grande ataque de ansiedade: ou seja dispnéia isoladamente, palpitações isoladamente, sensação de ansiedade isoladamente, ou uma combinação desses elementos. Vistas mais de perto, estas são as vias de inervação que a tensão psicosexual comumente percorre, mesmo quando ela está por ser transformada psiquicamente. A dispnéia e as palpitações fazem parte do coito; e, conquanto sejam habitualmente utilizadas somente como vias auxiliares de descarga, nisto, por assim dizer, servem como as únicas saídas para a excitação.²³

Num trabalho posterior sobre “O nervosismo comum”, Freud excogitou a hipótese de uma *teoria tóxica* das neuroses atuais. Os seus sintomas seriam comparáveis a uma verdadeira auto-intoxicação, graças à barragem de circulação de certas substâncias hormonais. Assim sendo, eles não seriam objeto da pesquisa psicanalítica, mas da pesquisa médico-biológica. Eis o que escreve Freud:

Os problemas das neuroses atuais, cujos sintomas provavelmente se originam diretamente de um prejuízo tóxico (*toxische Schädigung*), não oferecem à psicanálise nenhum ponto de referência. Somente pouca coisa ela pode fazer para seu

23. Cf. Sigmund Freud. “Manuscrito E”. In *ESB*. Vol. I, p. 268.

esclarecimento e deve deixar a tarefa à pesquisa biológica e médica.²⁴

Trinta anos depois, lançando um olhar retrospectivo sobre esses tempos iniciais da sua teoria da angústia, Freud observa, no *Estudo Autobiográfico (Selbstdarstellung)*, que, mesmo quando concebia os sintomas da neurose de angústia como “conseqüências tóxicas diretas da química sexual perturbada”, não era sua intenção, afirmando isso, negar a existência do conflito psíquico e dos complexos neuróticos na neurastenia e na neurose de angústia. Ele se limitava a dizer que os sintomas desses doentes não eram psiquicamente determinados, nem suscetíveis de serem resolvidos analiticamente.²⁵

As “neuroses mistas”

Não é meu propósito fazer, aqui, uma avaliação crítica do que Freud escreveu sobre a neurose de angústia, nem se o que sobre ela escreveu é ainda válido, ou se sua fenomenologia e sintomatologia correspondem a novos quadros nosográficos da nossa clínica contemporânea, como as doenças psicossomáticas e os sintomas do chamado transtorno do pânico. Como veremos logo mais, a teoria freudiana das neuroses atuais e, particularmente, o que ele escreveu sobre a neurose de angústia são referências teóricas muito valiosas para o estudo dessas doenças da clínica contemporânea.

24. Cf. Sigmund Freud. “Die gemeine Nervosität”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 377. ESB. Vol. XVI, p. 453. “É curioso notar – observa Jacques André – que por uma dessas astúcias familiares à história das ciências, a referência à ‘toxicidade’ (*toxicité*) esteja no centro dos desenvolvimentos biológicos mais recentes sobre a angústia.” Prefácio à tradução francesa do livro de Freud. *Inhibition, symptôme et angoisse*. Paris, Quadrige/PUF.

25. Cf. Sigmund Freud. “Um estudo autobiográfico”. ESB. Vol. XX, p. 39.

Todavia, pode-se perguntar: uma vez que, na estruturação do ser humano, o registro da corporalidade é dialeticamente “suprassumido” (*aufgehoben*) no registro do psiquismo, será que tem sentido falar-se de um sintoma puramente somático, sem nenhuma significação psíquica? Além do mais, será que se pode falar de um “atual” que se esgote no “aqui e agora” do tempo presente, como pretendia Freud, quando se referia às neuroses atuais? No “acontecer”, que é o existir humano, não há futuro sem presente, nem presente sem passado. Presente, passado e futuro relacionam-se entre si de um modo inextricável. O homem não pode projetar o futuro sem assumir o presente, porque é no presente que se projeta o futuro, mas, de outra parte, para assumir o presente, ele tem que estar reconciliado com o passado, porque o passado de hoje foi o presente de ontem.

Como quer que seja, vale a pena lembrar que, para Freud, não existem as “neuroses puras”, mas, sim, as “neuroses mistas”. Assim sendo, é quase impossível conceber uma neurose atual que se esgote no presente sem ligação alguma com o passado e que seja puramente atual. Nem também se poderia pensar uma psicose que não tivesse repercussão no aqui e agora do tempo presente.

O paradoxo clínico das neuroses atuais

Este primeiro destino da angústia na teoria freudiana põe em destaque o grande paradoxo clínico das neuroses atuais. De fato, precisamente porque *o alto nível de excitação sexual*, no registro do corpo, não é suficientemente ab-reagido nem psiquicamente elaborado, a ele corresponde *um baixo nível de desejo*, pois este aborta na própria fonte da pulsão.²⁶ A tensão sexual converte-se em angústia quando não é transformada em afeto pela elaboração psíquica.

26. Cf. Serge André. *O que quer uma mulher?*

A elaboração psíquica, que liga a indeterminação da excitação sexual a determinados conteúdos representativos, é um freio que a atividade do aparelho psíquico põe ao deslizamento ininterrupto dos significantes do desejo. No registro dos processos psíquicos primários, esse deslizamento é constante, porque a energia psíquica é desligada e, uma vez que não se prende a nenhum conteúdo representativo, ela pode ser deslocada sobre toda e qualquer representação.

Somente quando é ligada aos representantes psíquicos da pulsão, a excitação sexual pode tornar-se uma vivência de prazer, na qual se encontra o próprio objetivo da pulsão. Quando isso não acontece, a excitação sexual congela-se no corpo e manifesta-se sob a forma da angústia.²⁷

A angústia hipocondríaca

Um belo exemplo desta somatização vazia de conteúdo significativo é a angústia hipocondríaca. Não foi sem razão que Freud introduziu a hipocondria entre as neuroses atuais. No “Manuscrito B”, quando faz uma alusão à angústia, inscrita no corpo, ele nomeia explicitamente a hipocondria.²⁸ O hipocondrí-

27. “A causa mais comum (*die gewöhnlichste Ursache*) da neurose de angústia é a excitação frustrada (*frustrane Erregung*). Uma excitação libidinosa é provocada, mas não encontra satisfação e a libido não se aplica (*wird nicht verwendet*). Então, no lugar desta libido desviada de sua aplicação, surge a ansiedade (*tritt dann die Ängstlichkeit auf*).” Cf. Sigmund Freud. “Angst und Triebleben”. In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1933). SA. Band I, 518. ESB. Vol. XXII, p. 105. Note-se que, aqui, Freud usa o termo *Ängstlichkeit* (ansiedade) como sinônimo de *Angst* (angústia).

28. “A neurose de angústia pode manifestar-se sob duas formas: no estado crônico e nos acessos de angústia. (...) Os sintomas crônicos são: 1) A ansiedade relativa ao corpo (hipocondria); 2) A ansiedade relativa às funções físicas (agorafobia, claustrofobia, vertigem das alturas); 3) Ansiedade a propósito das decisões a serem tomadas e da memória (loucura da dúvida, ruminações mentais, etc.).” Cf. Sigmund Freud. *La naissance de la psychanalyse* (1956), p. 64.

co, quando fala de sua dor somática, procura expressões e, de um modo inexaurível,

... recusa qualquer descrição de suas dores proposta pelo médico, mesmo quando a exatidão desta é depois indubitavelmente reconhecida. Ele pensa que a linguagem é pobre demais para expressar suas sensações, que são qualquer coisa de único, sem precedentes, das quais seria inteiramente impossível dar uma descrição exaustiva. Eis por que ele nunca se cansa de acrescentar sempre novos detalhes e, quando deve ser interrompido, é dominado pela impressão de não se ter feito compreender pelo médico.²⁹

O que o hipocondríaco sente é impossível de ser nomeado, porque sua dor se inscreve no “real de um corpo não-simbolizável”. Nada valem os discursos dos médicos, pois a angústia hipocondríaca inscreve-se como um significante vazio num corpo que não é habitado pela linguagem.³⁰ Portanto, na neurose de angústia e nas neuroses atuais, entre as quais Freud colocou a hipocondria, os sintomas somáticos, porque não elaborados psiquicamente, não falam a linguagem do desejo, pois não tiveram acesso ao mundo da simbolização. Eles falam a linguagem vazia da angústia, sob a forma indeterminada de uma “expectativa ansiosa” e é através dessa pseudolingagem de um corpo ainda não habitado pela linguagem que se descarrega a tensão sexual física não elaborada psiquicamente.

Com isto não estamos querendo dizer que a angústia hipocondríaca nos remeta a um corpo libidinalmente anestesiado. Pelo contrário. Retirando sua libido dos objetos e recolocando-a no ego, o hipocondríaco tem um ego-corpo libidinalmente muito investido. Mas o que lhe diz este seu corpo libidinalmente

29. J. Breuer, S. Freud. *Estudos sobre a histeria* (1895). ESB. Vol. II, pp. 185-186.

30. Veja-se o que sobre o discurso hipocondríaco foi dito no meu artigo “Somatização e simbolização: seus destinos na psicopatologia freudiana”. In Zeferino Rocha. *Freud: aproximações*, pp. 123-164.

investido, ele não sabe traduzir em palavras. Por isso, o “doente imaginário” de Molière disse, muito bem, o que sente o hipocondríaco:

Vosso mais alto saber é apenas uma quimera
Vãos e insensatos médicos;
Não podeis curar com vossos grandes nomes latinos
A dor que me desespera.³¹

Foi esta a primeira tentativa de sistematização teórica, feita por Freud, para decifrar o enigma e a natureza da angústia. A angústia é de natureza sexual, pois resulta de uma transformação direta da libido física, que, por falta de elaboração psíquica, não pôde ser aplicada nem investida nos representantes psíquicos da pulsão para se tornar uma autêntica experiência de prazer.

Quando inscreveu a angústia no psiquismo, o próprio Freud deixou cair no esquecimento o interesse inicial demonstrado pelo estudo das neuroses atuais. Estas praticamente não se tornaram mais objeto de pesquisa no desenrolar da Obra de Freud. Sua atenção e seu interesse clínico voltaram-se, quase com exclusividade, para o estudo das psiconeuroses de defesa, que se tornaram, estas sim, o campo da pesquisa psicanalítica.

Hoje, no entanto, o estudo das neuroses atuais parece ter adquirido uma inesperada atualidade, quando alguns estudiosos delas fizeram um referencial teórico para o estudo de algumas doenças que estão ocupando o primeiro plano da cena psicoterápica contemporânea.³² Por isso, antes de abordar a segunda etapa desta primeira teoria freudiana da angústia, vou investigar rapidamente se o que Freud escreveu sobre as neuroses atuais (e particularmente sobre a neurose de angústia) é, ainda

31. Molière. *O doente imaginário*. Citado por Serge André. *O que quer uma mulher?*, p. 135.

32. Veja-se, a este respeito, o interessante livro *Psicossoma. Psicossomática psicanalítica* (1997), especialmente os artigos da Primeira Parte sobre “Psicanálise e psicossomática”, pp. 15-69.

hoje, válido e útil para nos ajudar a compreender o que a Psicopatologia contemporânea designa como doenças psicossomáticas e doenças de transtorno do pânico.

Angústia e doença psicossomática

Não se trata, naturalmente, de querer fazer das doenças psicossomáticas novas formas de neurose de angústia. A neurose de angústia, como Freud a entendia, era, em última análise, uma “excitação sexual frustrada”, ou, como ele próprio disse: “*a neurose de angústia é a libido sexual transformada*”,³³ o que não se poderia generalizar para as doenças psicossomáticas. Pelo contrário, as pesquisas psicossomáticas, com maior frequência, descobrem que a etiologia mais profunda de sua patologia remonta às relações mãe-bebê e trabalham a hipótese “de uma falha da mãe como função de pára-excitação do bebê, o que constitui um traumatismo vivenciado na primeira infância, antes mesmo da aquisição da palavra”.³⁴

Já se disse, e com razão, que Freud não deu o devido realce ao recalque do elemento agressivo nas neuroses atuais³⁵ e o elemento agressivo tem um papel fundamental na etiologia das doenças psicossomáticas. Da mesma forma, na etiologia das neuroses de angústia, Freud colocou em evidência, quase que exclusivamente, a dimensão atual dos distúrbios sexuais. A angústia da neurose de angústia era uma vivência do aqui e agora e seus sintomas não remetiam, como símbolos mnésicos, a acontecimentos da história passada do indivíduo. Ora, isso

33. “Sigmund Freud, Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud”, 1877-1897. *ESB*. Vol. III, p. 278. Grifo de Freud.

34. Cf. Flávio Carvalho Ferraz. “Das neuroses atuais à psicossomática”. In *Psicossoma. Psicossomática psicanalítica*, p. 32

35. Cf. Jean Laplanche et J-B. Pontalis. *Vocabulaire de la psychanalyse*, p. 272.

também, como acabamos de ver, não se aplica às doenças psicossomáticas. Portanto, não teria sentido querer identificar neurose de angústia e doença psicossomática.

E, no entanto, alguns elementos que foram ressaltados por Freud na sintomatologia e na explicação psicanalítica das neuroses atuais são de grande utilidade clínica para uma melhor compreensão das doenças psicossomáticas. Entre esses elementos, o mais significativo é o congelamento dos sintomas no corpo, por falta de uma “elaboração psíquica” adequada.

De fato, nas doenças psicossomáticas, a somatização é ela também uma manifestação da impossibilidade de elaboração psíquica. Pierre Marty, que à frente do Instituto de Psicossomática de Paris, é um dos principais teóricos da Psicossomática contemporânea, lembra que um grau pobre de mentalização deixa o corpo entregue a uma linguagem primitiva muito pobre, que não é outra senão a linguagem da somatização. Flávio Ferraz resumiu, muito bem, o pensamento do autor de *Mentalisation et psychossomatique*³⁶ quando escreveu:

Pode-se dizer, *grosso modo*, que, para ele, uma boa mentalização protege o corpo das descargas de excitação, à medida que esta encontra abrigo nas representações existentes no pré-consciente. Um grau pobre de mentalização, ao contrário, deixa o corpo biológico desprotegido, entregue a uma linguagem primitiva basicamente somática. As representações psíquicas, bases da vida mental, são responsáveis pela existência das fantasias e dos sonhos, longas vias associativas que permitem o escoamento das excitações, dando-lhes um substrato propriamente psíquico.³⁷

Outro elemento fundamental, tanto nas neuroses atuais quanto nas doenças psicossomáticas, e que é uma consequência imediata do que foi dito antes, é a ausência de simbolização. Nas neuroses atuais, a excitação sexual é transformada diretamente

36. Pierre Marty. *Mentalisation et psychossomatique*. Paris, Delagrangue, 1991.

37. Cf. Flávio Carvalho Ferraz. “Das Neuroses atuais à psicossomática”. In *Psicossoma. Psicossomática psicanalítica*, p. 30.

em angústia e se inscreve, assim, no corpo, precisamente por falta de uma mediatização simbólica. Os seus sintomas não são formações substitutivas de representações recalçadas. O mesmo se deve dizer das doenças psicossomáticas.

Quando há mediatização simbólica e elaboração psíquica, as respostas aos estímulos e às tensões são mais evoluídas e as ações são mais orientadas por esses recursos psíquicos. Na ausência deles, o aparelho psíquico usa respostas mais rudimentares da ordem da motricidade, que são respostas mais agidas do que pensadas, ou, então, recorre a uma linguagem puramente somática. Uma mentalização insuficiente vem sempre acompanhada por uma ausência quase completa de vida onírica e fantasmática e de distúrbios do comportamento.

Outras consequências da ausência de simbolização ou da pobreza de mentalização são: a pobreza da linguagem, a importância do fático e do pensamento pragmático que se encarregam da adaptação ao meio, a indiferença às relações interpessoais, a pobreza dos investimentos objetivos, inclusive da transferência na relação terapêutica, o comportamento adaptativo automático, o desligamento do passado e a falta de projeção para o futuro.

Resumindo, inegavelmente a pesquisa psicossomática vem se beneficiando bastante com a visão psicanalítica do psiquismo e do funcionamento do psiquismo. O que Freud escreveu sobre as neuroses atuais ajuda bastante a compreender que o corpo possa sofrer, precisamente, por não poder elaborar psiquicamente o seu sofrimento. O fato de o sintoma inscrever-se no corpo, sem poder ter acesso ao psiquismo, representa, inegavelmente, uma ajuda extraordinária para se compreender o enigmático mundo da angústia psicossomática.

A angústia e o transtorno de pânico

Quem estuda os sintomas da neurose de angústia, descritos por Freud em 1895 – ao apagar das luzes do século XIX, quando

o mundo ocidental estava mergulhado naquilo que se convencionou chamar de “espírito do fim do século”³⁸ –, não pode deixar de observar a impressionante analogia que eles têm com os sintomas de uma doença atual, que a psiquiatria americana diagnosticou como “transtorno do pânico”. Esta sintomatologia comum pode ser resumida no seguinte: “crises súbitas de ansiedade aparentemente inexplicáveis, como sensação de morte imediata, medo de ficar louco, de perder o controle de si, acompanhados de sintomas físicos intensos e assustadores, como taquicardia, faltas de ar, sufocação, opressão torácica, tremores, vertigens etc.”.³⁹

Trata-se de uma mera e simples coincidência? Ou, antes, não seria o caso de se falar de uma experiência cultural vivida em dois contextos inteiramente distintos, mas ambos marcados, cada um a seu modo, pelo problema da angústia e do desamparo? O transtorno do pânico aparece igualmente no momento em que vivemos as incertezas e apreensões de um fim de século que é também um fim de milênio.

Assim sendo, será que a velha doutrina freudiana sobre a neurose de angústia, elaborada em 1895, pode, ainda hoje, ser útil, de alguma forma, para uma abordagem psicanalítica do transtorno do pânico? Mário Eduardo Costa Pereira, especialista

38. Veja-se o que, sobre este “espírito do fim do século”, escreve H. Ellenberger no seu magistral *The Discovery of the Unconscious. The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*, pp. 281-284. Ellenberger, entre outras coisas, chama a atenção para o pessimismo que dominava as elites intelectuais da época, graças sobretudo aos escritos de Schopenhauer. Ele lembra também o espírito exótico, excêntrico e anti-natural, em flagrante oposição ao culto do Romantismo à Natureza; as vagas de misticismo e de falso espiritualismo, o rigorismo moral graças aos resquícios da era vitoriana que ainda dominavam a Europa e assim por diante. Este “espírito de fim de século” (*esprit de fin de siècle*) prevaleceu, sobretudo, nas grandes cidades de Paris e de Viena.

39. Cf. Mário Eduardo Costa Pereira. “O pânico e os fins da psicanálise: a noção de desamparo no pensamento de Lacan”. In *Percursos*, n. 19, 2/1997, pp. 29-36.

na matéria, que escreveu um magistral estudo sobre a abordagem psicanalítica do pânico à luz da metapsicologia do desamparo,⁴⁰ acredita que no ataque de angústia (*Angstanfall*), descrito na teoria freudiana da neurose de angústia, encontram-se “as raízes freudianas da descrição do transtorno do pânico”.⁴¹ Vejamos, rapidamente, o que justifica se poder propor uma analogia entre essas duas formas de experiência de angústia.

Os ataques de angústia

No seu estudo sobre a neurose de angústia, Freud deu um destaque particular aos ataques de angústia (*Angstanfälle*). Esses ataques, tanto aqueles que foram vividos na sua experiência pessoal, quanto os estudados na clínica, levaram-no a fazer uma distinção entre a neurose de angústia e a neurastenia. Ao menos assim lhe pareceu, quando trinta anos depois, lançando um olhar retrospectivo sobre sua vida e obra, escreveu na *Autobiografia*:

Uma observação mais detida sugeriu-me que era possível escolher, dentre a confusão dos quadros clínicos encobertos pela designação de neurastenia, dois tipos fundamentalmente diferentes, que podem surgir em qualquer grau de mistura, mas que, não obstante, iriam ser observados em suas formas puras. Em um dos tipos, a manifestação central era o ataque de ansiedade (*Angstanfall*) com seus equivalentes, formas rudimentares e sintomas substitutivos crônicos; em consequência, dei-lhe a denominação de *neurose de angústia*, limitando o termo de *neurastenia* ao outro tipo.⁴²

De acordo com o que foi dito sobre a neurose de angústia, o que caracteriza os *Angstanfälle* (ataques de angústia) é a tensão

40. Cf. Mário Eduardo Costa Pereira. *Pânico e desamparo*.

41. Cf. o capítulo 5 do livro de Mário Eduardo Costa Pereira. *Pânico: contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico*, pp. 63-87.

42. Sigmund Freud. “Um estudo autobiográfico” (1925). *ESB*. Vol. XX, 37. Grifos de Freud.

sexual muito intensa que eles possuem sem contar com uma elaboração psíquica adequada. Donde a urgência de ligá-los a uma rede representacional qualquer para que se tornem menos inquietantes. Mário Eduardo Costa Pereira chama a atenção para o caráter precário e arbitrário dessas representações, tanto nos ataques de angústia como nos ataques de pânico. Elas “parecem ter sido acrescentadas *in extremis* à lembrança da experiência, como uma tentativa desesperada do sujeito para conseguir uma certa apreensão sobre os acessos, para atribuir-lhes um sentido, ou seja, para restituir ao indivíduo algum modo de controle da situação”.

Algo semelhante aconteceria com as pessoas que sofrem o ataque do pânico. Elas também se agarram às sensações corporais sentidas durante o ataque como a uma tentativa de representar a angústia e “antes agarrar-se a este aspecto apreensível, corporal do ataque, do que permanecer em um *nonsense* absoluto e num vazio pavoroso”.⁴³

Outro elemento que parece justificar a analogia entre as duas formas de angústia, seja a do ataque de angústia seja a do ataque do pânico, é o elemento desencadeador da crise que, no dizer de Mário Eduardo Costa Pereira, “é relacionado a acontecimentos de separação brutal de seres muito próximos ou de perturbações em situações que até então representavam segurança e proteção para o sujeito”.⁴⁴

Existe uma relação muito profunda entre a ausência de elaboração psíquica da tensão sexual intensa e ameaçadora do ataque de angústia que foge inteiramente ao controle do sujeito e a situação que Freud irá definir depois como uma situação de desamparo (*Hilflosigkeit*). Etimologicamente, a palavra *Hilflosigkeit* indica o estado de incompleta incapacidade em que se encontra o sujeito de poder ajudar-se a si mesmo com seus

43. Cf. Mário Eduardo Costa Pereira. *Pânico: contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico*, p. 74.

44. Idem, *ibidem*, p. 77.

próprios recursos. A situação prototípica do desamparo é a do recém-nascido, mas ela se repete em toda situação de perigo, na qual o sujeito se debate com a possibilidade de falência de sua organização psíquica.⁴⁵ É neste contexto que Freud situa o pânico, essa forma extrema de angústia que ele chamou de *Schreck*, termo este que se pode traduzir por terror ou pânico. No pânico, o sujeito é invadido por um excesso de angústia que o submerge e paralisa, deixando-o, portanto, desamparado.

Sem me deter, agora, no estudo desses termos que serão retomados mais adiante, quando estudarmos a angústia no registro do psiquismo e a reformulação que Freud fez de sua teoria, notemos apenas que o que ele escreveu sobre os ataques de angústia (*Angstanfälle*), sobretudo se relacionado com o que diz sobre o desamparo, ajuda bastante para uma compreensão psicanalítica dos ataques de transtorno do pânico. Possivelmente, o transtorno do pânico é uma tentativa desesperada para representar de alguma forma a inominável angústia do desamparo na sua forma extrema que é a angústia da morte e do nada. No sintoma de estar morrendo e de estar se distanciando de si, o sujeito dominado pelo pânico estaria, talvez, tentando desesperadamente ligar, de alguma forma, esta angústia traumatizante do desamparo, que ameaça desmoronar sua organização psíquica.

Vejamos, agora, como Freud deu continuidade à teorização da angústia, passando do registro da neurose de angústia para o da Histeria de Angústia, ou seja, passando do registro do corpo para o do psiquismo.

45. A articulação teórica e clínica do transtorno do pânico com o desamparo foi trabalhada por Mário Eduardo Costa Pereira no seu livro: *Pânico e desamparo*. Veja-se também o artigo de Maria de Fátima Cavalcante di Matteo. "A falha do desejo no transtorno do pânico". In *Psicanalítica*. Publicação do Círculo Psicanalítico de Pernambuco e da Sociedade Psicanalítica da Paraíba. Revista n. 6, Ano VI, 1998, pp. 48-53.

Segunda Parte

A angústia no registro do psiquismo

*“Tante, sprich doch zu mir, ich fürchte mich.”
“Aber, was hast Du davon? Du siehst mich ja nicht.”
[...] “Wenn jemand spricht, wird es heller.”*

Freud*

* “Tia, fala comigo, estou com medo”. – “Mas de que te adiantaria? Tu não me vêes.” [...] “Quando alguém fala, fica mais claro”. Sigmund Freud, “*Die Angst*.” In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916-17). SA. Band I, p. 393.

Por causa do *déficit de libido psíquica*, os sintomas da neurose de angústia não têm acesso ao mundo da simbolização e se congelam no aqui e agora da somatização. Pois bem, é a entrada em cena da *libido psíquica* – oposta, nos primeiros escritos, à *excitação sexual física* que Freud chama também de *libido física* – que vai comandar um outro destino da angústia na Metapsicologia freudiana. Sem deixar de ser inscrita no corpo, a *Angst* passa, sobretudo, a ser estudada no registro da vida psíquica.

Novo contexto teórico-clínico

O contexto teórico-clínico deste novo destino da angústia é o mesmo que possibilitou a Freud fazer a passagem, nos seus estudos psicopatológicos, do mundo das neuroses atuais para o campo das psiconeuroses de defesa, ou, mais precisamente, a passagem do estudo da *Neurose de Angústia* para o da *Histeria de Angústia*.

Fundamentalmente, esse contexto foi constituído pela sistematização freudiana da primeira tópica e da primeira teoria das pulsões, e, sobretudo, pelo estudo metapsicológico do recalque e da histeria de angústia. Devem também ser lembrados

os casos clínicos publicados nesse período, particularmente o caso do Pequeno Hans (1905), o do Homem dos Ratos (1909) e o do Homem dos Lobos (1918).

Inegavelmente, com esta passagem do mundo somático para o mundo psíquico, a reflexão freudiana descobre um campo de pesquisa muito mais amplo e muito mais interessante para decifrar o enigma da angústia. Ao manifestar-se, no psiquismo, a angústia deixa de ser um significante vazio e adquire um verdadeiro sentido. Ora, isso alarga muitíssimo o campo das primeiras formulações freudianas, nas quais a angústia se reduzia a uma descarga da tensão sexual sem nenhuma significação psíquica.

Mas os sintomas das neuroses atuais – uma pressão na cabeça, uma sensação dolorosa, um estado de irritação em um órgão, o enfraquecimento ou a inibição de uma função – não têm “sentido” algum (*haben keinen “Sinn”*), nenhuma significação psíquica (*keine psychische Bedeutung*). Não somente se exteriorizam predominantemente no corpo (como o fazem também, por exemplo, os sintomas histéricos) mas eles mesmos são processos inteiramente corporais (*sie sind auch selbst durchaus körpliche Vorgänge*), em cuja gênese faltam todos os complexos mecanismos anímicos (*alle die komplizierten seelischen Mechanismen*) de que tomamos conhecimento.¹

A angústia pulsional (*Triebangst*)

Neste novo contexto teórico-clínico, Freud ressalta, particularmente, o papel da *Triebangst*, ou seja, da angústia pulsional nos conflitos que estão na base das psiconeuroses de defesa, em geral, e, de modo particular, na Histeria de Angústia.

1. Cf. Sigmund Freud. “Die gemeine Nervosität” (1916). In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA. Band I, 375. ESB. Vol. XVI. p. 451.

E esse procedimento foi de suma importância para o trabalho de sistematização teórica da angústia.

Sem deixar de lado a abordagem econômica que caracterizou o primeiro destino da angústia, Freud ressalta, agora, a dimensão tópico-dinâmica, graças ao lugar de destaque que atribui aos destinos da representação e do afeto no contexto de sua teoria metapsicológica do recalque.

Para uma metapsicologia do recalque

No momento em que colocou em destaque a angústia pulsional (*Triebangst*), Freud simultaneamente pôs em evidência o perigo pulsional (*Triebgefahr*), graças ao conceito de sexualidade que dominou a primeira tópica.² Sem ser designado por este termo, o perigo pulsional já ocupava o centro das reflexões freudianas na abordagem da angústia feita no contexto das neuroses atuais. De fato, os estímulos (*Reize*) e excitações (*Erregungen*) muito fortes, não psiquicamente elaborados, representavam um perigo para o ego. Não sendo psiquicamente ligadas, as excitações sexuais eram descarregadas no corpo, o que era sentido, pelo sujeito, como um ataque, uma ameaça, um perigo.

O perigo pulsional (*Triebgefahr*)

Pois bem, é este perigo que Freud vai, agora, chamar de *Triebgefahr*, ou seja, de perigo pulsional. Um perigo causado por uma ameaça que não vem de fora, mas de dentro, e que, por

2. Na primeira Tópica, a sexualidade representava a força perturbadora contra a qual o ego, como agente de defesa, estava sempre defendendo os interesses da personalidade. Com a reformulação da teoria das pulsões e a introdução da pulsão de morte, a força perturbadora e demoníaca deixou de ser a pulsão sexual e passou a ser a pulsão de morte e de destruição.

consequente, não pode ser solucionado pela fuga. É contra este perigo pulsional que o ego constrói o mecanismo defensivo do recalque. Não é de admirar, portanto, que a abordagem metapsicológica do recalque tenha trazido uma contribuição especial para o estudo deste novo destino da angústia na Psicopatologia freudiana.

De fato, como não se pode fugir da moção pulsional nem pela fuga (pois ninguém pode fugir de si mesmo) nem através de um juízo de condenação (pois a moção de desejo é inconsciente), só resta ao ego o mecanismo do recalque, como meio adequado de defesa diante do perigo que, para ele, representa a moção pulsional (*Triebregung*).

Representação e afeto

A pulsão (*Trieb*), que tem sua fonte no corpo, não tem acesso ao psiquismo senão através de algo que a represente. Este algo deve ser entendido como um representante que a pulsão delega para representá-lo no psiquismo. Freud o designa como representante psíquico da pulsão (*Triebrepräsentanz*) e distingue, nele, dois aspectos: um ideativo e outro afetivo. Não se trata de uma distinção meramente formal, pois ela responde a uma exigência da experiência clínica. De fato, a clínica confirma que representação e afeto podem ser independentes um do outro. Um afeto pode reproduzir-se sem sua representação, uma vez que pode deslocar-se sobre outras representações e, de outro lado, por ocasião do recalque, a representação se separa de seu afeto.

Para designar o aspecto ideativo ou representativo da pulsão, Freud utiliza dois termos que querem dizer a mesma coisa: *Vorstellung* (representação) e *Repräsentanz* (representação no sentido de delegação). Por isso, Freud, às vezes, usa também o termo *Repräsentant*, no lugar de *Repräsentanz*, e os une, numa só palavra, para traduzir aquilo que representa a pulsão no registro da representação, da idéia, ou do conceito. O aspecto afetivo é determinado pela expressão *Affektbetrag des*

Repräsentanz, ou seja, a quota de afeto do representante psíquico da pulsão. O termo *Vorstellungsrepräsentanz* – que, na sugestão de Laplanche e Pontalis, pode ser traduzido por representante-representação³ – é, pois, o conteúdo representativo, ou ideativo, que representa a pulsão no registro da representação. Ao passo que a quota de afeto, ou o *Affektbetrag*, como diz Freud, representa a pulsão no registro do afeto. Este último aspecto é, para Freud, o elemento mais importante do processo do recalque:

Nós nos lembramos de que o motivo e o objetivo do recalque nada mais são do que o ato de evitar o desprazer. Daí se segue que o destino da quantidade de afeto do representante [psíquico da pulsão] é muito mais importante do que o destino da representação e que ele decide (*entscheidet*) sobre o juízo do processo do recalque (*über die Beurteilung des Verdrängungsvorganges*). Se um recalque não consegue impedir o aparecimento dos sentimentos de desprazer ou de angústia (*Unlustempfindungen oder Angst*), então podemos dizer que ele fracassou (*missglückt*), mesmo que tenha alcançado seu objetivo, no que se refere à parte da representação.⁴

É, sobretudo, quando aborda o problema metapsicológico do representante afetivo da pulsão que Freud faz trabalhar o conceito de angústia. Por ocasião do recalque, o representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*) separa-se da quantidade de afeto com a qual estava ligado e goza de certa independência. A quantidade de afeto pode, então, ser deslocada sobre outras representações, ou ser isolada com seu conteúdo afetivo inibido. Freud explica que o representante afetivo da

3. Jean Laplanche e Jean Baptiste Pontalis. *Vocabulaire de la psychanalyse*. 1966. Sobre a tradução do termo *Vorstellungsrepräsentanz*, ver o que escreve Luiz Alfredo Garcia-Roza no seu livro *Introdução à Metapsicologia freudiana* – 3, pp. 264-269.

4. Sigmund Freud. “Die Verdrängung” (1915). *SA*. Band III, 114. *ESB*. Vol. XIV, p. 177.

pulsão pode ter vários destinos e, entre eles, o mais freqüente e o mais importante é transformar-se em angústia.

O recalque, causa da angústia

Em virtude da transformação do afeto em angústia – transformação esta na qual, durante muito tempo, Freud via o segredo e a essência da angústia – o recalque adquire um papel de destaque neste novo destino da angústia. É o recalque a causa da angústia, pois esta automaticamente aparece e surge quando a libido é recalçada.

Esta tese que parecia tão razoável e, metapsicologicamente, tão bem fundamentada, foi posta em questão por Freud, quando, à luz da segunda tópica, o lugar da angústia foi repensado e (re)situado em relação ao ego. Ele confessa, então, que embora a tese da transformação quase automática da angústia, a partir da libido recalçada, lhe parecesse bem fundada, ele, na realidade, jamais conseguira explicar de que modo essa transformação se fazia:

Antes, eu não estava em condição de dizer como uma tal transformação se realiza.⁵

A articulação da angústia com a libido recalçada leva Freud a analisar, mais detalhadamente, a função defensiva da angústia, porquanto o recalque sempre está relacionado a uma situação de perigo, e o perigo, em questão, é, geralmente, o perigo pulsional.

Essa função defensiva da angústia será, depois, minuciosamente reexaminada na reformulação da teoria em 1926, mas Freud a ela já se refere no texto da 25ª conferência das *Conferências introdutórias à psicanálise*, pronunciadas na

5. "Ich konnte auch früher nicht angeben wie sich eine solche Umwandlung vollzieht" Sigmund Freud. *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) SA. Band VI, 253. ESB. Vol. XX. pp. 131-133.

Universidade de Viena em 1916.⁶ Por isso, esse texto merece ser cuidadosamente analisado, pois ele representa um momento de destaque na trajetória freudiana da elaboração do conceito psicanalítico de angústia. Mas, antes, vejamos como se manifesta a angústia na Histeria de Angústia, no contexto do estudo metapsicológico do recalque.

A angústia na histeria de angústia

O próprio Freud descreveu, detalhadamente, o modo como a angústia se manifesta na Histeria de Angústia, ao abordar o estudo da tópica e dinâmica do recalque, no capítulo quarto de seu texto metapsicológico de 1915 sobre o Inconsciente. A primeira fase do fenômeno fóbico, quase sempre, passa despercebida, ou é negligenciada, mas é bem conhecida por uma acurada observação. Ela consiste no fato de que a angústia surge sem que seja percebido de onde ela veio, ou o que a motiva (*Angst auftritt, ohne daß wahrgenommen würde, wovor*).⁷ E continua:

Deve-se admitir que no *Ics* existia uma moção amorosa, que exigia uma transposição para o sistema *Pcs*; mas, o investimento que, partindo desse sistema, lhe é aplicado, dele se retira segundo a modalidade de uma tentativa de fuga e o investimento libidinal inconsciente da representação rechaçada é descarregado sob forma de angústia.⁸

6. Cf. Sigmund Freud. "Angst". In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychanalyse* (1916). SA. Band I, 380-397. ESB. Vol. XVI, pp. 457-480.

7. Sigmund Freud. "Das Unbewusste" (1915). SA. Band III, 141. ESB. Vol. XIV, p. 209.

8. "Es ist anzunehmen, daß im *Ubw* eine Liebesregung vorhanden war, die nach der Umsetzung ins System *Vbw* verlangte; aber die von diesem System her ihr zugewendete Besetzung zog sich nach Art eines Fluchtversuches von ihr zurück, und die unbewusste Libidobesetzung der zurückgewiesenen Vorstellung wurde als Angst abgeführt." Sigmund Freud. "Das Unbewusste" (1915). SA. Band III, 141.

Foi esta modalidade de angústia que se apoderou do pequeno Hans, quando, naquele passeio feito com a empregada, começando a se sentir angustiado, pediu-lhe que o levasse para casa, pois queria “receber carinho” de sua mamãe. Pouco antes, ele sonhara que a sua mamãe tinha ido embora e ele ficara sozinho sem poder acariciá-la (*Zum “Schmeicheln” = lieblosen*).⁹

Na segunda fase, a angústia, até então indeterminada, liga-se a uma representação substitutiva. No caso do pequeno Hans, esta representação foi o cavalo. No dia seguinte ao passeio com a empregada, a mãe decidiu levá-lo pessoalmente para passear, “a fim de observar o que o atormentava”. Ela escolheu um lugar que Hans gostava muito de freqüentar. Mas novamente a angústia o dominou e, de volta, ele disse à mãe: “Eu tinha medo que um cavalo me mordesse”. A angústia indeterminada é, assim, ligada pela representação do cavalo, formação substitutiva da representação inconsciente recalcada, que está na origem da angústia de Hans.

Eis como Freud explica, metapsicologicamente, esta segunda manifestação da angústia no processo da Histeria de Angústia:

O investimento (Pcs), sob a modalidade de uma fuga (*die fliehende [vbw] Besetzung*), dirige-se para uma representação substitutiva (*Ersatzvorstellung*), a qual, de um lado, é associada à representação rechaçada e, de outro, por causa de seu afastamento desta representação, é subtraída ao recalque (*substituição por deslocamento*), e permite uma racionalização do ainda não inibível desenvolvimento da angústia (*der noch unhemmbaren Angstentwicklung*).¹⁰

A representação substitutiva funciona para o sistema consciente-preconsciente como um contra-investimento (*Gegenbesetzung*), pois

9. Cf. Sigmund Freud. “Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben” [“Der Kleine Hans”] (1909). SA. Band VIII, pp. 26-27. ESB. Vol. X, pp. 34-35.

10. Sigmund Freud. “Das Unbewusste” (1915). SA. III, p. 141. ESB. Vol. XIV, p. 209.

protege-o da emergência da representação recalçada, e se comporta como se fosse o ponto de partida da liberação do afeto de angústia (*Angstaffektentbindung*). Entra em cena, portanto, o objeto fóbico, ou fobogênico, que é um representante simbólico da representação recalçada que está na base do conflito.

Mas, nem o processo do recalque nem o contra-investimento da formação substitutiva neutraliza a angústia fóbica. Por isso, Freud introduz uma terceira fase nas manifestações da angústia na Histeria de Angústia. Trata-se da angústia que provém da formação substitutiva. Para inibir o seu desenvolvimento, o mecanismo do contra-investimento vai ter uma nova aplicação, ou seja, novas medidas defensivas vão ser criadas, medidas de evitamento para proteger o fóbico do objeto fobogênico. Essas medidas defensivas visam isolar a representação substitutiva e dela afastar tudo aquilo que, de algum modo, com ela possa entrar em relação. Mas Freud adverte que “essas precauções naturalmente só protegem contra excitações que chegam à representação substitutiva, vindas do exterior, por meio da percepção; mas jamais contra a moção pulsional (*Triebregung*), que alcança a representação substitutiva por causa de sua conexão com a representação recalçada”.¹¹ E conclui:

Portanto, os contra-investimentos só começam a agir, quando o substituto (*Ersatz*) assume verdadeiramente a representação do recalçado (*die Vertretung des Verdrängten*), mas eles nunca podem agir de modo inteiramente confiável. Em cada acréscimo da excitação pulsional (*Trieberregung*) deve a muralha protetora das representações substitutivas avançar um passo a mais. Toda a construção, que, de maneira análoga, nas outras neuroses é estabelecida, recebe o nome de uma *fobia*. Os evitamentos (*Vermeidungen*), renúncias (*Verzichte*) e proibições (*Verbote*), nos quais se reconhece a Histeria de Angústia, são a expressão da fuga diante do investimento consciente da representação substitutiva.¹²

11. Cf. Sigmund Freud. “Das Unbewusste” (1915). SA. Band III, 142. ESB. Vol. XIV, pp. 210-211.

12. Idem, ibidem.

A terceira fase repete a segunda numa maior escala. Da mesma forma que, antes, pela formação substitutiva, o ego se defendia da emergência da representação recalcada, agora ele se defende da formação substitutiva pelo contra-investimento de todo o ambiente, que, de alguma forma, se associa à formação substitutiva. Freud ainda adverte que todos esses mecanismos de defesa que são colocados em ação na construção fóbica supõem “uma projeção do perigo pulsional para o exterior (*eine Projektion der Triebgefahr nach aussen*)”. E observa:

O ego comporta-se de tal maneira, como se o perigo do desenvolvimento da angústia não ameaçasse a partir de uma moção pulsional, mas de uma percepção, e, por isso, pode reagir contra este perigo exterior com as tentativas de fuga dos evitamentos fóbicos. Com este processo do recalque, uma coisa se consegue: o desligamento da angústia (*die Entbindung von Angst*) pode, de algum modo, ser contido, mas somente com severos sacrifícios para a liberdade pessoal (*unter schweren Opfern an persönlicher Freiheit*). Em geral, as tentativas de fuga das exigências pulsionais (*Fluchtversuche vor Triebansprüchen*) são inúteis (*nutzlos*) e o resultado da fuga fóbica permanece insatisfatório (*unbefriedigend*).¹³

À luz do que Freud diz sobre as manifestações da angústia na Histeria de Angústia, compreende-se melhor por que a angústia e o medo centralizam toda a vida do fóbico. O fóbico tem medo de deixar de ter medo, porque o objeto fóbico “fobogeniza” toda sua vida. O espaço fóbico faz medo porque, nele, a qualquer instante, pode surgir o objeto fobogênico. E porque o perigo pode surgir de qualquer parte e a qualquer momento, a proteção não se encontra em parte alguma. O fóbico se defende evitando o perigo e, portanto, delimitando e restringindo, cada vez mais, seu espaço. E, como frisou Freud, esta delimitação do espaço é paga com um preço muito elevado, ou seja, o preço da liberdade pessoal do fóbico.

13. Sigmund Freud. “Das Unbewusste” (1915). SA. Band III, 143. ESB. Vol. XIV, p. 211.

Mas deixemos a Histeria de Angústia e voltemos a considerar a função defensiva da angústia, analisando, brevemente, o texto intermediário da 25ª conferência das *Vorlesungen*.

A 25ª conferência, um texto-ponte

A 25ª conferência das *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* é, como observa Laplanche, um texto intermediário, um texto-ponte diria eu, pois liga o que foi dito sobre a angústia nos primeiros escritos de 1894 e 1895 ao que vai ser dito depois, principalmente no livro *Inibição, sintoma e angústia* de 1926.

Tudo o que Freud diz, nesta conferência, gira em torno da distinção entre a *Realangst*¹⁴ (angústia diante de um perigo real externo que conscientemente se percebe) e a *neurotische Angst* (angústia neurótica que aparentemente nada justifica).

14. Não é fácil traduzir o termo alemão *Realangst*. Angústia-real, angústia realista, angústia diante de um perigo real, angústia do Real? Todas estas traduções podem se dizer corretas. Se levarmos em consideração que, no termo alemão, a palavra *Real* é um substantivo, a tradução “angústia realista” não parece muito feliz. Aqui, no contexto da primeira teoria freudiana da angústia, vamos traduzir *Realangst* por angústia-real. Neste contexto, Freud, quase sempre, usa o termo em oposição à angústia neurótica. Neste caso, a *Realangst* remete a alguma coisa da ordem da realidade externa e empírica. Todavia, não se pode esquecer que a angústia neurótica é também real, pois a realidade psíquica é tão real quanto a realidade material e externa. Assim sendo, a angústia-real não é mais real do que a angústia neurótica, mas ela se situa no registro da realidade exterior, enquanto a angústia neurótica coloca-se no registro da imaginação e da fantasia. Por ocasião da reformulação da teoria, parece que o termo *Realangst* recebeu uma outra conotação, e passou a ser utilizado para traduzir algo da ordem do inacessível e do irrepresentável, algo da ordem do Real como o entendia Lacan. Voltaremos a falar disso, mais adiante, na terceira parte do livro.

Restringindo-me ao essencial, vou ressaltar apenas os tópicos que me parecem mais importantes e característicos desse texto, que nos oferecem referências teóricas básicas para pôr em destaque este novo destino da angústia, quando esta, sem deixar de ser inscrita no corpo, inscreve-se também no psiquismo e entra no mundo da simbolização. Os tópicos que me parecem mais importantes são os seguintes:

- a) primeiramente, a distinção entre a angústia-real (*Realangst*) e a angústia neurótica (*neurotische Angst*);
- b) depois, a distinção entre os dois modos de desenvolvimento da reação da angústia diante de um perigo real: a *Angstbereitschaft*,¹⁵ vale dizer, o estado de prontidão e de disposição que prepara para o perigo, e a *Angstentwicklung*, ou seja, o processo de desenvolvimento da angústia. Este processo pode limitar-se a produzir um sinal, o qual tem, como finalidade, mobilizar as defesas do ego, a fim de que a reação de angústia seja controlada. Quando isto acontece temos a *Angstbereitschaft*. Caso contrário, o desenvolvimento da libido domina todo o quadro da reação da angústia e se torna paralisante, sem nenhuma finalidade adaptativa;
- c) a relação da angústia (*Angst*) com dois outros sentimentos que muito têm a ver com ela, ou seja, o medo (*Furcht*) e o pavor (*Schreck*);
- d) e, finalmente, as reflexões de Freud sobre a angústia infantil e sua relação com o estado de angústia dos adultos.

Angústia-real (*Realangst*)

A complexidade do problema da angústia já aparece na maneira como Freud define a *Realangst* no contexto de sua primeira teoria da angústia. Por um lado, diz ele, nada é mais

15. O substantivo alemão *Bereitschaft* significa prontidão, disposição. Pois bem, é este estado de prontidão que prepara o ego para se defender contra os perigos tanto externos quanto internos.

racional e compreensível do que esta forma de angústia, motivada por uma causa que realmente existe no mundo exterior. Trata-se de uma reação inteiramente normal e racional, que prepara o sujeito para se defender do perigo, seja fugindo da situação, ou do objeto, que o ameaça, seja enfrentando-os, caso se sinta suficientemente preparado para isso. Dir-se-ia uma manifestação da pulsão de autoconservação. Nada, portanto, mais racional do que a *Realangst*, quando é, assim, considerada.

Aliás, esta reação está inteiramente correlacionada ao grau do saber e à consciência que o sujeito tem da sua capacidade de poder, ou não, defrontar-se com o perigo. Uma pessoa que nada sabe, mais facilmente se angustia diante do novo e do estranho. Os homens primitivos assim se comportavam diante dos fenômenos da Natureza, cujo sentido desconheciam.

Mas, muito conhecimento pode ser também motivo de angústia. Esse mesmo homem primitivo se angustia ao descobrir sinais na terra que trilhava, pois eles indicavam a proximidade de um animal selvagem. Pois bem, esses sinais, e, conseqüentemente, o perigo que eles anunciam, passariam inteiramente despercebidos a quem não tivesse esse extraordinário saber feito de experiência, que é próprio dos homens primitivos. A angústia, enquanto preparação para uma atitude de defesa diante do perigo, pode, portanto, ser considerada como uma manifestação espontânea da pulsão de autoconservação.¹⁶

16. "A angústia-real (*Die Realangst*) nos parece, pois, algo muito racional e compreensível (*erscheint uns nun als etwas sehr Rationelles und Begreifliches*). Dela diremos que é uma reação diante da percepção de um perigo externo (*Wir werden von ihr aussagen, sie ist eine Reaktion auf die Wahrnehmung einer äusseren Gefahr*), vale dizer, de um dano esperado e previsto (*d.h. einer erwarteten, vorhergesehenen Schädigung*); ela está unida ao reflexo da fuga (*sie ist mit dem Fluchtreflex verbunden*) e é lícito ver nela uma manifestação da pulsão de autoconservação (*und man darf sie als Äusserung des Selbsterhaltungstriebes ansehen*).” Cf. Sigmund Freud. “Die Angst”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 381. ESB. Vol. XVI, p. 459.

Mas o que parece tão racional e evidente não o é tanto assim. A angústia deve ser, ao mesmo tempo, uma reação e uma preparação para o perigo. Dependendo, porém, do grau de sua intensidade, nada garante que a angústia-real seja verdadeiramente uma defesa contra a ameaça do perigo. Pelo contrário, ela pode tornar a defesa impossível. Depois de um certo grau de desenvolvimento, a angústia-real, ao invés de facilitar a fuga, pode paralisar o sujeito e deixá-lo inteiramente incapaz de se defender. O que aciona a fuga é o “sinal” que o sujeito encontra na própria angústia, mas se este sinal se tornar muito intenso, ou se deixar de existir, ele perde sua função defensiva e adquire uma função paralisante, que impossibilita a fuga. Por isso, Freud acrescenta: “Refletindo um pouco mais, deve-se dizer que o juízo segundo o qual a *Realangst* é racional e ordenada ao fim a que se destina (*rationell und zweckmässig*) necessita uma radical revisão (*einer gründlichen Revision bedarf*)”.¹⁷

Freud, portanto, quando define a *Realangst* tenta demonstrar que ela tem uma função adaptativa e que é ordenada a um fim (*zweckmässig*), mas logo percebe que não é a angústia que, propriamente, tem esta função, mas a fuga, por ela provocada, quando a angústia é vivida de um modo atenuado.

Preparação e desenvolvimento da angústia (*Angstbereitschaft* e *Angstentwicklung*)

Para enfatizar esta dimensão ambivalente da reação da angústia (*Angstreaktion*) diante do perigo, Freud, nela, distingue dois aspectos: a *Angstbereitschaft*, ou seja, o estado de disposição e prontidão que prepara o ego diante do perigo e a

17. Cf. Sigmund Freud. “Die Angst”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 381. ESB. Vol. XVI, p. 460.

Angstentwicklung, vale dizer, o desenvolvimento da angústia que pode invadir completamente o mundo afetivo do ego, tornando a angústia incontrolável.

A angústia, como disposição preparatória para o perigo (*Angstbereitschaft*), é uma noção que, aos poucos, ocupou um lugar de realce na doutrina freudiana da angústia. Baseado nela, Freud vai poder, mais adiante, (re)situar a angústia em relação ao ego. Diante de um perigo externo, particularmente quando não se tem condição de enfrentá-lo, a melhor proteção é a fuga. Mas a fuga não é eficaz quando se trata de um perigo interno, como, por exemplo, o perigo pulsional. Então, a proteção contra o perigo pulsional interno será feita pelo recalque. O ego retira seu investimento dos representantes psíquicos da pulsão e utiliza esse investimento para liberar o sinal de desprazer, uma angústia suportável que agencia as defesas do ego a fim de que o perigo pulsional não o encontre desprevenido.

Quando esta preparação não tem lugar, a *Angstentwicklung*, ou seja, o desenvolvimento da angústia se torna incontrolável e invade o ego, deixando-o totalmente submerso e desamparado. A *Angstbereitschaft* é, pois, uma defesa contra a *Angstentwicklung*. Para mostrar a importância dessa distinção, que será retomada em 1926, Freud correlaciona, no texto de 1916, a angústia (*Angst*) com o medo (*Furcht*) e com o terror e o pânico (*Schreck*).¹⁸

18. Numa passagem, logo no início do capítulo II, de *Além do princípio do prazer*, Freud retoma esta distinção e observa que os termos *Angst*, *Furcht* e *Schreck* não são sinônimos e é a relação que cada um deles mantém com o perigo que os diferencia. Na *Angst*, há um elemento de expectativa (*Erwartung*) e outro de preparação (*Vorbereitung*) para o perigo, mesmo quando este é desconhecido. A palavra *Furcht* supõe sempre um objeto determinado de que se tem medo. E o termo *Schreck* implica sempre um perigo para o qual não se estava preparado. Onde o elemento surpresa (*Überraschung*). Na angústia, há sempre algo que protege contra o pânico. Cf. Sigmund Freud. "Jenseits des Lustprinzips" (1920). SA. Band III, 222. ESB. Vol. XVIII, p. 23.

Angústia e pânico

A correlação destes dois conceitos ajuda-nos a melhor compreender o que, para Freud, quer dizer a *Angstentwicklung*, ou seja, o desenvolvimento da angústia. O ponto de referência essencial é a noção de perigo. Como já foi dito antes, o afeto da angústia, diante do perigo, pode tornar-se útil e vantajoso, na medida em que consegue preparar o ego para enfrentá-lo, mobilizando suas defesas.

Mas se a angústia se desenvolve além das medidas, ela pode tornar-se inadequada para esta função defensiva. Quando isto acontece, o sujeito é dominado pelo pânico, terror, pavor, susto e por tudo aquilo que Freud designou com o termo *Schreck*. Geralmente se traduz *Schreck* por “susto”. A tradução é correta, mas creio que a palavra “pânico” é mais sugestiva. No pânico, encontra-se o elemento susto e, além do susto, o elemento do excesso ou do transbordamento energético com que o ego é invadido.

Duas são, para Freud, as características principais deste sentimento de Pânico: o elemento surpresa e o fator econômico do transbordamento e do excesso. O pânico toma o sujeito de surpresa, pois vem sem que este tenha tempo de preparar-se. Ele vem sem avisar e entra sem bater na porta. E por ser assim surpreendido, o sujeito é também literalmente invadido e submergido por esta transbordante onda de angústia.¹⁹

É uma situação afetiva muito semelhante à situação do trauma (quebra das barreiras defensivas do pára-excitações e

19. As ondas do mar oferecem-nos um belo exemplo desta situação. Quando vemos a onda aproximar-se e temos tempo de nos preparar para saltá-la, o prazer é muito grande e grande a sensação de bem-estar que sentimos. Mas quando não a vemos aproximar-se e ela nos apanha de surpresa, sobretudo quando é muito grande, somos literalmente dominados por ela e jogados para bem longe sem nenhuma possibilidade de controle da situação. Por isso escolhi a escultura *La Vague* de Camille Claudel (1897-1902) [Musée Rodin – Paris] para ilustrar a capa deste meu livro.

invasão do sujeito pela excitação). Compreende-se que semelhante situação seja desestruturante e que a angústia, na medida em que é controlável, possa servir de defesa contra a situação traumatizante do pânico.

A articulação da angústia com o pânico pode também ajudar-nos a compreender o estado de desamparo, cujo modelo prototípico, para Freud, é a experiência originária do nascimento do recém-nascido. No texto que estamos comentando, Freud diz que o ato do nascimento (*Geburtsakt*) é a fonte (*Quelle*) e o protótipo (*Vorbild*) de todo afeto de angústia.²⁰ Esta problemática também é retomada e, mais detalhadamente, estudada, quando Freud faz a reformulação de sua doutrina da angústia.

É relevante, no entanto, notar que Freud, desde cedo, tenha estabelecido esta ligação profunda entre a angústia e o ato do nascimento e tenha visto, nele, uma forma especial de angústia de separação. Ele próprio esclarece que não foram as altas especulações que o fizeram pensar nisso, mas o que ouviu, certa vez, quando alguns colegas comentavam o que aconteceu a uma enfermeira que acabava de ser submetida a um exame para parteira. Perguntaram-lhe por que, quando se rompe a bolsa d'água da parturiente, encontram-se excrementos na água. E ela respondeu: "*Daß das Kind Angst habe*", vale dizer, "é que a criança tem medo". Também se poderia traduzir: "é que a criança está angustiada". Freud comenta que a resposta desencadeou uma sonora gargalhada entre os examinadores, e, naturalmente, a enfermeira foi reprovada, e acrescenta: "mas, em silêncio, tomei o partido dela e comecei a suspeitar de que a pobre mulher, proveniente das classes mais humildes, tinha descoberto uma correlação importante (*einen wichtigen Zusammenhang bloßgelegt hatte*)".²¹

20. Sigmund Freud. "Die Angst". In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 384. ESB. Vol. XVI, p. 463.

21. Idem, ibidem. In SA. Band I, p. 384. ESB. Vol. XVI, p. 463.

Angústia e medo

Quando distingue a angústia do medo, Freud diz que o medo está sempre relacionado a um objeto determinado (temos medo de alguma coisa), ao passo que a angústia faz abstração desta determinação do objeto e implica uma indeterminação do perigo. Podemos estar angustiados sem saber o porquê. No medo, o perigo é sempre determinado pelo objeto.

É por causa desta sua indeterminação que a *Angst* freudiana facilmente se relaciona com o inconsciente e tem um papel importante na neurose. Mas o que dizer dos objetos fobogênicos que tanta angústia causam aos fóbicos? Não era o cavalo o objeto da angústia de Hans? Ao menos, neste caso, não teria a angústia um objeto determinado? Como, então, distingui-la do medo?

Como vimos antes, quando estudamos a angústia na Histeria de Angústia, o fóbico projeta, no objeto fobogênico, o perigo pulsional interno que o ameaça. Esta projeção é inconsciente. O objeto determinado – no caso de Hans, o cavalo – é uma formação substitutiva do perigo pulsional, e, como sintoma, defende Hans desse perigo pulsional que o ameaça. Defender o ego contra a angústia é um dentre os muitos sentidos que tem o sintoma na teoria psicanalítica.

Levando isso em consideração, poder-se-ia dizer que a distinção entre angústia-real e angústia neurótica, tal como é apresentada por Freud na 25ª conferência das *Vorlesungen*, perde muito de sua radicalidade. Se o perigo externo é, sem dúvida, distinto do perigo interno – porquanto daquele se pode fugir, enquanto deste, não –, na verdade, o perigo externo pode também ser motivado por razões inconscientes e, desse modo, revestir uma dimensão fantasmática, que é própria das realidades de nosso mundo interior. Por detrás do medo de um perigo concreto e bem determinado podem – e a clínica psicanalítica mostra que isto acontece com muita frequência – se esconder

angústias muito arcaicas, motivadas por vivências que se tornaram inconscientes.²²

Hans pensava que a causa de sua angústia era o cavalo. Na realidade, porém, o cavalo era apenas um substituto da verdadeira causa de sua angústia, que ele desconhecia completamente. A angústia de Hans, diz Freud, era a angústia da castração. O cavalo era uma formação substitutiva do pai castrador.

Na terceira parte, retomaremos este problema, pois Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, recentrou o estudo dos sintomas fóbicos e obsessivos dos casos clínicos de Hans e do Homem dos Ratos, em torno da angústia de castração, e, de modo inesperado, reduziu a angústia de castração a um perigo externo. Mas, não antecipemos as coisas, pois sobre isto voltaremos a falar mais adiante.

Angústia neurótica

Freud abordou o destino da angústia neurótica na 25ª conferência das *Vorlesungen* (Conferências introdutórias), quando estudou a angústia nas psiconeuroses de defesa, e, particularmente, nas neuroses fóbicas, bem como nas neuroses infantis.

Primeiramente, ele diz que a angústia neurótica, diferentemente da angústia-real, é uma “angústia flutuante” (*eine flottierende Angst*), ou um estado geral de ansiedade (*eine allgemeine Ängstlichkeit*), no qual o sujeito se angustia sem saber exatamente por que se angustia. Este estado indeterminado de angústia, quase sempre, reveste a expectativa de uma desgraça (*eine Unheilserwartung*), ou seja, a expectativa de que alguma coisa ruim pode acontecer, embora não se saiba quando, nem como.

22. Ver o que sobre isso escreve Jean Laplanche no seu magistral livro *L'angoisse*, p. 64.

A expectativa ansiosa (*Erwartungsangst*)

Foi como uma expectativa ansiosa que Freud definiu o destino da angústia nas neuroses de angústia. O mesmo acontece em todos os casos em que a libido não conhece uma ab-reação adequada. Quando a libido é excitada e não encontra uma forma adequada de satisfação, e quando, desse modo, torna-se uma excitação frustrada (*eine frustrane Erregung*), a angústia toma sempre o lugar desta libido inaplicada, ou que foi afastada de sua aplicação, e cria um estado de expectativa ansiosa, ou de angústia expectante.

A *Erwartungsangst*, ou seja, a expectativa ansiosa, portanto, demonstra que existe uma conexão regular (*regelmässige Zusammenhang*) entre a angústia e a economia da libido (*Libidohaushalt*). Quando não é devidamente aplicada, a libido transforma-se em angústia. Para Freud, isto também acontece nos casos de fobias infantis, como, por exemplo, a angústia que certas crianças têm quando ficam sozinhas (*Angst im Alleinsein*), ou diante de pessoas estranhas.

A quantidade, ou quota de libido (*Libidobetrag*), de que dispõe o ego para seus investimentos, pode, portanto, não ser aplicada, gerando, desse modo, uma expectativa ansiosa. E isto pode acontecer, seja por causa da imaturidade do ego da criança, que não é capaz de ligar sua libido a uma outra representação, a não ser à representação esperada, seja também por causa de um modo inadequado de satisfação – o que acontece na neurose de angústia –, seja, ainda, por causa do recalque.

Existe, pois, uma vinculação muito profunda entre angústia e libido. A clínica da neurose de angústia mostra que a angústia pode ser o resultado, tanto de um mau desempenho da sexualidade, quanto de sua abstinência se a libido não for compensada pela sublimação. Embora Freud afirme que não é fácil dizer como a angústia se origina da libido, o que a clínica confirma é que onde falta a libido e se lida com uma experiência de frustração, em seu lugar aparece a angústia.

Nas psiconeuroses, a vinculação da angústia com a libido é ainda mais patente, porquanto o recalque e, particularmente, a separação da representação e do afeto no processo do recalque têm um lugar de destaque na gênese da angústia. As emoções afetivas (*Affektregungen*) são transformadas em angústia, quando seus conteúdos representativos correspondentes são recalcados. Também os sintomas são formados para impedir o desenvolvimento da angústia.

Angústias infantis

A criança, por causa de sua fraqueza e ignorância (*Unwissenheit*), parece muito inclinada a ter medo de tudo o que é novo e estranho, de modo semelhante ao homem primitivo. E, entre as crianças, aquelas que mais facilmente se angustiam, nessas circunstâncias, são as que mais facilmente se manifestam propensas para as neuroses.

Freud, então, interroga se isso não poderia levar-nos a pensar que o fundamento último da neurose e da angústia encontra-se antes no desamparo da criança do que nas vicissitudes da libido.

Com isso, a origem da angústia a partir da libido seria refutada e, se as condições da *Realangst* fossem investigadas, chegar-se-ia conseqüentemente à concepção de que a consciência da própria fraqueza e desamparo – a inferioridade na terminologia de Adler – é também o fundamento último da neurose, quando pode prolongar-se da infância até à vida adulta.²³

23. "Die Entstehung der Angst aus der Libido wäre hiemit abgelehnt, und wenn man den Bedingungen der Realangst nachforschte, gelangte man konsequent zu der Auffassung, dass das Bewusstsein der eigenen Schwäche und Hilflosigkeit – Minderwertigkeit in der Terminologie von A. Adler – auch der letzte Grund der Neurose ist, wenn es sich aus der Kinderzeit ins reifere Leben fortsetzen kann." Sigmund Freud. "Die Angst" (1916). *SA*. I, 392. *ESB*. Vol. XVI, p. 473.

Mas a tese da libido, como fonte da angústia, está no centro do pensamento freudiano neste momento da evolução de sua doutrina. Embora ele já admita que o estado afetivo (*Affektzustand*) é a repetição de um acontecimento perigoso (*gefahrenrohendes Ereignis*), cuja vivência se tornou inata e nos foi transmitida hereditariamente, ele ainda não teorizou essa experiência originária de desamparo, a ponto de fazer dela a origem última da angústia. Isto será feito mais tarde na reformulação da teoria em 1926.

O sentimento de ansiedade (*Ängstlichkeit*) das crianças diante de pessoas estranhas não deve ser atribuído ao medo que elas possam ter de ser molestadas, mas ao fato de elas não encontrarem, nessas pessoas, o rosto da mãe ou de alguém familiar que esperavam ver:

Mas a criança se aterroriza diante da figura estranha (*vor der fremden Gestalt*), porque ela espera a visão da pessoa que ama e na qual confia – em última análise, a mãe. É o seu desengano (*Enttäuschung*) e a sua tristeza (*Sehnsucht*) que se transformam em angústia, vale dizer, a libido que se tornou inaplicável (*unwervendbar gewordene Libido*) não pode, naquele momento, manter-se em suspense (*nicht in Schwebe gehalten werden kann*), mas é descarregada como angústia (*sondern als Angst abgeführt wird*).²⁴

A libido destinada a investir o rosto materno, ficando inaplicada, transforma-se em angústia. Teríamos, aqui, mais um exemplo da repetição da angústia arquetípica do nascimento, vale dizer, a angústia de separação que se repete em todas as vivências de separação que a criança encontra no decorrer da existência.

Em vez de reduzir a angústia infantil aos perigos externos e fazer dela, pura e simplesmente, uma angústia diante de um perigo real (*Realangst*), Freud mostra que, muito pelo contrário, as crianças quase não têm medo desses perigos externos, para

24. Sigmund Freud. "Die Angst" (1916). *SA*. Band I, 393. *ESB*. Vol. XVI, p. 474.

desolação daqueles que lhes devem assegurar proteção. Falta-lhes uma “montagem instintiva” que funcione como defesa nessas ocasiões. A mãe águia deixa seus filhotes nas fendas dos grandes rochedos e vai procurar alimento; mas nada lhes acontece porque um “instinto” garante a sua proteção. O mesmo não aconteceria se o filhote fosse um bebê. Sem a proteção instintiva, ele correria o risco de se atirar no abismo por causa da curiosidade. Inata, que lhe é própria, de querer descobrir o mundo. Por essa razão Freud diz:

Seria muito desejável que a criança tivesse recebido, como herança, um pouco mais desses instintos protetores da vida (*mehr von solchen lebensschützenden Instinkten*).²⁵

Para Freud, a angústia infantil ou o estado afetivo de ansiedade da criança tem muito pouco a ver com a angústia-real (*Realangst*), ou seja, com a angústia diante de perigos externos. Ela está mais próxima da angústia neurótica, pois ela também, como aquela, resulta de uma libido inaplicada (*Sie entsteht wie diese aus unverwendeter Libido*).²⁶

O próprio Freud resume nos seguintes itens o essencial de sua primeira teoria da angústia:

- a) “A angústia, como estado afetivo, é a reprodução de um antigo acontecimento perigoso;
- b) ela está a serviço da autoconservação e é um sinal de um novo perigo;
- c) ela procede da Libido que, de algum modo, se tornou inaplicável e também do processo do recalque;

25. Idem, ibidem, SA. Band I, 393. ESB. Vol. XVI, 475. Em nota, o Editor brasileiro afirma que “esta é uma das ocasiões extremamente raras em que Freud usa a palavra *Instinkt* em vez de seu usual *Trieb*. Mas, neste contexto, ele não poderia ter usado a palavra *Trieb*, pois é do *instinto*, isto é, do instinto animal preestabelecido e hereditariamente transmitido, de que se trata. Aqui, ao menos no vocabulário freudiano, a palavra *Trieb* seria mal empregada.

26. Sigmund Freud. “Die Angst” (1916). SA. I, 394. ESB. Vol. XVI, p. 475.

- d) ela é substituída pela formação de sintoma e, igualmente, psiquicamente ligada.”²⁷

Portanto, todo o trabalho de teorização do fenômeno da angústia, neste período do desenvolvimento do pensamento psicanalítico de Freud, é marcado pelo ponto de vista econômico, tópico e dinâmico e gira em torno das noções de libido e de recalque. Freud não abandonou jamais este ponto de vista econômico, pois ele é constitutivo da sua metapsicologia.

Mas, na reformulação a que submete a teoria da angústia a partir de 1926, ele vai dar uma ênfase especial à angústia originária do nascimento, como fonte última da angústia. O que necessariamente implica uma revisão teórica da natureza e da função da angústia à luz das descobertas que ele já tinha feito na sua segunda tópica, bem como uma revisão do conceito de *Realangst* no contexto de uma nova abordagem teórica da relação entre os perigos externos e os perigos internos. É o que passaremos a ver nesta última parte de nosso trabalho.

27. “Die Angst ist als Affektzustand die Reproduktion eines alten gefahrdrohenden Ereignisses, die Angst steht im Dienst der Selbsterhaltung und ist ein Signal einer neuen Gefahr, sie entsteht aus irgendwie unverwendbar gewordener Libido, auch bei dem Prozeß der Verdrängung, sie wird durch die Symptombildung abgelöst, gleichsam psychisch gebunden – man verspürt, daß hier etwas fehlt, was aus Stücken eine Einheit macht.” Sigmund Freud. “Angst und Triebleben”. In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1933). SA. Band I, 520. ESB. Vol. XXII, p. 107.

Terceira Parte

A reformulação da teoria freudiana da angústia

*Wenn wir nicht klar sehen können, wollen wir wenigstens
die Unklarheiten scharf sehen**

Freud

* “Se não podemos ver claro, ao menos vejamos claramente as obscuridades.” Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, p. 267.

Quando Freud reformulou a teoria das pulsões, em 1920, com a introdução da pulsão de morte e, alguns anos depois, repensou a primeira tópica, distinguindo, na personalidade psíquica, as instâncias do Ego, Ego-ideal, Ideal do Ego, Id e Superego,¹ ele foi

-
1. Freud empregou o pronome pessoal alemão da primeira pessoa (*Ich*) para designar tanto o *eu-indivíduo* (ou seja, o eu considerado na sua totalidade, o eu-pessoa, ou o que se convencionou chamar de *sujeito*), quanto o *eu-instância*, parte integrante da personalidade psíquica. Os editores da *Standard Edition* traduziram o pronome pessoal alemão *Ich* pelo pronome latino *Ego* e o pronome neutro alemão *Es* pelo pronome neutro latino *Id*. No presente trabalho, utilizo o pronome Eu apenas para designar o sujeito, ou o eu-indivíduo na sua totalidade. Para o *eu-instância* e seus ideais preferi o termo latino *ego*; donde ego ideal e ideal do ego. Também vou traduzir o termo *Über-Ich* por *Superego*, pois ele é, para Freud, uma das instâncias ideais do Ego. Quando se traduz o *eu-instância* e o *eu-indivíduo* por “Eu”, como, atualmente, está cada vez mais freqüente nos escritos psicanalíticos brasileiros, corre-se o risco de criar mal-entendidos. Quanto ao pronome neutro *Es*, reconheço que, em português, o esperado seria traduzi-lo por “isso”, pois este é o nosso pronome neutro. Mas confesso que o pronome latino “*Id*” tem minha preferência, pois, levando em consideração a dimensão quase “mítica” do Inconsciente, penso que o pronome neutro latino *Id* seja mais adequado para traduzir o *Es* freudiano, pois ele é um termo de uma língua morta e, além do mais, me parece mais eufônico do que o pronome português “Isso”.

também levado, por um procedimento de coerência sistêmica, a repensar a primeira teoria da angústia, o que foi feito, em 1926, no livro *Inibição, sintoma e angústia*.

Que se trate de uma verdadeira reformulação da primeira teoria não se pode duvidar, pois o próprio Freud diz explicitamente: “A concepção da angústia, defendida neste ensaio, distancia-se um pouco daquela que me parecia justificada até então (*entfernt sich ein Stück weit von jener, die mir bisher berechtigt schien*)”.² E afirma também que a reformulação pode e deve ser considerada como uma consequência da nova divisão do Aparelho Psíquico apresentada no livro *O ego e o id*.³ Antes de resumir o essencial desta reformulação freudiana da teoria da angústia, vou indicar brevemente o contexto teórico-clínico no qual ela foi feita.

O contexto teórico-clínico

Essencialmente, o contexto teórico é o da segunda tópica. Esta, segundo sabemos, se impôs como uma exigência da própria dinâmica do pensamento psicanalítico freudiano. De fato, durante a primeira tópica, as preocupações teóricas de Freud voltaram-se, quase exclusivamente, para o estudo metapsicológico do Inconsciente e das moções pulsionais recalcadas, e este estudo dominou a clínica de 1900 até 1920. Dir-se-ia que, no conflito psíquico, o que chamava particularmente a atenção de Freud era o pólo do recalcado.

Embora sempre tenha estado presente, de uma forma ou de outra, na reflexão psicanalítica (e isto desde o *Projeto* de 1895),⁴

-
2. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 298. ESB. Vol. XX, p. 185.
 3. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 299. ESB. Vol. XX, 185.
 4. No “Projeto para uma psicologia científica” (1895), o ego aparece não para servir de mediador entre o psiquismo e a realidade externa, mas para

o ego não foi objeto de um estudo mais sistemático na primeira tópica. Nela, Freud quase o reduziu a um agente de defesa. No campo pulsional, as chamadas pulsões do ego (*Ichtriebe*) estavam inteiramente voltadas para a função da autoconservação. No espaço do conflito, o que prendia a atenção de Freud era o pólo pulsional das representações recalcadas, pois este era a grande descoberta freudiana, tão grande e, quem sabe?, talvez maior do que a própria descoberta do Inconsciente.

Esta maneira de ver começou a mudar, quando foi introduzida, na teoria psicanalítica, a *noção de narcisismo*, pois depois de tê-la introduzido no conjunto da teoria e de tê-la feito a chave com a qual penetrou no misterioso mundo das psicoses, Freud se voltou, com mais dedicação, para o estudo do ego e das instâncias ideais do ego. Um dos motivos mais importantes, que justificou a reformulação da primeira tópica, foi precisamente esse estudo mais aprofundado do ego e das instâncias ideais do ego. Por causa dele, Freud também foi levado a reformular a tópica da angústia.

A reformulação da teoria das pulsões, realizada no livro *Além do princípio do prazer* (1920), faz igualmente parte desse contexto teórico e ajuda-nos a compreender por que Freud, na segunda teoria da angústia, atenuou o caráter ameaçador do perigo pulsional, na medida em que admitiu, no estado do desamparo, uma causa mais fundamental da angústia do que o perigo das moções pulsionais.

Além disso, com a entrada em cena da pulsão de morte (*Todestrieb*), ele modificou a maneira como a sexualidade era

distinguir a percepção da alucinação e para que o objeto alucinado não seja tomado como um objeto real. Ele foi introduzido como "uma organização de neurônios" com uma finalidade inibidora. Ele é uma formação do sistema y e sua função é dificultar, inibindo, as passagens da Quantidade que circulam nas experiências de satisfação e de dor, e que, sendo investidas, podem ocasionar a alucinação. No Projeto, o ego ainda não é um sujeito. É uma parte do sistema y.

vista. Na nova tópica, as pulsões sexuais, juntamente com as pulsões sublimadas e as pulsões de autoconservação (*Selbsterhaltungstriebe*), foram reunidas sob o grandioso nome de *Eros*, e, dessa forma, foram colocadas a serviço da vida e do amor. A força demoníaca, que ameaçava e perturbava os interesses da personalidade psíquica, passou a ser, então, a pulsão de morte na sua dimensão agressiva e destruidora, que não é outra senão a *libido desligada*, colocada a serviço da violência e da morte. O grande dualismo que existe entre as pulsões sexuais de vida *versus* as pulsões sexuais de morte está situado no coração mesmo da sexualidade. Freud nunca “hipostatisou”, numa suposta “*destrudo*”, a força da pulsão de morte, como uma força oposta e contrária à força e à energia da “*libido*”.⁵ O poder destruidor da pulsão de morte lhe vem do fato de, nela, a *libido* ser uma “*libido desligada*”.

O estatuto metapsicológico da pulsão de morte obrigou Freud a rever também sua concepção do Inconsciente, que, até então, era prevalentemente constituído pelas representações ou conteúdos representativos recalcados. Esta visão tópico-dinâmica, que dominou a primeira teoria do psiquismo, foi paulatinamente cedendo lugar a uma abordagem mais especificamente econômica, na qual o *Id* passou a ser considerado como a fonte originária da *libido*.

Como era de esperar, a reformulação teórica teve repercussões profundas na experiência clínica, pois os novos conceitos foram teoricamente elaborados para ajudar a compreensão de fatos profundamente enigmáticos, como o masoquismo primário, a autodestruição do melancólico e a reação terapêutica negativa, que a primeira tópica deixara sem uma solução satisfatória. Intimamente articulada com a força da pulsão de morte, a experiência clínica da melancolia, do masoquismo e da reação terapêutica negativa pôs em evidência

5. Cf. Jean Laplanche. “Une métapsychologie à l’épreuve de l’angoisse”. In Jean Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée*, p. 154.

o estado de total desamparo do ser humano – *Hilflosigkeit*,⁶ que, como veremos, teve um papel importante na reformulação do estatuto metapsicológico da angústia.⁷

Para uma nova teorização da angústia

Na reformulação da teoria da angústia, Freud deu três passos essenciais: primeiramente, ele repensou a natureza da angústia a partir da modificação de sua relação com o perigo pulsional e o recalque. Esta mudança levou-o também a repensar a noção de perigo e a priorizar o perigo externo (que ele articulou com o perigo da castração) em relação ao perigo interno pulsional, que dominou toda a primeira teoria da angústia. Reformulando a noção de perigo, Freud deu ainda à *angústia de castração* um lugar de destaque na modificação da primeira teoria da angústia.

O segundo passo consistiu na *reformulação da função e da tópica da angústia* no contexto da nova doutrina do ego. O ego é o lugar da angústia, o que significa duas coisas: primeiro,

-
6. A palavra *Hilflosigkeit* é muito significativa, uma vez que é composta pelo substantivo *Hilfe*, que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo e pelo sufixo adverbial modal *losig*, que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação *keit*, que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente, em português, é a terminação “dade”. A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, um estado afetivo ou uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda – *hilflos* –, sem recursos, sem proteção, sem amparo. Uma situação de desamparo, portanto.
 7. Ver o que sobre isso escreveu Joel Birman no seu belo ensaio “Psicanálise, uma estilística da existência? Metapsicologia e Pulsão nas diferentes leituras freudianas da experiência psicanalítica”. In J. Birman. *Por uma estilística da existência*, pp. 31-51. A maneira instigante como Joel Birman expõe suas idéias deixa, por vezes, a impressão de que, para ele, as diversas leituras freudianas da experiência psicanalítica são exclusivas e se superam umas às outras como a leitura dos paradigmas nas ciências físicas. Eu me inclinaria mais a pensar que as diversas leituras freudianas da Metapsicologia, em vez de mutuamente se excluírem (como às vezes, salvo melhor juízo, deixa entender Birman), mutuamente se complementam e se enriquecem.

ele é a única instância que verdadeiramente sente e percebe a angústia, pois isso nem o Id, nem o Superego fazem ou podem fazer; e, depois, o ego também produz a angústia, na medida em que faz dela uma defesa contra uma situação traumatizante.

Finalmente, Freud deu um terceiro e importantíssimo passo na reformulação da teoria, quando (re)situou o papel da angústia-real (*Realangst*) em relação à angústia pulsional (*Triebangst*). Todavia, o verdadeiro sentido desta *Realangst*, que, em seu novo contexto, mais apropriadamente se poderia traduzir por “angústia do Real”, só aparece quando é relacionada com a angústia originária (*Urangst*) do desamparo, que pode ser considerada como um modelo arquetípico (*Vorbild*) de todas as formas de angústia que marcam a trajetória da vida do ser humano. A angústia originária do desamparo, por sua vez, está intimamente relacionada com a angústia da castração. Vejamos o essencial desta tríplice reformulação. E comecemos pelo que Freud diz sobre a natureza da angústia.

Repensando a natureza da angústia

É inegável que o texto *Inibição, Sintoma e Angústia* nem sempre prima pela clareza. Por vezes ele é ambíguo, expressão muito provável da própria ambigüidade de Freud diante da reformulação de sua teoria. Daí a força quase oracular daquela frase que escolhemos como epígrafe desta parte de nosso trabalho: “Se não podemos ver com clareza, ao menos vejamos claramente as obscuridades”. No entanto, não se pode negar a importância decisiva que o texto de 1926 tem para o estudo da angústia, por causa da mudança de perspectiva que nele se realiza.

Na primeira teoria, a angústia pulsional (*Triebangst*) ocupava o primeiro plano e tinha sua explicação metapsicológica na transformação da libido recalcada. Foi precisamente esta tese que Freud questionou, quando repensou a natureza da angústia. Isto, porém, não significa que ele tenha negado a possibilidade de a angústia poder resultar também de uma transformação da libido recalcada, pois uma tal transformação é, sem dúvida, um dos destinos do afeto, quando este, por ocasião do recalque, se

separa de sua representação. O que Freud agora questiona é se a transformação da libido recalçada pode explicar, metapsicologicamente, a natureza da angústia.

Portanto, a nova teoria não nega a importância do registro econômico para explicar o fenômeno da angústia. Esta é, e continua sendo, um “estado afetivo”, um *Affektzustand* com um elevado nível de tensão e de excitação, o qual provoca desprazer e exige uma descarga e ab-reação adequadas. Para repensar a natureza da angústia, Freud jamais sentiu necessidade “de eliminar o fator econômico”, como, impropriamente, se exprimiu o tradutor brasileiro das Obras Completas de Freud.⁸

-
8. O tradutor brasileiro da Edição Standard das Obras Completas de Freud traduziu a frase: “... *die jetzige Auffassung der Angst als eines von Ich beabsichtigen Signals zum Zweck der Beeinflussung der Lust-Unlust-Instanz uns von diesem ökonomischen Zwange unabhängig macht*” da seguinte maneira: “... minha presente concepção de ansiedade como um sinal emitido pelo ego a fim de tornar afetivo a instância do prazer-desprazer elimina a necessidade de considerar o fator econômico”. Na verdade, o que Freud escreveu nesta passagem foi: “... a atual concepção da angústia, como de um sinal projetado pelo ego com a finalidade de influenciar a instância do prazer-desprazer, nos torna independentes dessa obsessão econômica”. Não é, portanto, a mesma coisa. Vamos colocar a frase no seu devido contexto: “Em ocasiões anteriores, dei certo valor à descrição (*Ich habe früher einmal einen gewissen Wert auf die Darstellung gelegt*) segundo a qual é o investimento retirado do recalque que é utilizado como descarga de angústia (*daß es die bei der Verdrängung abgezogene Besetzung ist, welche die Verwendung als Angstabfuhr erfährt*). Isto, hoje, me parece pouco digno de interesse (*Das erscheint mir nun heute kaum wissenswert*). A diferença existe porque, antes, eu acreditava que a angústia era automaticamente gerada em todos os casos, mediante um processo econômico. (*Der Unterschied liegt darin, dass ich vormals die Angst in jedem Falle durch einen ökonomischen Vorgang automatisch entstanden glaubte*), enquanto a concepção atual da angústia, como de um sinal projetado pelo ego com a finalidade de influenciar a instância de prazer-desprazer (*während die jetzige Auffassung der Angst als eines vom Ich beabsichtigen Signals zum Zweck der Beeinflussung der Lust-Unlust-Instanz*) nos torna independentes desta obsessão econômica (*uns von diesem ökonomischen Zwange unabhängig macht*). Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 280. ESB. Vol. XX, 164. (Imago, 1969)

Sem dúvida, a nova maneira de pensar e de conceber a angústia libertou Freud – como ele próprio reconhece – de uma “obsessão econômica” (*ökonomische Zwang*), que o fazia acreditar que a angústia tinha sempre uma origem derivada, pois era uma transformação automática da libido recalcada. Agora, ele retoma uma outra linha de reflexão, que já tinha sido anunciada nas *Vorlesungen* de 1916, na qual os estados afetivos são vistos como sedimentos (*Niederschläge*) de vivências traumáticas muito antigas (*uralter traumatischer Erlebnisse*) que, quando revividas em situações análogas, são lembradas como símbolos mnésicos (*Erinnerungssymbole*) da vivência traumática originária.⁹ Todo o alcance desta citação aparecerá mais adiante, quando abordarmos a questão da “angústia originária”.

Provavelmente, foi a clínica das neuroses atuais que levou Freud a elaborar a tese da angústia como transformação direta e automática do excesso de excitação sexual não suficientemente ab-reagida. Nas neuroses atuais (e, particularmente, na neurose de angústia), o estado afetivo da angústia – sem a mediação das representações psíquicas, através das quais a angústia poderia ser ligada de alguma forma – é vivido como um transbordamento energético, que se manifesta diretamente no corpo e através do corpo. Porque não elaborada psiquicamente, a excitação sexual, na neurose de angústia, em vez de proporcionar a experiência de prazer a que se destina, converte-se, como vimos, em angústia. A angústia torna-se, assim, a consequência de uma excitação frustrada (*frustane Erregung*).

Quando passou do registro das neuroses atuais para o das psiconeuroses de defesa e a *libido física* cedeu lugar à *libido psíquica*, Freud continuou pensando que a angústia se explicava *economicamente* por uma transformação da libido psíquica recalcada. Separado de sua representação, o afeto tinha freqüentemente, como destino, a transformação em angústia.

9. Cf. Sig. Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 239. ESB. Vol. XX, pp. 114-115.

Freud, então, concluía que, no recalque, estava o segredo da origem da angústia.

Pois bem, foi precisamente esta tese que passou a ser questionada, quando ele repensou a natureza da angústia e a (re)situou em face da noção de perigo. O recalque não causa a angústia, é a angústia que causa o recalque.¹⁰ Não é o recalque da libido que explica, metapsicologicamente, a natureza da angústia. É porque tem medo da angústia que o homem recalca seus desejos inconscientes, quando estes representam uma situação ameaçadora para o ego. Portanto, muito antes da defesa do recalque, a angústia já era uma companheira inseparável do homem, ou para dizê-lo com as palavras de Freud: “*Die Angst ist früher da*”, ou seja, “a angústia está presente desde antes, desde o começo”, ela é primária e preexiste ao processo do recalque.

Portanto, além da angústia pulsional (*Triebangst*), causada pelo perigo pulsional (*Triebgefahr*) – e seria bom frisar que Freud jamais deixou de reconhecer a existência de uma angústia pulsional motivada pelas moções pulsionais –, deve existir *uma angústia fundamental e originária* que sirva de modelo arquetípico (*Vorbild*) para todas as angústias que se repetirão depois no decorrer da vida.

Como habitualmente fazia, Freud, aqui também, quer mergulhar nas raízes originárias do fenômeno psíquico da

10. “Aqui a angústia cria o recalque e não – como opinava antes – o recalque, a angústia (*Hier macht die Angst die Verdrängung, nicht, wie ich früher gemeint habe, die Verdrängung die Angst*).” Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 253. ESB. Vol. XX, p. 131. E a mesma coisa é repetida na Conferência sobre a Angústia e a Vida pulsional: “Não é o recalque que cria a angústia (*Nicht die Verdrängung schafft die Angst*), mas a angústia é primária (*sondern die Angst ist früher da*), a angústia cria o recalque (*die Angst macht die Verdrängung*)”. Cf. Sigmund Freud. “Angst und Triebleben”. In Sigmund Freud. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA. Band I, 521. ESB. Vol. XXII, p. 108.

angústia. Assim ele procedeu com o recalque, com as fantasias, com o narcisismo, e, agora, quer perscrutar também as origens mais remotas da angústia. O recalque é um dos mecanismos criados pelo ego para defender o indivíduo contra as ameaças dessa angústia mais primitiva, que Freud finalmente identificou com a angústia que acompanha o ato do nascimento (*Geburtsakt*) e que, sob formas variadas, cujo denominador comum é a *angústia de separação*, marca todo o percurso da existência humana, do nascimento até à morte, e tem, na angústia de castração, a sua expressão mais significativa.

A angústia originária (*Urangst*)

Na primeira sistematização teórica, Freud estuda a angústia no registro ontogenético e quando esta se inscreve, seja no registro do corpo, seja no do psiquismo, sempre se define como um *excesso de estímulo ou de excitação* (*Reizsteigerung*) que, quando não ab-reagida adequadamente e controlada pelo ego, termina sempre quebrando a homeostase do princípio de constância e do princípio de prazer, tornando-se, assim, uma experiência de desprazer. Agora, posicionando-se num registro, que ele próprio gostava de designar como *filogenético*, e, partindo do modelo arquetípico da *Urangst*, vale dizer, da angústia originária, ele busca uma explicação para todo estado afetivo de angústia, que passa, de agora em diante, a ser visto como uma repetição dessa angústia originária.

Neste novo contexto, o ato do nascimento é a vivência arquetípica de toda experiência de angústia. Ou, para dizer com as próprias palavras de Freud:

Com outras palavras, o estado de angústia é a reprodução de uma vivência, que encerra as condições de um semelhante aumento de excitação e de descarga por caminhos determinados, mediante os quais o desprazer da angústia adquire suas características específicas. O nascimento proporciona aos homens uma tal vivência

prototípica, e, por isso, inclinamo-nos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento.¹¹

Angústia originária e desamparo

Por causa da imaturidade biológica do ser humano, o fenômeno do nascimento é vivido como uma experiência de *Hilflosigkeit*,¹² ou seja, como uma experiência de desamparo, na qual o recém-nascido é inteiramente incapaz de poder ajudar-se a si mesmo, no que concerne à satisfação de suas necessidades vitais. De fato:

A existência intra-uterina do homem parece relativamente mais abreviada do que a da maior parte dos animais; ele foi lançado ao mundo menos acabado do que eles. Por isso, a influência do mundo exterior é reforçada, a diferenciação do ego e do id é adquirida precocemente, os perigos do mundo exterior aumentam de importância e o valor do objeto, o único, que pode proteger contra esses perigos e substituir a vida intra-uterina perdida é enormemente engrandecido. Assim, o fator biológico [concernente ao desamparo do recém-nascido] está na origem das primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandonará o ser humano.¹³

11. "Mit anderen Worten, daß der Angstzustand die Reproduktion eines Erlebnisses ist, das die Bedingungen einer solchen Reizsteigerung und der Abfuhr auf bestimmte Bahnen enthielt, wodurch also die Unlust der Angst ihren spezifischen Charakter erhält. Als solches vorbildliches Erlebnis bietet sich uns für den Menschen die Geburt, und darum sind wir geneigt, im Angstzustand eine Reproduktion des Geburtstraumas zu sehen." Sigmund Freud. "Hemmung, Symptom und Angst" (1926). SA. Band VI, 274. ESB. Vol. XX, 156.

12. Ver o que foi dito atrás, na nota n. 6, sobre a etimologia da palavra *Hilflosigkeit*.

13. "Die Intrauterinexistenz des Menschen erscheint gegen die der meisten Tiere relativ verkürzt; er wird unfertiger als diese in die Welt geschickt. Dadurch wird der Einfluß der realen Außenwelt verstärkt, die Differenzierung des

Levando em consideração a imaturidade biológica e psíquica do recém-nascido e o fato de ser o homem o mais desamparado de todos os animais quando nasce, somos forçados a reconhecer que a angústia vivida, no ato do nascimento, ainda não tem possibilidade de ser integrada, pelo recém-nascido, como uma verdadeira experiência de vida. Na perspectiva psicanalítica, a vivência do nascimento, em vez de ser vivenciada pelo recém-nascido como uma “situação de perigo”, é, por ele, vivida como uma “situação traumática”, na qual ele se encontra numa atitude de completa dependência em relação ao outro e de total passividade. Por isso, ele se encontra num estado de total desamparo e é ameaçado pelo perigo do aniquilamento, mas ele não pode fazer uma representação psíquica desta situação traumatizante, nem vivê-la como uma experiência de separação. Ele a vivencia, no imediato do seu corpo, como uma angústia de morte e de destruição. Daí sua dimensão traumatizante.

Mesmo depois de cortado o cordão umbilical, o recém-nascido, por algum tempo, continua vivendo com sua mãe numa relação diádica e fusional, na qual é incapaz de poder distingui-la como um não-eu, diferente de si, ou como um objeto de investimento amoroso. Daí Laplanche dizer que, no nascimento, não é o filho que é castrado da mãe, é a mãe que é castrada de seu filho.¹⁴

Poder-se-ia perguntar se a vivência angustiante do nascimento seria, então, um fenômeno puramente biológico, uma vivência inteiramente psicofisiológica e não uma experiência de

Ichs vom Es frühzeitig gefördert, die Gefahren der Außenwelt in ihrer Bedeutung erhöht und der Wert des Objekts, das allein gegen diese Gefahren schützen und das verlorene Intrauterinleben ersetzen kann, enorm gesteigert. Dies biologische Moment stellt also die ersten Gefahrensituationen her und schafft das Bedürfnis, geliebt zu werden, das den Menschen nicht mehr verlassen wird.” Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 293. ESB. Vol. XX, 179.

14. Cf. Jean Laplanche. *L'angoisse*, p. 141.

angústia propriamente dita? Há quem pense assim, mas é preciso dizer que, quando Freud se refere à angústia do nascimento, ele a designa como uma vivência arquetípica.¹⁵ Veremos, logo mais, o que ele entende por uma vivência arquetípica.

Não obstante isso, Freud parece concordar com os que vêem, na vivência do nascimento, um fato puramente psicofisiológico, quando critica o que Otto Rank escreveu sobre *o traumatismo do nascimento*. Rank, com efeito, via, no nascimento, *a primeira experiência de angústia* vivida pela criança e, deste trauma, fez a chave para a resolução do problema da neurose. Para ele, o nascimento é vivido, pela criança, como uma verdadeira experiência de angústia e ele coloca, em primeiro plano, os perigos objetivos e externos que acompanham o ato do nascimento. Para Freud, o recém-nascido não está ainda em condições de poder reconhecer a mãe como objeto de investimento e, por conseguinte, de fazer uma representação da angústia da separação. A angústia originária do nascimento estaria, pois, ligada não à experiência de separação, mas ao estado do desamparo, no qual o recém-nascido vive num estado de total passividade e de incapacidade de poder encontrar em si a ajuda que precisa para responder às suas necessidades fundamentais.

De fato, para Freud, no contexto da doutrina sobre o narcisismo – principalmente quando, numa abordagem prevalentemente biológica, ele define *o estado primeiro da vida como um “estado anobjetal”*, no qual a libido fica inteiramente

15. Talvez fosse útil lembrar que alguns filósofos alemães fazem uma distinção entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*). A vivência seria o que se vive na superfície dos acontecimentos ou no imediato do corpo, ou, então, o que se vive em profundidade, mas sem poder integrar o vivido numa verdadeira experiência de vida. A verdadeira experiência integra o que é vivido naquilo que cada um é. Daí dizer-se que somos o resultado de nossas experiências.

concentrada no ego – o recém-nascido é totalmente incapaz de investir a mãe como objeto.¹⁶ Esta a razão por que, na vivência arquetípica do nascimento, ele destaca, antes de tudo, não a *experiência da angústia de separação*, mas o *estado de Hilflosigkeit* do recém-nascido, vendo, nele, a vivência prototípica da angústia originária.

A experiência arquetípica

Mas o que se deve entender por uma experiência arquetípica? Sem me deter num estudo detalhado da questão, creio que se pode afirmar que uma das propriedades características das experiências arquetípicas é o fato de elas encontrarem seu verdadeiro sentido não no momento em que são vividas, mas *nachträglich*, isto é, “só depois”, nas repetições posteriores, repetições estas que acompanham a trajetória da vida humana e que revelam, ao mesmo tempo, o sentido da

16. Freud desenvolveu sua doutrina sobre o narcisismo em três linhas de reflexão bem definidas: na primeira, ele olha o narcisismo, como uma relação especular, no contexto da sua teoria da escolha de objeto de amor dos homossexuais (cf. o artigo de 1910 “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci”); na segunda, ele faz do narcisismo uma etapa normal do desenvolvimento da libido e a coloca entre o auto-erotismo e o amor objetual propriamente dito (cf. texto clínico sobre o *Presidente Schreber* (1911) e o artigo de 1914 “Para introduzir o narcisismo”); na terceira, numa perspectiva mais biológica do que psicanalítica, ele forja a idéia de um *narcisismo absoluto* juntamente com a hipótese, que não teve boa acolhida entre os discípulos, de um *estado anobjetal*, no qual a libido existiria inteiramente concentrada no ego, pois não existiria ainda objeto algum no qual ser investida. Esta hipótese de um “estado anobjetal” foi questionada como impossível. Como diz Winnicott, não existe o bebê. O que existe é o bebê e sua mãe. Mesmo que ele tenha que percorrer um longo caminho para se tornar um “objeto objetivamente objetivo” capaz de ser por ela investido e de investi-la como objeto de amor, o bebê não existe sem sua mãe.

experiência primeira, constituindo-a como verdadeira experiência.¹⁷

Como diz Luís Cláudio Figueiredo, a quem peço emprestado esta interpretação do conceito de experiência prototípica: “as repetições atualizam no ‘só depois’ o que era um apelo de sentido no tempo objetivo de sua ‘primeira ocorrência’”.¹⁸ Temos, aqui, no registro da temporalidade psíquica, a confirmação da extraordinária fecundidade do conceito freudiano da *Nachträglichkeit*.¹⁹ Portanto, é “só depois” (*nachträglich*), isto é, nas repetições posteriores, que a experiência da angústia originária adquire o sentido de uma experiência verdadeira.²⁰ Sen-

17. As observações que aqui desenvolvo me foram sugeridas pelo que escreve Luís Cláudio Figueiredo sobre “a estranha temporalidade das angústias” no seu belo artigo “As províncias da angústia. (Roteiro de viagem)”. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. II, n. 1, março de 1999, pp. 53-57.

18. Idem, ibidem, p. 55.

19. O conceito psicanalítico de *Nachträglichkeit* é um dos conceitos fundamentais da Metapsicologia freudiana. Etimologicamente, ele se compõe do prefixo *nach*, que corresponde à preposição “para” e “após”. Depois vem o radical *trag* do verbo *tragen* (levar, carregar, trazer, suportar etc.) com o sufixo *lich*, que é formador de adjetivos e de advérbios, e, finalmente, a terminação *keit* que serve para formar substantivos femininos. Na forma substantiva, o termo *Nachträglichkeit* pode ser traduzido por “só depois” ou pelo termo latino *a posteriori*. Na forma adjetiva e adverbial “*nachträglich*” se traduz por posterior ou posteriormente. Para maiores esclarecimentos cf. Luiz Hans. *Dicionário do alemão comentado de Freud*, pp. 80-88.

20. “Neste sentido, ‘a primeira vez’ da vivência de angústia, e todas as posteriores, seriam ‘repetições’ da situação dita ‘arquetípica’, mas, só na ‘repetição’, o ‘passado’ – o do indivíduo ou da espécie – se constituiria como experiência, ou seja, apenas na posterioridade de um Eu constituído, se constituiria a ‘origem arquetípica’ de uma experiência que, de alguma forma, não podia ter sido vivida antes, mas que, devemos necessariamente admiti-lo, havia deixado traços que funcionam como um apelo de sentido, como um apelo ao suplemento de sentido que ‘só depois’ se constituiria em experiência vivida.” Cf. Luís Cláudio Figueiredo. “As paisagens da angústia”, pp. 54-55.

do assim, creio poder afirmar que está em jogo na experiência arquetípica uma experiência que nunca termina de ser feita. Ela se constitui na medida em que constitui as demais experiências que dela se originam. Poder-se-ia tentar uma analogia e dizer que, de modo semelhante, a fonte só se constitui como fonte quando produz os rios e os lagos que dela derivam. No tempo posterior dos rios e dos lagos, a fonte que, no tempo primeiro, é origem, passa a ser “re-significada” como fonte. Algo semelhante se poderia dizer da experiência arquetípica originária da angústia.

Portanto, se levarmos em consideração esta particularidade distintiva da experiência arquetípica e se não nos esquecermos de que ela se constitui na dialética da *Nachträglichkeit*, podemos, então, compreender a razão por que a angústia originária – embora, dada a imaturidade do eu do recém-nascido, num primeiro momento não tenha podido ser vivenciada como angústia de separação – constitui-se, posteriormente (*nachträglich*), nas sucessivas experiências em que se desdobra, como uma verdadeira *experiência de separação*, pois é precisamente porque se encontra separado de sua mãe que o recém-nascido se torna, no verdadeiro sentido da palavra, um *hilflos*, um desamparado.

Enquanto não puder ser representada e, de alguma forma, dominada pela criança, a experiência da angústia originária do desamparo e da separação terá para o recém-nascido o impacto de *uma experiência de aniquilamento*. Aliás, isto foi visto por Freud e, por isso, num dos seus últimos textos, que, por sinal, ficou inacabado, referindo-se ao aspecto traumatizante da angústia que ameaça o ego, ele diz que o perigo da angústia automática, ou traumatizante, ameaça à *integridade do ego*.²¹

21. “[O ego] faz uso das sensações de ansiedade como sinal de alerta dos perigos que ameaçam a sua integridade”. (...) “O ego combate em duas frentes: tem de defender sua existência contra um mundo externo que o ameaça com a aniquilação, assim como contra um mundo interno que lhe faz exigências excessivas”. (...) “Já vimos como o fraco e imaturo ego, no primeiro período da infância, é permanentemente prejudicado pelas

Poder-se-ia, então, afirmar que a angústia originária do desamparo é, em última análise, uma angústia de aniquilamento.²² Assim, olhada nesta perspectiva psicanalítica, a experiência do desamparo nunca poderia ser reduzida a um fato puramente biológico.

Lacan, na sua releitura do texto freudiano, deu um destaque especial ao valor metapsicológico do desamparo como fundamento da vida psíquica. A *Hilflosigkeit* torna a criança biologicamente dependente do Outro, mas não é nisso que está a essência do desamparo. O desamparo é essencialmente a dependência do sujeito ao obscuro *desejo do Outro*. Ora, isto insere o sujeito *na ordem da linguagem* e, ao mesmo tempo, traduz o desamparo como a experiência de *uma falta fundamental*, que cuidado algum pode suprir. Esta falta fundamental é *un manque à être*, vale dizer, “uma falta a ser”. E uma vez que “o homem é efeito de linguagem”, esta “falta a ser” é a incapacidade da linguagem de dizer a última palavra sobre a verdade do ser.²³

Do que foi dito, conclui-se que, na ocasião do nascimento, a angústia originária do desamparo não pode ainda ser representada pelo recém-nascido como uma angústia de separação e só se constitui, como tal, nas suas repetições

tensões a que é submetido em seus esforços de desviar os perigos que são peculiares a esse período da vida. As crianças são protegidas contra os perigos que as ameaçam do mundo externo pela solicitude dos pais; pagam esta segurança com um temor de *perda de amor* que as deixaria desamparadas face aos perigos do mundo externo”. Cf. Sigmund Freud. “Esboço de psicanálise” (1938). *ESB*. Vol. XXIII, 228-229.

22. Cf. Jean Michel Quinodoz. *La solitude apprivoisée. L'angoisse de séparation en psychanalyse*, p. 70.

23. Sobre a concepção lacaniana do desamparo remeto o leitor ao artigo de Mário Eduardo Costa Pereira, que, com a clareza que lhe é habitual, traçou o roteiro seguido por Lacan para estudar o desamparo. Veja-se, particularmente, o artigo “O pânico e os fins da psicanálise: a noção de desamparo no pensamento de Lacan”. In *Percurso*, n. 19, 2/1997 e o livro *Pânico e desamparo*, pp. 227-240.

sucessivas. É só quando a criança constata, nas sucessivas vivências de separação, que pode viver separada da mãe sem correr o risco de ser aniquilada, que ela consegue controlar a situação traumatizante do desamparo.

Uma vez controlada e representada, a angústia da separação torna-se companheira inseparável do homem nas estradas da vida. Viver é estar sempre fazendo a experiência da dor da separação. Na vida, estamos sempre dizendo adeus aos lugares por onde passamos e às pessoas que encontramos em nossos caminhos. Viver é estar sempre dizendo adeus às pessoas que conhecemos e amamos. Viver é estar continuamente desfazendo laços.

A angústia de separação

Segundo Freud, a angústia evolui de conformidade com o desenvolvimento do sujeito, mas qualquer que seja a modalidade em que se apresente, ela terá sempre o traço característico de uma angústia de separação, ou seja, da perda de um objeto de amor ou do amor do objeto. Os acontecimentos que desencadeiam a angústia, nas diversas fases do desenvolvimento do ego, são o nascimento, o desmame, a perda do objeto-mãe (*Mutterobjekt*), a perda do pênis, símbolo do *phallus* e a perda do amor do Superego.²⁴ Digamos uma palavra rápida sobre cada

24. "O perigo do desamparo psíquico (*Die Gefahr der psychischen Hilflosigkeit*) corresponde à época de imaturidade do ego (*paßt zur Lebenszeit der Unreife des Ichs*), do mesmo modo como o perigo da perda do objeto à dependência dos primeiros anos da infância (*wie die Gefahr des Objektverlustes zur Unselbständigkeit der ersten Kinderjahre*), o perigo da castração à fase fálica (*Die Kastrationsgefahr zur phallischen Phase*) e a angústia diante do Superego ao tempo da latência (*die Über-Ichsangst zur Latenzzeit*).” Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. VI, pp. 281-282. ESB. Vol. XX, 166. Freud acrescenta que todas estas situações e condições determinantes da angústia podem persistir lado a lado e incitam o ego a reagir mediante a angústia, mesmo em épocas posteriores.

uma delas. Sobre o nascimento já dissemos o essencial, voltemos-nos, então, para a perda do objeto materno.

A perda do “objeto psíquico materno”

A mãe, ou como diz Freud, o “objeto psíquico materno” (*das psychische Mutterobjekt*), por causa da íntima ligação que existe entre a vida intra-uterina e os primeiros meses da primeira infância, reveste uma importância única e a experiência de desamparo é repetida nas situações de perigo em que a criança é ameaçada de perder este objeto de amor. A *angústia de perder o objeto psíquico materno* torna-se assim uma outra modalidade da angústia de separação.

Esta angústia aparece quando a criança já é capaz de investir a mãe como objeto de amor, mas ainda não é capaz de distinguir, no seu relacionamento com ela, uma “ausência temporária” de uma “perda definitiva”. Isto facilmente se entende, se não esquecermos que é através dos sentidos que a criancinha entra em relação com o mundo e, pouco a pouco, o descobre. No começo, para ela só existe o que pode ser visto, tocado, sentido e ouvido. Quando a mãe não está ao alcance de seus sentidos, é como se tivesse desaparecido e a criança imagina que a perdeu. Freud diria: a perda da percepção (*Wahrnehmungsverlust*) equivale a uma perda de objeto (*Objektverlust*).²⁵ Neste caso, o que estaria em jogo não seria propriamente uma situação de perigo, mas uma situação traumática, especialmente se, ao constatar a ausência da mãe, a criança sente uma necessidade que a mãe deveria satisfazer.

25. “A primeira condição da angústia que o próprio ego introduz é, portanto, a perda da percepção (*Die erste Angstbedingung die das Ich selbst einführt ist, also die des Wahrnehmungsverlustes*), a qual é equiparada à condição da perda de objeto (*die der Objektverlustes gleichgestellt wird*).” Cf. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band, VI, 306. ESB. Vol. XX, p. 195.

Enquanto a criança não tiver um ego suficientemente constituído, ela viverá as ausências da mãe como uma perda de objeto e será dominada por uma angústia automática, que é totalmente incapaz de controlar. As vivências repetidas dessa situação traumática podem ir, aos poucos, preparando a criança para poder controlar a situação, não permitindo que a angústia traumatizante a domine. Temos um magnífico exemplo desse trabalho de controle da angústia da perda do objeto materno no jogo do carretel de linha, que Freud presenciou, um dia em que observava seu neto brincar, e que nos apresenta no livro *Além do princípio do prazer* (1920).²⁶

Fazendo desaparecer o carretel e fazendo-o, logo em seguida, reaparecer, o neto de Freud preparava-se, através de uma experiência desprazerosa, para conseguir dominar a situação da ausência materna. Se ela reaparece, ela não desapareceu completamente e, por conseguinte, a situação de desamparo está sob controle. Mais ainda: fazendo o carretel desaparecer e reaparecer, a criança se dá uma gratificação narcísica especial, ou seja, ela se vinga de sua mãe. Não é a mãe que a abandona, é a criança que a faz desaparecer e aparecer quando quer.

A perda do amor do objeto

Quando a experiência ensina à criança que a “perda da percepção do objeto” não equivale necessariamente à “perda do objeto”, uma nova situação de perigo pode surgir, como ulterior manifestação da angústia de separação. Trata-se do medo de *perder o amor do objeto* (*Liebesverlust*). Perder o amor do objeto pode ser tão traumatizante quanto perder o objeto. Se o objeto materno está presente, mas a criança descobre que não pode contar com o seu amor, seja porque efetivamente fez o que não

26. Cf. Sigmund Freud. “Jenseits des Lustprinzips” (1920). SA. Band III, pp. 224-226. ESB. Vol. XVIII, pp. 25-27.

devia fazer, seja porque simplesmente imagina que isso tenha acontecido, o estado que se abre para ela é o de desamparo, porque sem o amor da mãe, a criança não se sente protegida diante dos perigos da vida.²⁷ Não é só do leite materno que ela se alimenta, ela se alimenta também, e sobretudo, das palavras de amor que ouve de sua mãe. É no amor materno que ela encontra sua primeira proteção contra a angústia.

Foi por esta razão que, quando chamou a atenção para o estado de desamparo do recém-nascido, Freud ressaltou e enfatizou a necessidade fundamental que tem toda criança de ser amada, e disse que esta necessidade o acompanha pelo resto da vida. O que se entende por dois motivos: primeiro, porque existe, em todo adulto, uma criança que não morre nunca, e, em segundo lugar, porque nos momentos de grande dificuldade, quando a noite parece não ter fim, o homem, por mais maduro que seja, é tentado de perder a esperança e, nesses casos, ele sempre sente saudade do colo materno. Não seria este o segredo de muitas de nossas noites de insônia?

A angústia de castração

Depois, na fase fálica, a angústia de separação encontra a mais significativa de suas expressões na *angústia de castração*, que novamente articula perda e separação. No contexto do trabalho com o qual Freud repensou a natureza da angústia, a

27. "Mais tarde a experiência ensina que o objeto permanece presente (*Später lehrt die Erfahrung, daß das Objekt vorhanden bleiben*), mas que pode ficar zangado com a criança (*aber auf das Kind böse geworden sein kann*) e, então, a perda do amor, a partir do objeto, torna-se um perigo novo e mais estável e condição da angústia (*und nun wird der Verlust der Liebe von seiten des Objekts zur neuen, weit beständigeren Gefahr und Angstbedingung*).” Cf. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926) SA. Band. VI, p. 307. ESB. Vol. XX, p. 195.

angústia de castração tem um destino clínico especial, pois é em torno dela que ele retoma e recentra o estudo metapsicológico das psiconeuroses de defesa, e, de modo especial, o estudo das fobias e das neuroses obsessivas. Além do mais, a angústia de castração é o referencial teórico-clínico no qual Freud vai se basear para (re)situar a angústia diante do perigo.

É preciso ter sempre presente que, para Freud, a castração é mais do que uma angústia ou do que uma fantasia de separação, ela é um verdadeiro *complexo* e, como tal, tem *valor universal e estruturante*. Embora não tenha sido inserido, desde cedo, no conjunto teórico da Metapsicologia, o complexo de castração foi adquirindo este valor estruturante, desde que Freud estabeleceu sua articulação definitiva com o Complexo de Édipo. Esta articulação torna-se manifesta, quando lembramos que a experiência da castração assegura a passagem do mundo fechado das ambições fálicas do desejo, ilusoriamente alimentadas pelas idealizações do ego ideal, para o mundo aberto das relações intersubjetivas, que o ideal do ego possibilita, nas quais, e mediante as quais, o sujeito se assume como sujeito de seu desejo e encontra um lugar na tarefa de construir a Cultura.

Pois bem, se é assim que Freud a considera, não é no registro da realidade do mundo exterior, ou no mundo das realidades empíricas, que a castração encontra seu índice de realidade. Mesmo quando proferida como uma ameaça pelo pai, ou por quem detém a função da autoridade, a castração não deve ser considerada como algo objetivo que se percebe na realidade externa, mas como uma estrutura ou, como sugere Laplanche, *um esquema organizador* de todas as ameaças e de todos os traumatismos que a criança encontra na sua história individual. A “realidade” que se pode, portanto, atribuir ao Complexo de castração é a “realidade psíquica” de um “organizador”, ou de uma “estrutura organizadora da vida fantasmática”.²⁸

28. Jean Laplanche. *L'angoisse*, p. 244.

Isto que parece tão claro vai, no entanto, tornar-se uma “questão embaraçosa” para Freud quando este, em *Inibição, sintoma e angústia*, (re)situando a angústia diante do perigo e recentrando o estudo dos sintomas fóbicos e obsessivos na angústia de castração, faz duas afirmações inesperadas: a primeira destronando o perigo pulsional de seu lugar de primazia, que, até então, ocupava na teoria da angústia, e a segunda articulando a angústia da castração com o perigo externo. A pulsão não é perigosa em si mesma, mas por causa de um perigo externo com o qual se relaciona, e este perigo, em última análise, não é outro senão o perigo da castração.

A castração, um perigo externo ou interno?

A primazia que o perigo pulsional, como perigo interno, tinha sobre o perigo externo na primeira teoria freudiana da angústia foi, portanto, inesperadamente posta em questão no momento em que Freud (re)situou a angústia diante do perigo. Como se não acreditasse no que estava dizendo, ele assim se exprime, na conferência “Angústia e vida pulsional”: “Confessemos-lo francamente, nós não estávamos preparados para [compreender] que o perigo pulsional interno fosse realçado como uma condição e preparação para uma situação externa e real de perigo”.²⁹

Antes, no contexto da primeira teoria, o discurso era outro. A angústia fóbica – que, como toda angústia neurótica, era alimentada pelo perigo pulsional interno – projetava-se nos objetos e situações externas. Assim, o perigo pulsional interno

29. “Bekennen wir es nur, wir waren nicht darauf gefaßt, daß sich die innere Triebgefahr als eine Bedingung und Vorbereitung einer äußeren, realen Gefahrsituation herausstellen würde”. Sigmund Freud. “Angst und Triebleben.” In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1933). SA. Band I, 521. ESB. Vol. XXII, p. 109.

era substituído por um perigo externo, o que tornava mais fácil o mecanismo de defesa do ego. É mais fácil proteger-se contra um perigo externo do que contra um perigo interno. E o perigo externo, pelo mecanismo da racionalização, justifica-se também mais facilmente do que o perigo interno. Compreende-se, com mais facilidade, que o pequeno Hans tenha medo de sair de casa, se ele diz que está com medo de ser mordido pelo cavalo.

Agora, Freud afirma que esta explicação da angústia pelo perigo pulsional, embora não seja incorreta, não vai “ao fundo das coisas”, pois “permanece na superfície”.³⁰ E, de maneira surpreendente, apresenta a seguinte razão:

A exigência pulsional não é um perigo em si mesma, mas só o é porque traz consigo um verdadeiro perigo externo, o da castração.³¹

Assim, a angústia da castração, como uma ameaça que vem de fora, como um perigo externo, torna-se o verdadeiro motor do recalque. Ela é uma “angústia real” (*Realangst*) e Freud explica o que, neste contexto, entende por *Realangst*, quando acrescenta: “angústia diante de um perigo que é verdadeiramente ameaçante ou que é julgado como real (*vor einer wirklich drohenden oder als real beurteilten Gefahr*)”.³²

30. Aqui também o tradutor brasileiro não foi feliz quando traduziu esta passagem. Freud escreveu: “*Meine Bemerkung ist nicht unrichtig, aber sie bleibt an der Oberfläche*”. O que significa: “Minha observação não é incorreta, mas permanece na superfície” [ou seja, não vai ao fundo da questão]. Na Standard Brasileira, lemos: “Essa minha afirmação não foi incorreta, mas não penetrou a superfície das coisas”. Convenhamos que, assim traduzida, a frase não tem sentido. Cf. Sigmund Freud, “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 269. ESB. Vol. XX, p. 149.

31. “Der Triebanspruch ist ja nicht an sich eine Gefahr, sondern nur darum, weil er eine richtige äussere Gefahr, die der Kastration, mit sich bringt.” Sigmund Freud, “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 269. ESB. Vol. XX, p. 149.

32. Idem, ibidem, SA. Band VI, 252-253. ESB. Vol. XX, p. 131.

A ambigüidade desta posição freudiana claramente aparece, se comparamos o que acaba de ser dito ao que é escrito um pouco mais adiante neste mesmo livro. Referindo-se à ameaça da castração, como uma “ameaça externa”, ele afirma:

A pessoa amada não nos retiraria seu amor nem nos ameaçaria com a castração, se em nosso interior não alimentássemos determinados sentimentos e propósitos. Assim, estas moções pulsionais passam a ser condições de perigo exterior e perigosas nelas mesmas. Agora, podemos combater o perigo externo com medidas contra os perigos internos.³³

O mínimo que se pode dizer é que não era suficientemente claro, para Freud, que o perigo externo tivesse verdadeiramente uma primazia sobre o perigo interno, mesmo quando relacionado com a castração. Por isso, ele parece desdizer, aqui, o que, antes, afirmara com tanta convicção.

A crítica de Laplanche

Para Laplanche, esta primazia do perigo real externo sobre o perigo pulsional interno e o fato de Freud designar a castração como o modelo do perigo real externo são atitudes insustentáveis, se quisermos ser fiéis às exigências dinâmicas do próprio texto freudiano. A passagem que há pouco citamos – “a exigência pulsional não é perigosa em si mesma” – é, para ele,

33. “Die geliebte Person würde uns aber nicht ihre Liebe entziehen, die Kastration uns nicht angedroht werden, wenn wir nicht bestimmte Gefühle und Absichten in unserem Inneren nähren würden. So werden diese Triebregungen zu Bedingungen der äußeren Gefahr und damit selbst gefährlich, wir können jetzt die äußere Gefahr durch Maßregeln gegen innere Gefahren bekämpfen.” Cf. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 285. ESB. Vol. XX, p. 149.

simplesmente “horrível” e representa uma reviravolta completa no desenvolvimento do pensamento psicanalítico de Freud.³⁴

O que levou Freud a afirmar, em algumas passagens de *Inibição, Sintoma e Angústia*, esta primazia do perigo real externo e da angústia-real sobre a angústia pulsional foi, na opinião de Jean Laplanche, uma visão “funcionalista” da angústia, na qual esta seria subordinada à sua *Zweckmässigkeit*, vale dizer, à sua *finalidade natural de adaptação*, fazendo-a funcionar como um sinal para defender o ego contra o perigo da angústia automática e das situações traumatizantes. Ora, esta angústia adaptada a um perigo real não é primária. O ser humano, como disse o próprio Freud, é desprovido daqueles “instintos protetores” que defendem os animais contra os perigos externos e reais.

A clínica das fobias mostra que a angústia fóbica é uma angústia “não adaptada”, ou uma angústia “irreal”, que contamina o medo real dos fóbicos, de tal modo que ela pode camuflar-se, na fobia, como um medo real. A transitividade do medo (o pequeno Hans *tem medo* do cavalo) é contraposta a uma “reflexividade” da angústia (o pequeno Hans *se angustia* diante

34. Eis como se exprime Laplanche: “Bien sûr je schématise, dans le seul but de clarifier, au départ, ma position: *il s'agit d'une contestation franche de la thèse d'Inhibition, Symptôme et Angoisse, qui avait marqué un véritable retournement dans la pensée freudienne*, avec la mise en premier plan de la notion de danger réel, avec l'introduction de l'angoisse-réel (la *Realangst*) conçue comme primaire par rapport à l'angoisse pulsionnelle (la *Triebangst*). Dans cet ouvrage riche et passionnant, mais assez ambigu et même contradictoire, *une trajectoire féconde me paraît infléchie, voire rebroussée de façon inquiétante*: la ligne de pensée qui trouvait son point culminant avec l'*Au-delà du principe du plaisir* et était jalonnée par l'Introduction à la psychanalyse, chapitre XXV (exposé trop facilement négligé comme faisant partie d'un ouvrage à la renommée vulgarisatrice)”. Cf. Jean Laplanche. “Une métapsychologie à l'épreuve de l'angoisse”. In *La révolution copernicienne inachevée*, pp. 145-146. Grifos meus.

do cavalo). Seria um erro querer ver, no medo fóbico, apenas um deslocamento de um medo real. E Laplanche exemplifica: “É tentador querer, diretamente e de modo unívoco, passar do cavalo de Hans ao pai castrador ou à mãe devoradora. O sintoma não substitui um medo por um outro medo mais manipulável, como Freud foi tentado a dizer em *Inibição, Sintoma e Angústia*. O sintoma é realização de desejo e não encenação (*mise en scène*) alegórica de um medo”.³⁵ Neste contexto, o sintoma terminaria caindo do lado do recalcante, em vez de ser um retorno do recalcado, como sempre foi na tópica freudiana.

Como já foi dito, Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, recentra o estudo da fobia na castração. É a angústia de castração que está na origem da angústia fóbica. O perigo pulsional torna-se ameaçador por causa de sua projeção sobre o perigo real externo da castração.³⁶ Ora, é precisamente isto o que Laplanche mais critica nesta reformulação freudiana. Fazendo da castração um perigo real ou a expressão de uma angústia-real ligada a um perigo real externo, Freud deixa o registro do desejo e da sexualidade, que são específicos da pesquisa psicanalítica e transforma a angústia em medo, e o que é mais grave: corta a ligação da angústia da castração com o desejo. Cortando os laços da angústia com o desejo e com a sexualidade, não é de espantar que ele tenha dito que a pulsão não é ameaçadora em si mesma

35. Jean Laplanche. “Une métapsychologie à l’épreuve de l’angoisse”. In Jean Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée*, p. 149.

36. Freud diz explicitamente que o perigo da castração em nada se diferencia de um perigo real externo, senão pelo fato de que o seu conteúdo permanece inconsciente: “Nenhuma outra distinção da angústia-real (*Kein anderer Unterschied von der Realangst*), que o ego normalmente manifesta nas situações de perigo (*die das Ich normalerweise in Gefahrensituationen äußert*), a não ser que o conteúdo da angústia permanece inconsciente (*als daß der Inhalt der Angst unbewußt bleibt*) e apenas numa deformação torna-se consciente (*und nur in einer Entstellung bewußt wird*)”. Cf. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). *SA*. Band VI, 269. *ESB*. Vol. XX, pp. 149-150.

e que sua ameaça vem de sua ligação ao perigo real externo, o qual traz consigo a ameaça da castração.

O próprio mecanismo da *Verleugnung*, argumenta Laplanche, que está na base da fantasia da castração assegura-nos que o elemento prevalente que a constitui é o “desmentido” ou a “recusa” da realidade percebida. O elemento perceptivo da *Verleugnung* não pode ser equiparado a uma mera percepção objetiva, porque sua eficácia só se explica por causa da “crença infantil” que o determina. O elemento perceptivo da “ausência do pênis” na menina, que está na base da fantasia de castração, só é eficaz porque o menino parte da “crença” que todos os seres humanos têm um pênis. Os que não o tiverem, foram castrados. E se ela, a menina, foi castrada, ele também poderá vir a ter o mesmo destino.³⁷ É esta a “realidade” da castração, que mesmo no seu elemento perceptivo e ameaçador não se reduz a uma mera realidade do mundo empírico, mas a um elemento estruturante e organizador da vida fantasmática.³⁸

Se verdadeiramente é assim que Freud procede, fazendo da *Realangst* um perigo real externo, ou uma realidade empírica, e dando a esse perigo a primazia sobre a ameaça e o perigo pulsionais, a argumentação crítica de Laplanche parece irrefutável. Se esta é a única maneira de se compreender o que significa a *Realangst* freudiana e a primazia que lhe deu Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia*, então parece inquestionável que ele reverteu e comprometeu a trajetória evolutiva de seu pensamento psicanalítico, retrocedendo do registro do desejo e da fantasia para o registro da realidade empírica. Resta, porém, discutir se esta é a única maneira de que dispomos para compreender o que Freud quis dizer ao repensar a *Realangst* no contexto da reformulação de sua teoria da angústia. Pessoalmente sou inclinado a pensar que a *Realangst* não só pode, mas, de fato, tem

37. Cf. Sigmund Freud. “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908). *ESB*. Vol. IX, pp. 213-231.

38. Cf. Jean Laplanche. *L'angoisse*, pp. 242-249.

um outro sentido no contexto da reformulação freudiana da teoria da angústia. Mas sobre isso voltaremos a falar mais adiante.

A angústia diante do superego

Retomemos o que estávamos dizendo sobre a angústia de castração como manifestação da angústia fundamental de separação. No decorrer do desenvolvimento, diz Freud, a angústia de castração evolui e passa também a se manifestar sob a forma da angústia social e moral e, de modo mais impessoal, sob a forma de uma angústia diante do Destino. O que motiva esta nova modalidade da angústia é o sentimento de culpa, a hostilidade do superego, o medo de sua punição e, mais ainda, o medo de perder o seu amor. Eis como Freud se exprime:

Os progressos no desenvolvimento da criança, o aumento de sua independência, a diferenciação mais acentuada de seu Aparato anímico em várias instâncias, o aparecimento de novas necessidades não podem permanecer sem ter influência sobre o conteúdo da situação de perigo. Nós acompanhamos sua transformação (*Wandlung*) desde a perda do objeto materno até à castração, e vemos que o próximo passo é causado pelo poder do *Superego* (*durch die Macht des Über-Ichs*). Com a impersonalização da instância parental (*Mit dem Unpersönlichwerden der Elterninstanz*), de quem se teme a castração, o perigo torna-se impessoal. A angústia de castração desenvolve-se em angústia moral (*zur Gewissensangst*) e em angústia social (*zur sozialen Angst*). De um modo geral, é a ira [*Zorn*], a punição [*Strafe*] do Superego e a perda de seu amor que o ego valoriza como perigo e responde com o sinal de angústia. Parece-me que a última transformação desta angústia diante do Superego é a angústia da morte e da vida (*die Todes – (Lebens-)Angst*), a angústia diante da projeção do Superego nas forças do Destino (*Schicksalsmächten*).³⁹

39. Sigmund Freud. "Hemmung, Symptom und Angst". SA. Band VI, 279-280. ESB. Vol. XX, p. 163.

Antes mesmo de o Superego ser interiorizado sob a forma da “consciência moral”, como instância crítica herdeira do Complexo de Édipo, e poder explicar a origem do sentimento de culpa, a criança, que não tem uma capacidade inata para distinguir o que é bom e o que é mau, faz esta distinção, movida por “uma estranha influência” (*fremder Einfluss*), que Freud articula com o estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) e de dependência (*Abhängigkeit*). O mal é evitado porque a criança é dominada pela “angústia da perda do amor” (*Angst vor dem Liebesverlust*) daquelas pessoas, sem cujo amor ela se sente inteiramente desprotegida diante da vida. Nesta etapa, esclarece Freud, o sentimento de culpa⁴⁰ confunde-se com a “angústia diante da perda do amor”. Freud designa este tipo de angústia como “social”. Isto acontece não só com as crianças, mas também com os adultos de “má consciência” (*schlechtes Gewissen*) que se permitem fazer o que não devem, senão correm o risco de serem descobertos pela Autoridade.

É somente quando a autoridade é internalizada (*verinnerlicht*) e é formada a instância crítica do Superego que aparece o sentimento de culpa propriamente dito. Como é sabido, Freud deu um grande realce ao papel que tem o sentimento de culpa tanto na gênese dos conflitos psíquicos individuais, quanto do mal-estar na cultura. Diante da severidade e da hostilidade do Superego, o ego se sente culpado não somente pelas coisas más que fez, mas também por tê-las desejado fazer. “Do

40. Freud, quando se refere ao sentimento de culpa, tanto usa a palavra *Schuldgefühl* como *Schuldbewusstsein*. Esta última literalmente significa “consciência de culpa”. Onde o problema gramatical enfrentado por ele, quando teve que se referir ao sentimento de culpa inconsciente. “Consciência de culpa inconsciente” soava como um paradoxo e psicologicamente inexato. Por isso, Freud sugeriu, no artigo sobre “O problema econômico do masoquismo” (1924), que, em vez de sentimento de culpa inconsciente, se dissesse “necessidade de punição” (*Strafbedürfnis*). Cf. “Das ökonomische Problem des Masochismus” (1924) SA. Band III, p. 350. ESB. Vol. XIX, p. 208.

Superego, nada se pode ocultar (*vor dem Über-Ich kann sich nichts verbergen*), nem sequer os pensamentos (*auch Gedanken nicht*).⁴¹ Se o próprio desejo já é suficiente para recriminar o ego, então, “em psicanálise ninguém é radicalmente inocente”,⁴² e o sentimento de culpa se converte numa “permanente infelicidade interna” (*ein andauerndes inneres Unglück*).⁴³

A tirania e hostilidade do Superego para com o ego aparecem, claramente, nas neuroses obsessivas e, sobretudo, na melancolia.⁴⁴ Mas, elas são também responsáveis pela aparente contradição de serem as pessoas que mais perto chegaram da santidade (*Heiligkeit*), as que mais acerbamente se recriminam a pecaminosidade (*Sündhaftigkeit*).⁴⁵

Freud também observa que nem sempre o sentimento de culpa é a conseqüência de uma má ação. Em alguns casos, ele preexiste ao crime, a ponto de o criminoso sentir-se, de um certo modo, aliviado de poder, finalmente, ligar sua culpa a um ato que ele de fato cometeu.⁴⁶

O Superego, quando se impersonaliza, também se projeta nas forças cegas do Destino. Mais adiante teremos oportunidade de abordar o conceito de *Ananké*, que, como veremos, tem um papel importante na reformulação freudiana da noção de *Realangst*. *Ananké* é, para Freud, um dos mais sugestivos nomes do Destino. Mas, sobre isso, falaremos depois.

Foi assim que Freud repensou a natureza da angústia, (re)situando-a diante da noção de perigo e correlacionando-a com

41. Sigmund Freud. “Das Unbehagen in der Kultur” (1930). SA. IX, p. 252. ESB. Vol. XXI, p. 148.

42. Jean Laplanche. *L'angoisse*, p. 282.

43. Sigmund Freud. “Das Unbehagen in der Kultur” (1930). SA. IX, p. 254. ESB. Vol. XXI, p. 151.

44. Veja-se, a este respeito, as magistrais considerações de Jean Laplanche em *L'angoisse*, pp. 292-337.

45. Sigmund Freud. “Das Unbehagen in der Kultur” (1930). SA. IX, p. 252. ESB. Vol. XXI, p. 149.

46. Sigmund Freud. “Das Ich und das Es” (1924). SA. III, p. 319. ESB. Vol. XIX, pp. 68-69.

uma experiência traumatizante originária, da qual os estados de angústia posteriores seriam uma reprodução. Vejamos, agora, de que modo ele repensou uma nova tópica e função para a angústia.

Nova função e tópica da angústia

Depois de repensar a natureza, Freud sentiu também necessidade de reconsiderar uma nova tópica e função da angústia, reformulando o que, na primeira teoria, foi dito sobre a relação da angústia com o ego. Melhor do que uma reformulação, poder-se-ia dizer que Freud retomou, para um estudo mais aprofundado à luz da segunda tópica, a tese que, insinuada desde os primeiros escritos,⁴⁷ já aparecia bem clara na 25ª conferência das *Vorlesungen*, ou seja, *o ego não apenas sofre a angústia, mas também a produz, e a produz como defesa contra uma situação traumatizante.*

O ego, lugar da angústia

O ego é o lugar da angústia porque é ele, e não as outras instâncias do aparelho psíquico, que faz a experiência da

47. Recordemos esta passagem do “Projeto” (1895): “... o ego investido tem como função essencial evitar antigas trilhas afetivas. Esta situação só pode ser descrita da seguinte maneira: originariamente um investimento perceptivo, herdado de uma experiência dolorosa, gerou desprazer; o investimento é aumentado pela quantidade (Qn) que foi colocada em liberdade e procura descarregar-se seguindo caminhos já parcialmente traçados. Depois da instauração de um ego investido, a ‘atenção’ se prende aos investimentos perceptivos novos... e vai seguir, provida de investimentos laterais, o mesmo caminho que a quantidade vinda de W. *O desencadeamento do desprazer encontra-se assim reduzido em quantidade e vai agir como um sinal advertindo o ego para assegurar sua defesa*”. Sigmund Freud. “La naissance de la psychanalyse”, p. 368. Grifos meus. Cf. também ESB. Vol. I, p. 470.

angústia. O Id e o Superego podem motivar a angústia, mas eles próprios não fazem a experiência da angústia. Mas, além disso, Freud, ao reformular a tópica da angústia, vai ressaltar um outro motivo que faz do ego o lugar da angústia: o ego é capaz de produzir a angústia. E como isto se faz? Graças à ajuda “da instância praticamente onipotente do princípio de prazer” (*durch die Hilfe der beinahe allmächtigen Instanz des Lustprinzips*),⁴⁸ o ego retira seu investimento do representante psíquico da pulsão que vai ser recalcado e o utiliza para liberar o desprazer sob forma de uma angústia atenuada. Assim fazendo, ele pode inibir um processo pulsional do Id.

O ego produz uma angústia suportável para defender-se da situação traumatizante de uma angústia inesperada e incontrolável. Trata-se da *Angstbereitschaft* da 25ª conferência que, agora, no contexto da segunda tópica, vai ser olhada como um *Angstsignal*, ou seja, como um sinal de angústia, que o ego produz para se livrar do perigo de uma situação traumatizante.

Angústia automática e sinal de angústia

Freud, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, dá o nome de *automatische Angst*, ou seja, de *angústia automática* a esta angústia que surge *automaticamente*, quando o sujeito se encontra numa situação traumatizante – situação esta cujo protótipo é a *Hilflosigkeit* do recém-nascido e a contrapõe ao sinal de angústia (*Angstsignal*). O correspondente da angústia automática, na primeira teoria freudiana, era a *Angstentwicklung*, retratada, de modo muito claro, na experiência do terror e do pânico (*Schreck*), como um transbordamento inesperado de excitação que o sujeito de maneira alguma podia controlar.

48. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). SA. Band VI, 238. ESB. Vol. II, p. 113.

Quando, em situações análogas às situações traumatizantes, o ego reproduz uma “reação atenuada” daquilo que foi vivido antes, ele dá a esta vivência a função de um *signal de alarme*, de um pedido de ajuda, a fim de ter tempo de mobilizar suas defesas e não ser surpreendido pela angústia automática. Em outras palavras, Freud reafirma, em *Inibição, sintoma e angústia*, o que já dissera na 25ª conferência das *Vorlesungen*, ou seja, a *Angstbereitschaft* é uma defesa contra a *Angstentwicklung*.⁴⁹

Mas, na reformulação da teoria da angústia, o conceito de angústia automática vai mais longe do que o de *Angsentwicklung* da primeira teoria. Coerentemente ao que disse, repensando a natureza da angústia, Freud passa, agora, ao estudar a angústia automática, a enfatizar mais o *estado de desamparo* e de *vulnerabilidade* do sujeito nas situações traumatizantes, do que o excesso inesperado e incontrolável do desenvolvimento da angústia (*Angstentwicklung*).

Das situações traumatizantes, como dissemos, a situação por excelência é a do desamparo do recém-nascido, mas não é só o recém-nascido que pode ser vítima de uma situação traumatizante, o adulto também o pode, e, quando isto acontece, ele se sente tão desamparado como a criança. O que define o desamparo é a situação de *total passividade* em que se encontra o sujeito, na incapacidade de poder, com seus próprios recursos, encontrar saída para seus impasses. Somente quando o sujeito (seja ele criança ou adulto) vai, aos poucos, passando do estado de total passividade para o de atividade, é que ele se torna capaz de reconhecer o perigo e de preveni-lo com o sinal de angústia. Ou, para dizê-lo, com Freud:

49. Esta vivência, que é, ao mesmo tempo, uma *repetição* e uma *antecipação*, mostra, de modo extraordinário, aquilo que Zeljko Loparic chamou de “estrutura circular do tempo da angústia”. O passado, “lembrado” na angústia, não perde seu poder sobre o presente: girando o círculo, ele se abate sobre o presente vindo do futuro”. Cf. Zeljko Loparic. “Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano”. In Felícia Knobloch (org.). *O inconsciente. Várias leituras*, p. 56.

A angústia é a reação originária ao desamparo do trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo, como sinal de ajuda. O ego que viveu passivamente o trauma refaz, agora, de modo ativo, uma reprodução atenuada, na esperança de poder dirigir seu curso de modo espontâneo.⁵⁰

O *Angstsignal* está no centro desta reformulação da nova função e tópica da angústia. Poder-se-ia dizer que a ênfase dada ao sinal de angústia é apenas uma consequência daquilo que Freud escreveu sobre o ego na segunda tópica. Pois bem, o ego é a instância responsável pelo controle da realidade. É contra esses perigos, cujo protótipo é o Desamparo, que o *Angstsignal* funciona como um verdadeiro *símbolo mnésico*. Escreve Freud:

Os estados afetivos são incorporados à vida psíquica como sedimentos (*Niederschläge*) de acontecimentos traumáticos muito antigos (*uralter traumatischer Erlebnisse*) e são despertados, em situações análogas, como símbolos mnésicos (*wie Erinnerungssymbole*).⁵¹

Assim, duas são as situações que, para Freud, se encontram nas origens da angústia: em primeiro lugar, a *situação traumática*, cujo modelo, por excelência, é a situação de desamparo, fonte prototípica de toda angústia que acompanha o ser humano pelo resto da vida, e, depois, a *situação de perigo*, que pode ser externo ou interno, e que o ego procura controlar.

Talvez seja oportuno, para melhor compreender esta distinção entre situação traumática e situação de perigo e,

50. "Die Angst ist die ursprüngliche Reaktion auf die Hilflosigkeit im Trauma, die dann später in der Gefahrensituation als Hilfssignal reproduziert wird. Das Ich, welches das Trauma passiv erlebt hat, wiederholt nun aktiv eine abgeschwächte Reproduktion desselben, in der Hoffnung, deren Ablauf selbsttätig leiten zu können." Cf. Sigmund Freud. "Hemmung, Symptom und Angst" (1926). SA. Band VI, 304.

51. Cf. Sigmund Freud. "Hemmung, Symptom und Angst" (1926). SA. VI, 239. ESB. Vol. XXI, p. 115.

conseqüentemente, entre angústia automática e sinal de angústia, relacioná-la com aquela velha e célebre distinção que, desde os primeiros escritos, Freud estabeleceu entre *energia ligada* (*gebundene Energie*) e *energia livre*, ou *desligada* (*freie Energie*).⁵²

Na *angústia automática*, teríamos uma experiência de angústia, em que *a libido trabalha inteiramente desligada e solta*, e, por esta razão, o sentimento que dela resulta reveste a conotação de uma força incontrolável, que deixa o sujeito desamparado, exposto a um perigo de aniquilamento. Freud poderia ter articulado esta angústia automática com a pulsão de morte. Assim, a ênfase dada ao desamparo, na segunda teoria, não incluiria necessariamente uma renúncia ao pulsional, embora ele tenha questionado o primado da explicação econômica. Mas, já se disse e me parece com razão, a grande esquecida na reformulação freudiana da teoria da angústia foi a pulsão de morte (*Todestrieb*).

No *sinal de angústia*, o que está em jogo é *uma libido que pode ser ligada*. Freud, aliás, o diz explicitamente, quando sugere uma articulação entre, de um lado, a angústia automática e as neuroses atuais e, do outro, entre o sinal de angústia e as psiconeuroses. Nestas, “o ego faz tentativas para poupar e ligar, pela formação do sintoma, a angústia que ele aprendeu a manter, por um certo tempo, suspensa”.⁵³

52. Freud articulou esta dupla modalidade de energia com *os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico*, vale dizer, com o funcionamento primário, próprio dos processos inconscientes, nos quais a energia circula inteiramente livre e desligada de qualquer representação e o funcionamento secundário que já trabalha com a energia ligada nos processos psíquicos secundários.

53. “Das Ich Versuche macht, die Angst, die es eine Weile suspendiert zu erhalten gelernt hat, zu ersparen und durch Symptombildung zu binden”. Sigmund Freud. “Hemmung, Symptom und Angst” (1926). *SA*. VI, 281. *ESB*. Vol. XX, p. 165.

Estas foram as considerações mais importantes relacionadas com a função e tópica da angústia no contexto da nova reformulação da teoria freudiana da angústia.

Repensando a *Realangst*

Finalmente, no contexto da nova teoria da angústia, Freud retoma e repensa o conceito de angústia-real (*Realangst*) e lhe dá um novo lugar no conjunto de sua teoria da angústia. Na 25ª conferência das *Vorlesungen*, a angústia-real era definida em relação a um perigo externo conhecido e realmente existente no mundo das realidades empíricas, e se opunha à *angústia neurótica* que era concebida como um perigo interno, situado no interior do sujeito e desconhecido, até que fosse identificado pela análise. Assim Freud definia, ao mesmo tempo, duas modalidades diferentes de realidade: a realidade material e a realidade psíquica.⁵⁴

54. O mundo da realidade psíquica, que é uma modalidade de existência com características próprias, é fundamentalmente constituído pelo desejo e pelas fantasias conscientes e inconscientes que encenam o desejo. O importante é que esta realidade psíquica adquire, para nós sujeitos, o valor de uma verdadeira realidade, em nada inferior à realidade material. Foi isto que levou Freud a desacreditar de sua “Neurótica” e a abandonar a teoria da sedução sexual precoce (1897), quando tentou decifrar o enigma da sedução histórica. Depois disso, a lição da clínica só fez confirmar que “no mundo das neuroses (*in der Welt der Neurosen*) a realidade psíquica é a determinante (*die psychische Realität die Maßgebende ist*)”. Cf. Sigmund Freud. “Die Wege der Symptombildung”. In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1916). SA. Band I, 359. ESB. Vol. XVI, p. 430. Às vezes, os psicanalistas, para valorizarem a realidade psíquica, são tentados a menosprezar a realidade material e se esquecem de que é a realidade, tal qual aparece na sua objetividade empírica, que é, para Freud, um dos princípios do “acontecer psíquico” (*des psychischen Geschehens*). A realidade é que põe limites às ambições ilimitadas do desejo. Todavia, redefinindo a *Realangst* e apelando para uma “realidade originária e fundamental”, Freud ultrapassou as fronteiras do que estamos acostumados a convencionar como realidade. Ver a este respeito o que escreve Maria Rita Kehl no seu belo artigo “O desejo da realidade”. In Adauto Novaes (org.). *O desejo*, p. 366.

Como já sabemos, na primeira teoria da angústia, o perigo interno de natureza pulsional – a *Triebangst* – tinha primazia sobre o perigo externo. Quando a *Triebangst* projetava sua sombra de inquietação sobre o perigo externo, este, então, adquiria uma dimensão verdadeiramente ameaçadora para o ego. Agora, na reformulação da teoria da angústia, esta primazia é posta em questão. E, de maneira surpreendente, Freud afirma que, nela mesma, a moção pulsional não é ameaçadora e que só se torna tal por causa de sua relação com o perigo externo, perigo este que outro não é senão o perigo da castração.

Já conhecemos a crítica de Jean Laplanche a esta reformulação freudiana da natureza da angústia. Se, de fato, a *Realangst* só pudesse ser entendida como Freud a designou na primeira teoria, a argumentação de Laplanche, como já tivemos oportunidade de dizer, seria irrefutável. Mas, ainda permanece aberta a questão: seria possível encontrar um outro sentido para a *Realangst* no contexto da nova teoria freudiana da angústia? Eu, pessoalmente, penso que sim, mesmo admitindo que este novo sentido da *Realangst* não tenha sido suficientemente explorado nem clarificado por Freud. Ele, no entanto, indicou o caminho. E isto já é muito. Os gênios não são marcos que delimitam os caminhos da procura e da descoberta; eles são, de preferência, faróis que iluminam a estrada para que se possa avançar além do que eles viram e fizeram.

De fato, no momento em que Freud, ele próprio, afirma que o “perigo externo” – elemento condicionante da angústia – é o perigo da castração, ele indica um outro caminho para redefinir a *Realangst*, como uma realidade especial, vale dizer, como uma “realidade” que deve ser situada numa ordem diferente da realidade empírica. A *Realangst* passa a ser vista como uma “realidade originária e estruturante” e, como tal, como algo que deve ser situado na ordem do Fundamento.⁵⁵

55. Os filósofos vêem, no Fundamento, a causa que justifica racionalmente por que razão uma determinada coisa é aquilo que é. Aristóteles via na causa, assim considerada, aquilo que assegurava ontologicamente a necessidade

Lacan, quando teorizou a estrutura de sua tópica, designou uma ordem de realidade semelhante, como sendo o registro do Real e o opôs e articulou com os registros do Imaginário e do Simbólico. Alguém, todavia, poderia lembrar que esta distinção entre o Real e a realidade não se encontra no texto de Freud.⁵⁶ O importante, porém, não é saber se Freud fez, ou não fez, a distinção entre a ordem da realidade empírica e a ordem do Real, mas se esta distinção é adequada ou não, ou, então, se, de algum modo, ela pode contribuir para esclarecer o seu pensamento no que diz respeito à *Realangst*. Freud, sem dúvida, não trabalhou diretamente a angústia numa dimensão existencial. Mas esta não é a questão. O que se põe como questão é saber se o novo registro, no qual Freud colocou a *Realangst* ao reformular sua teoria da angústia, pode ser melhor compreendido à luz daquilo que os autores dizem sobre esta dimensão existencial da realidade, que, em filosofia, costuma-se designar com o nome de real. Todos sabemos que, para Freud, o caráter heurístico definia o valor das construções teóricas. Para ele, a teoria só tinha

do ser como substância. Esta causa fazia que o ser fosse aquilo que era e não pudesse ser de outra maneira. Mas o conceito de "Fundamento", como noção justificativa, acompanhou toda a trajetória da Filosofia e conheceu formulações diferentes na Filosofia medieval, moderna e contemporânea. Heidegger, por exemplo, conceitua o "Fundamento" de modo totalmente diferente daquele formulado por Aristóteles. Enquanto, para Aristóteles, o Fundamento assegura a *necessidade metafísica do ser*, para Heidegger, o Fundamento é a liberdade. A liberdade é o Fundamento do Fundamento. Ela é o abismo sem fundo do *Dasein*. "A liberdade, em sua natureza essencial de transcendência, põe o ser-aí como poder-ser em possibilidades que se estendem diante de sua escolha finita, ou seja, em seu destino". (Cf. M. Heidegger. *Sobre a essência do fundamento*, pp. 63-74).

56. Como quer que seja, no vocabulário freudiano, o termo *Real* existe juntamente com dois outros empregados para traduzir o conceito de realidade: *Realität* e *Wirklichkeit*. Nos textos metapsicológicos, Freud usa de preferência os conceitos *Real* e *Realität* e o de *Wirklichkeit* quando se refere à realidade empírica. Cf. André Bourguignon, Pierre Cotet, Jean Laplanche e François Robert. *Traduire Freud*, p. 132.

valor na medida em que, e enquanto, era capaz de explicar os fatos clínicos. Ora, o fato clínico que está no centro da reformulação do conceito de *Realangst* é o da castração.

A castração, uma fantasia originária

Pois bem, a castração – tal como é concebida pela pesquisa psicanalítica freudiana – distingue-se da castração real e biológica de que falam os cientistas, porque, enquanto esta se situa na ordem da *realidade empírica* e se realiza pela ablação dos testículos no homem e dos ovários na mulher, aquela se situa *no registro do imaginário*, não é uma castração real, mas fantasmática. Freud a situou no registro da realidade psíquica, e, neste registro, ela adquiriu a dimensão de uma “fantasia originária”, o que pode ser compreendido de dois modos: primeiramente, ela é uma fantasia que remete ao tempo das origens, onde, numa temporalidade mítica, encontra o seu fundamento último, o qual transcende a ordem da realidade empírica e do comportamento individual.

Depois, a fantasia originária transcende também a realidade empírica, na medida em que se apresenta como um elemento organizador e estruturante de toda a nossa vida fantasmática. Aqui, portanto, já estamos lidando com uma realidade, que é mais do que uma simples *realidade empírica*, porque se trata de uma “realidade originária”, ou seja, de uma realidade que é da ordem do fundamento. Assim considerada, ela antecede e transcende a vivência individual e a ordem da realidade empírica do mundo externo.⁵⁷

57. Sobre as fantasias originárias veja-se o artigo de Laplanche e Pontalis que se tornou um clássico da literatura psicanalítica sobre as fantasias. Cf. Jean Laplanche e J-B. Pontalis. “Fantasme originaire, fantasmes des origines et origine du fantasme”. In *Les Temps Modernes*, 1964 (n. 215), pp. 1833-1868.

Para melhor compreender esta dimensão “fundamental” que a fantasia originária da castração garante para toda a vida psíquica, eu lembraria a dupla modalidade com a qual Laplanche define o que é específico da castração na abordagem psicanalítica e o que lhe assegura um lugar central na doutrina freudiana, vale dizer, *a castração como castigo* e *a castração como promessa*.⁵⁸

A castração como castigo e como promessa

A castração, como castigo, articula a Lei e a punição por causa da transgressão da Lei. Em virtude da punição – que outra coisa não é senão a própria castração imaginada segundo todo o rigor da lei do talião: “*você é punido por onde pecou*” – o “pequeno Édipo” renuncia ao desejo incestuoso pela mãe. Mas, mesmo sob este aspecto punitivo, a castração é mais do que um mero castigo, pois ela liberta a criança da ambição fálica do seu desejo narcísico, mediante o qual a criança se acredita onipotente. É por causa dessa desmedida que o desejo transgride a Lei, e a castração, no que ela tem de mais profundo, nada mais é do que a renúncia a esta ambição fálica do desejo.

Da mesma forma que a Lei não tem apenas o aspecto negativo de proibição e de punição, mas tem também um aspecto positivo, no qual e pelo qual asseguram-se a ordem e a possibilidade da vida em comunidade, a castração, na perspectiva psicanalítica, além de castigo é, sobretudo, promessa; e, como promessa, é condição indispensável para a realização ulterior da vida humana. Se o pequeno Édipo não renunciar à mãe como objeto de investimento libidinal, as outras mulheres não lhe serão acessíveis e, desse modo, ficará comprometida a realização de sua vida afetiva e sexual.

Portanto, a castração é mais do que um castigo pelo qual se pune a transgressão da Lei, ela é, sobretudo, a condição

58. Jean Laplanche. *Castration et symbolisations*. (Problématiques II).

indispensável para que seja instaurada *a ordem do desejo*, sem a qual não existe nem pode existir uma vida verdadeiramente humana. É preciso não esquecer que, para a psicanálise, o homem, antes de ser um *ser de razão*, é um *ser de desejo*. Para poder ser constituído como um “ser desejante”, o homem tem que primeiramente renunciar a querer ser o “*phallus*”, vale dizer, a querer ser onipotente na ordem do desejo e tem que assumir a sua finitude e a falta como constitutiva daquilo que define a sua essência de ser humano. Como disse Juranville: “é pelo confronto com a castração, enquanto inseparável de seu desejo, que o homem se choca com o que é, para ele, o mais real, a hiância no próprio seio de seu ser de desejante”.⁵⁹

Sob o aspecto de promessa, a angústia de castração foi menos estudada por Freud. Mas é, sobretudo, quando considerada como promessa que melhor aparece o caráter “fundante” e “estruturante” da castração, tal como é abordada pela pesquisa psicanalítica contemporânea. De fato, sem assumir a castração simbólica, isto é, sem renunciar às ambições fálicas do desejo, nenhuma possibilidade existe para o homem de se tornar um sujeito. Sem renunciar às suas ambições fálicas, ele jamais poderá assumir o próprio desejo.

Que isto nos baste para ressaltar esta dimensão estruturante que, na perspectiva psicanalítica, a castração tem para a constituição do sujeito. A perda da soberania fálica é o cerne da experiência da castração. Somente através dela o homem descentra-se de uma subjetividade fechada, em que o sujeito se perde e se aliena nas idealizações do ego ideal e se torna capaz de fazer a passagem deste tipo de subjetividade fechada para uma experiência de subjetividade aberta, marcada pela alteridade e pelo reconhecimento da diferença do outro.⁶⁰

59. Cf. Alain Juranville. *Lacan e a filosofia*, p. 79.

60. Veja-se o interessante estudo de Joel Birman “Erotismo, desamparo e feminilidade”. In Joel Birman, *Cartografias do feminino*, pp. 17-37.

É porque está intimamente ligado ao processo de “desfalicização” que o Complexo de castração foi vinculado, por Freud, ao Complexo de Édipo. Daí o seu valor estruturante. Como escreve Joel Birman: “o complexo de Édipo impõe ao sujeito a sua inscrição num sistema de filiação e de reconhecimento do outro”. Mas isto só é possível quando o sujeito renuncia à sua auto-suficiência fálica e reconhece a dívida que tem para com o outro, dívida esta que se inscreve no seu próprio ser, pois é o outro que lhe possibilita a existência.⁶¹

O rochedo da castração

Quando temos tudo isso diante dos olhos, podemos, com mais facilidade, compreender por que Freud relaciona, de modo tão profundo, a *angústia de castração* com a *angústia do desamparo*. Num de seus últimos escritos, falando precisamente da dificuldade, quase insuperável, que sentem os homens de aceitar sua feminilidade e as mulheres, a ausência do pênis, ele nos fala do “rochedo de base” da castração,⁶² cujo impacto provoca a confrontação do homem com o enigma de sua finitude e de sua incompletude, ou, dito com outras palavras, de seu desamparo. Sem esta confrontação nenhuma análise pode ser bem-sucedida.⁶³

61. Cf. Joel Birman, op. cit., p. 49.

62. A expressão usada por Freud é *zum gewachsenen Fels* (cf. “Die endliche und die unendliche Analyse” [1937]. SA. Ergänzungsband, p. 392). O verbo *wachsen* significa crescer, mas pode também ter o significado de “criar raízes”, por isso me permiti traduzir a expressão *zum gewachsenen Fels* por “para o rochedo de base”, uma vez que existe uma significativa analogia entre os termos “base” e “raiz”. As raízes são a base da árvore e a base é a raiz do edifício. Na tradução brasileira, a palavra rochedo não aparece e a expressão *zum gewachsenen Fels durchgedrungen* foi traduzida por “alcançar o fundo”. (Cf. “Análise terminável e interminável” (1937). ESB. Vol. XXIII, p. 287).

63. Eis como Freud se exprime: “Tem-se freqüentemente a impressão (*Man hat oft den Eindruck*) de que, com o desejo do pênis e o protesto masculino (*mit dem Peniswunsch und dem männlichen Protest*), através de toda

Foi para, de alguma forma, identificar este lugar de confrontação do sujeito com o enigma da finitude e incompletude, ou com o enigma de seu desamparo que, no artigo de 1937 sobre "A análise terminável e interminável", Freud introduziu, no vocabulário psicanalítico, o *registro da feminilidade* que Joel Birman trabalhou admiravelmente no livro *Cartografias do feminino*. A feminilidade, como a entende Freud, seria uma nova forma de ultrapassar a lógica fálica. Onde esta domina só existem duas categorias de seres: os fálicos e os castrados. Quem tem o *phallus*, ou o pênis como símbolo do *phallus*, teria, supostamente, uma superioridade ontológica sobre quem não o tem, pois não tê-lo é ser inferiorizado no próprio ser. Por isso, quem o tem não quer perdê-lo e quem não o tem, sente inveja de quem o possui. Pois bem, é precisamente a ausência desse *phallus* que Freud quer significar com o termo de feminilidade. Poder-se-ia perguntar: será que esta designação é verdadeiramente adequada? De maneira adequada ou não, a feminilidade não é característica nem da mulher nem do homem, nem do feminino nem do masculino, ela é o lugar de confrontação do ser humano com sua finitude e incompletude. Daí a inquietação e angústia que domina o ser humano quando se choca com o "rochedo de base" da castração.

Não é meu propósito, no entanto, fazer, aqui, um estudo psicanalítico detalhado da angústia da castração. Procuro, tão-somente, mostrar de que modo a angústia da castração, considerada nesta perspectiva, pode ser articulada à angústia originária do desamparo. É esta a angústia que, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud denominou de *Urangst*, fazendo dela

estratificação psicológica, se avançou até o 'rochedo de base' (*sei man durch alle psychologische Schichtung hindurch zum "gewachsenen Fels" durchgedrungen*) e, desse modo, até ao término de sua atividade (*und so am Ende seiner Tätigkeit*). Cf. Sigmund Freud. "Die endliche und die unendliche Analyse" (1937). SA. *Ergänzungsband*, p. 392. ESB. Vol. XXIII, p. 287.

a angústia arquetípica, ou seja, angústia que funciona como “fundamento” de todas as diversas manifestações da angústia, que aparecem no desenrolar da vida humana.

Assim sendo, podemos concluir que, quando Freud, ao reformular sua teoria da angústia, relaciona a castração com o perigo externo e a designa como uma *Realangst*, este “Real” não pode ser entendido como foi na primeira teoria, ou seja, como algo relacionado com a realidade empírica, mas é uma realidade diferente, ou seja, faz parte de uma ordem, na qual a poderíamos designar como sendo uma “realidade originária”. O “Real” da *Realangst* apontaria, portanto, na direção de um “fundamento”, de um “rochedo de base”, que não pode ser reduzido à realidade objetiva do mundo exterior. Neste contexto, a *Realangst* seria não apenas a angústia diante de um perigo real, mas a angústia diante do Real.

Portanto, a angústia que Freud até então analisara na perspectiva tópico-econômica de sua abordagem metapsicológica, assume, agora, uma dimensão que se poderia dizer verdadeiramente *existencial*. O próprio Freud não explorou essa nova dimensão existencial da angústia, pois ela não se enquadrava no campo específico de sua pesquisa. Mas deixou aberto o caminho para outros pesquisadores. É em virtude desta dimensão existencial que, salvo melhor juízo, a *Realangst*, neste contexto, poderia ser traduzida como “angústia do Real”. Vejamos, agora, que subsídios poderemos encontrar na própria psicanálise e, fora dela, para melhor entender o que seria esta angústia do Real.

O “Real” na tópica lacaniana

No campo da pesquisa psicanalítica, o que Lacan ensina sobre o “Real” pode ajudar-nos a melhor compreender esta dimensão mais profunda da *Realangst* freudiana. Naturalmente não estou querendo dizer que os conceitos de *Real*, em Lacan, e de *Realangst*, em Freud, sejam a mesma coisa. Mas acredito que,

entre eles, exista uma relação analógica que, certamente, ajudar-nos-á a melhor compreender esta nova dimensão de realidade que passa a ter a *Realangst* na teoria freudiana. Vejamos o essencial do que Lacan ensina sobre a natureza e a função do Real na sua tópica, constituída pelo Real, pelo Simbólico e pelo Imaginário. Evidentemente o que me proponho fazer, aqui, não passa de um simples e despretensioso resumo do muito que Lacan escreveu, em toda a sua Obra, sobre a tópica do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Antes de mais nada, é preciso inserir o Real nesta trilogia e distingui-lo do Imaginário e do Simbólico, pois só assim ele pode revelar o seu sentido. Para dizê-lo de modo bem simples: se, para Lacan, o Simbólico é o lugar do significante e da função paterna, que asseguram a ordem do discurso e da cultura, bem como a possibilidade das relações intersubjetivas; e o Imaginário é o lugar da constituição e da identificação do eu (*moi*) e de todos os fenômenos ligados à sua formação (tais como o engodo da imagem, as ilusões, a alienação etc.); o Real, desde o início, é apresentado como um “resto” impossível de ser simbolizado, como uma “realidade desejante” inacessível a qualquer simbolização.

Se o Simbólico representa o registro do que é ordenado e o Imaginário, o registro do caótico, o Real é o registro do inominável. E, por isso mesmo, isto é, porque inominável e porque inacessível a qualquer simbolização, o “Real” é, também, o lugar, por excelência, da angústia. É do Real, diz Lacan, que a angústia dá o sinal e, de todos os sinais, é este o que não engana.⁶⁴

Embora não possa ser representado pela fala nem simbolizado pela escrita, o Real, no entanto, não deixa de ser dito nem deixa de ser inscrito, embora sua inscrição se faça num lugar onde não pode ser captada pelo sujeito. Antes do advento

64. Cf. Jacques Lacan. “A angústia – Seminário 1962-1963”. Recife, CEF, 1997. Publicação não comercial.

do sujeito, o Real “já estava lá”, subjacente a toda e qualquer simbolização. A esse propósito, não podemos deixar de ressaltar a semelhança na maneira de se exprimir entre Freud e Lacan. Este diz do Real aquilo que Freud afirmou sobre a angústia originária: “*Die Angst ist früher da*, ou seja, a angústia já estava ali desde o começo”.⁶⁵ O Real já se encontra lá como um “alhures” do sujeito, antes que o sujeito apareça e faça sua inserção na ordem do Simbólico. O Real, portanto, é algo subjacente a toda simbolização.⁶⁶ A realidade do Real é uma realidade de fundamento.

Lacan ensina também que o Real, quando é rejeitado do universo da simbolização, reaparece de forma estranha e inquietante, na realidade empírica e psíquica, sob a forma da alucinação ou do delírio. Temos um exemplo muito significativo disto no caso do Presidente Schreber. Na paranóia, a função paterna (o Nome do Pai), como significante fundamental da vida psíquica, é for(a)cluído do universo da simbolização e torna-se “o lugar da loucura”,⁶⁷ onde são criados os delírios e as alucinações. Lacan o demonstrou, magistralmente, na análise do caso clínico do Presidente Schreber, onde encontrou o paradigma para sua leitura psicanalítica das psicoses.⁶⁸

A *for(a)clusão*⁶⁹, como se sabe, é a tradução, proposta por Lacan, para a *Verwerfung* freudiana, que, geralmente, é traduzida pela palavra *rejeição*. Mas, já em Freud, a *Verwerfung* é mais

65. Cf. Sigmund Freud. “Angst und Tribleben” (1933). SA. Band I, p. 521.

66. Cf. Pierre Christoph Cathelineau. *Verbete réel*. In Roland Chemana (dir.). *Dictionnaire de la psychanalyse*, pp. 237-240.

67. Cf. Elizabeth Roudinesco e Michel Plon. *Dicionário da psicanálise*, p. 646.

68. Cf. Jacques Lacan. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In Jacques Lacan. *Escritos*, p. 537.

69. A palavra “For(a)clusão” é uma palavra que tem inspiração no vocabulário jurídico, no qual se falava da causa “*a foro exclusa*”, ou seja, da causa excluída do Fórum, sem possibilidade, portanto, de poder ser debatida.

do que uma simples rejeição, porquanto, nela, a representação desagradável não é só rechaçada da consciência (como acontece no recalque), mas, juntamente com ela, é rejeitada também uma parte da realidade.⁷⁰ Por isso, Freud pode dizer que a *Verwerfung* não é a mesma coisa que a *Verdrängung*. O recalcado, depois do trabalho da análise, pode ser reinserido na cadeia do discurso do sujeito, porque a representação recalçada não foi jogada fora da ordem da simbolização, como acontece com o significante for(a)cluído. Este, uma vez for(a)cluído, não pode mais ser reinserido na cadeia dos significantes nem no discurso do sujeito.

A dimensão estruturante do Real melhor ainda aparece quando Lacan o articula com o “*objeto a*”, objeto e causa do desejo. Um “nada” que sempre falta onde é esperado, um “resto” impossível de ser simbolizado, um “*manque-à-être*”, o *objeto a* é a condição absoluta da existência do sujeito, enquanto sujeito desejante. Ele assegura a verdade do sujeito em todos os momentos da existência.⁷¹

Não se pode deixar de sublinhar uma profunda analogia entre isto que Lacan diz sobre o *objeto a* e aquilo que Freud escreve, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, sobre a fantasia da castração, que sob a forma de uma angústia de separação acompanha também toda a existência do ser humano. Portanto, o *objeto a* não pode ser reduzido a um objeto-coisa que, como os demais objetos, encontram seu lugar no mundo ordenado pelo simbólico. Para mostrar que se trata de uma outra ordem de realidade, Lacan diz que o *objeto a* é a letra que se separa do significante e que se inscreve no Real.

Tudo isso exigiria um aprofundamento maior que não me sinto credenciado a fazer agora, e que nem é meu propósito sequer tentar fazer. O que me proponho é, apenas, chamar a

70. Cf. Sigmund Freud. “As neuropsicoses de defesa” (1894). *ESB*. Vol. III, p. 71-73.

71. Cf. Bernard Vandermersch. Verbete “*objet a*”. In Roland Chemama. *Dictionnaire de la psychanalyse*, p. 189.

atenção para a nova dimensão de realidade, diferente da realidade dos objetos empíricos, que o Real de Lacan revela, pois isto nos ajuda a melhor compreender a nova dimensão de realidade que Freud deu à *Realangst* na sua reformulação da teoria da angústia.

Tyché e Ananké

É também para desvendar esta nova dimensão de realidade revelada pelo Real que Lacan o articula com o conceito de Τυχή (*Tyché*). Os gregos usaram vários nomes para traduzir a idéia do Destino, da Fortuna e do Acaso. Entre eles, os principais foram: Μοῖρα (*Moir*a), Τυχή (*Tyché*) e Εἰμαρμένη (*Heimarméne*).

*Moir*a significa a parte, o lote, o quinhão, aquilo que a cada um cabe por sorte. *Moir*a é o Destino, mas o Destino concebido como uma força cega, impessoal, que paira, poderosa, sobre os homens e sobre os deuses. Suas decisões eram inalteráveis. Mesmo depois, quando a *Moir*a foi personificada sob a forma de uma Lei, nem Zeus podia transgredi-la sem colocar em perigo a ordem do Cosmos.

A palavra *Tyché* significa também a Fortuna de cada um, boa ou má. Ela entrou em cena quando a *Moir*a, na sua total irracionalidade, passou para o mundo religioso, para as Religiões dos Mistérios.⁷² Na *Tyché*, era menor o nível da fatalidade. O Destino de cada um dependia em parte daquilo que cada um fizesse para atingir, ou não, a finalidade de sua existência. Assim, de certo modo, se preparou o conceito de *Heimarméne*, pelo qual os estóicos designaram a Lei segundo a qual aconteciam todas as coisas. Este *Fatum* já não mais era cego, mas racional. Para os estóicos, ele era o próprio *Lógos*. Na filosofia patrística e medieval, o *Lógos* estóico recebeu o nome de Providência divina.

72. Cf. Junito Brandão. *Dicionário mítico-etimológico*. Vol. I-II.

Lacan vê, na *Tyché*, o núcleo do Real, pois ela representa a “ordem accidental” que serve de causa para determinar a realidade da existência. Ela define uma ordem de realidade, na qual *o acaso é causa*. São circunstâncias surpreendentes e inesperadas que surgem do Real e definem o nosso Destino. Na *Tyché*, algo de semelhante se passa com aquilo que acontece, quando cometemos um “ato falho” (*Fehlleistung*). Ficamos sem entender por que a verdade, que não pode ser assumida conscientemente, encontra o caminho inesperado do ato falho para poder ser dita. Da mesma forma, na *Tyché*, ou seja, no encontro inesperado de circunstâncias surpreendentes, abre-se espaço para a mesma pergunta, que cada um faz diante da fatalidade do Destino: por que eu? Por que isto foi acontecer justamente comigo? E a pergunta fica sem resposta, precisamente porque é o Destino que determina que assim seja. É a *Tyché*. É a realidade que escapa ao controle da ordem simbólica.⁷³

Freud também menciona *Tyché* como um dos elementos determinantes do Destino do homem.⁷⁴ Mas, quando se refere

73. Aristóteles esclarece o que os gregos entendiam por Fortuna e Acaso. Se, por um lado, há Acaso na Fortuna, nem sempre há Fortuna no Acaso. Apesar de casual, a Fortuna implica a conotação de êxito, o que pressupõe uma ação dirigida para um fim prático. Por isso, Fortuna lembra Felicidade e Infortúnio, desgraça. No Acaso, não há finalidade. Ele se enraíza na matéria como pura potencialidade. Veja-se, sobre isto, o Livro V da Física. *The Basic Works of Aristotle*. Ed. By Richard McKeon, New York, Random House, 1941, pp. 245-247. Sobre o conceito de Acaso e seu papel decisivo na filosofia epicurista cf. Giovanni Reale. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III, p. 180. Veja-se também o verbete *Acaso* no Volume V, p. 7.

74. Numa nota de rodapé citada logo no início de seu artigo sobre a “Dinâmica da Transferência”, Freud se refere ao “Δαίμων” (Daimon) e à “Τυχή” (Tyché) e afirma que eles determinam o Destino do homem (*das Schicksal eines Menschen*). O *daimon* refere-se ao que é da ordem da constituição e a “Tyché” ao que é da ordem das coisas que acidentalmente acontecem. Cf. Sigmund Freud. “Zur Dynamik der Übertragung” (1912). *SA-Ergänzungsband*, p. 159, n. 2. *ESB*. Vol. XII, p. 132, n. 2.

à “Realidade inexorável” que escapa a todo o controle da Razão, não é *Tyché*, mas a deusa *Ανάγκη* (*Ananké*) que ele, particularmente, relembra. Ele deu uma atenção toda especial à figura mítica de *Ananké* e a ela se referiu várias vezes na sua Obra.⁷⁵ A polissemia semântica de *Ananké* é muito rica. Entre as significações preferidas por Freud podemos destacar: o Inelutável, o Destino, a Realidade inexorável.

Durante toda a Filosofia arcaica e clássica, os gregos viram em *Ananké* a expressão da *necessidade absoluta*. Parmênides, no poema “Sobre a Natureza” (*Peri Physeos*), a define como “a Necessidade Inflexível”. Falando do ser ele escreve:

Mas, imóvel, nos limites de grandes liames
é sem princípio e sem fim, pois o gerar-se e o perecer
foram afastados para longe e rechaçou-os uma certeza veraz.
E idêntico no idêntico [lugar], ficando em si mesmo, jaz
e assim, fixo, permanece, pois a Necessidade inflexível
o mantém nas cadeias do limite, que o encerra em torno,
pois é Destino que o ser não seja ilimitado:
pois de nada é carente, enquanto o não-ser carece de tudo.⁷⁶

Foi Epicuro quem pôs em questão esta visão de mundo totalmente dominada pela “inexorável Necessidade”, ou seja, pela inflexível *Ananké*; e, contrariando à própria Física atomística de Demócrito, introduziu o conceito de *clinamen* (ou desvio),

75. Sobre o lugar de *Ananké* na metapsicologia freudiana e sua relação com o conceito de realidade, ver o que escreve Paul Ricoeur no seu magistral livro “*De l'interprétation, essai sur Freud*”. Paris, Seuil, 1956. Consultei também o trabalho de Vincenzo di Matteo intitulado “*Ananké em ‘O mal-estar na civilização’*”. Desamparo e compromisso ético”, que ainda não foi publicado, mas ao qual tive acesso, graças a uma cópia digitada que me foi cedida pelo autor.

76. Parmênides. *Sobre a Natureza*. Fr. 8. Trad. de Giovanni Reale. *História da Filosofia Antiga*. Vol. I., p. 110. Hermann Diels em vez de “Necessidade inflexível” chama a *Ananké* de “Necessidade cheia de poder” (*die machtvolle Notwendigkeit*). Cf. Herman Diels, *Fragmente der Vorsokratiker*, p. 46.

segundo o qual os átomos podem ter um mínimo desvio em qualquer momento do tempo, ou lugar do espaço, o que permite o encontro de uns com os outros. A razão desta inovação não era propriamente teórica, mas, sobretudo, ética. Para Epicuro, num mundo inteiramente dominado pela Necessidade, não haveria lugar para a liberdade, nem possibilidade de realização do ideal do sábio. Este desvio, inteiramente casual, tornar-se-ia, para Epicuro, a causa do acontecer dos seres, dando origem, assim, a uma ontologia não mais dominada pela idéia da Necessidade.⁷⁷ Compreende-se que Lacan tenha preferido articular sua noção do Real com *Tyché* e não com *Ananké*.

Como quer que seja, esta referência que aqui estou fazendo à deusa *Ananké*, e ao lugar especial que ela tem na Obra de Freud, tem como propósito mostrar que a *Realangst*, colocada como fonte originária da angústia, pode, de alguma forma, ser articulada com esta “realidade fundamental” que prende o homem nos limites da finitude e da incompletude. Embora sejam dois conceitos inteiramente distintos, a *Ananké*, tal como Freud a entendia, lança alguma luz sobre o enigma da *Realangst* que (re)define a natureza da angústia.

De fato, a introdução da pulsão de morte levou Freud a repensar o que, até então, tinha sido dito sobre o “princípio de realidade”, na sua oposição ao “princípio de prazer”. Se é inegável que, com a pulsão de morte, passou a existir, no espaço psicanalítico, um “além do princípio do prazer”, também se pode dizer que, simultaneamente, passou a existir um “além do princípio da realidade”. Se, até então, a realidade tinha como finalidade estabelecer limites ao prazer, que é de natureza ilimitada, tão ilimitada quanto a natureza do desejo; se era colocando esses limites que o princípio de realidade assegurava a garantia (*Sicherung*) do próprio prazer;⁷⁸ agora, com a

77. Cf. Giovanni Reale. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III, pp. 180-183.

78. Cf. Sigmund Freud. “Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens” (1911). SA. Band III, p. 22. ESB. Vol. XII, p. 283.

introdução da pulsão de morte, a realidade vai ser, ela também, marcada com o signo da morte, e da morte como destino. E quando é, assim, marcada pelo signo da morte e da morte como destino, a realidade reveste um aspecto inexorável e inelutável. Freud, então, vê nela a figura mítica da deusa *Ananké*.⁷⁹

Sem perder sua função metapsicológica, a realidade, quando articulada com a figura mítica de *Ananké*, reveste uma *dimensão trágica*, que se poderia dizer *existencial*. Freud, no *Futuro de uma Ilusão*, atribui a *Ananké* a difícil tarefa de educar os homens para aceitar as exigências da realidade. Esta educação para a realidade (*Erziehung zur Realität*) é mais do que fazer aceitar os seus limites, significa assumir o inelutável do seu destino, que outra coisa não é senão o Desamparo. É convencer ao homem de não fazer dos ideais um refúgio contra a desilusão do desamparo.⁸⁰

Pode-se, portanto, dizer que, nesta dimensão, a realidade é mais do que um princípio do funcionamento do aparelho psíquico, ela se torna um “princípio de sabedoria”, que consiste, precisamente, em assumir a “dura realidade da existência”. Dir-se-ia que, assim considerando a realidade, e vendo nela a figura mítica de *Ananké*, Freud, de alguma forma, fez seu o “*Amor Fati*” de Nietzsche.

Se é verdade que o conceito freudiano de realidade pode revestir estas duas dimensões – metapsicológica uma e existencial a outra –, facilmente se pode também compreender que o conceito de *Realangst* tenha revestido dois sentidos diferentes em dois momentos distintos da evolução do pensamento psicanalítico de Freud. Na primeira teoria, a *Realangst* define um tipo de realidade que se opõe ao mundo do sonho e da fantasia, e se confunde com a realidade empírica do mundo exterior.

79. Paul Ricoeur. *De l'interprétation. Essai sur Freud*, p. 318.

80. Cf. Sigmund Freud. “Die Zukunft einer Illusion” (1927). SA. Band. IX. ESB. Vol. XXI.

No momento, porém, em que Freud repensou a teoria da angústia e reformulou sua teoria das pulsões com a introdução da pulsão de morte, a *Realangst* adquiriu também uma dimensão trágica, pois a realidade que assumiu o primeiro plano da pesquisa não foi mais a realidade do mundo empírico, mas a inexorável realidade da *Ananké*.

Mas, deixemos a Filosofia Antiga e vamos agora nos voltar para um filósofo contemporâneo, que deu à angústia um lugar de destaque na sua filosofia. Nele, também, a angústia reveste uma dimensão trágica, na medida em que nos coloca diante do abismo do Nada. Refiro-me a Heidegger. Devo, porém, advertir o leitor de que não vou fazer uma apresentação geral da filosofia heideggeriana. Vou, apenas, lembrar o essencial daquilo que ele escreveu sobre a angústia, valendo-me de excelentes resumos de seu pensamento, feitos por pessoas cujo saber muito admiro, e, a partir desses resumos, vou perguntar se a concepção heideggeriana da angústia pode ajudar-nos, de alguma forma, a compreender melhor o conceito freudiano da *Realangst*.

A angústia na filosofia de Heidegger

O que de essencial Heidegger escreve sobre a angústia, salvo melhor juízo, poderia ser resumido naquilo que a analítica existencial do *Sein und Zeit* revela sobre o *Dasein* (ser-aí, presença), enquanto ser-para-a-morte (*Sein zum Tod*) e sobre a categoria ontológica do Nada, como questão fundamental para se interrogar o sentido do Ser.

O *Dasein*, um ser-para-a-morte

Como é sabido, para Heidegger o homem é, entre todos os entes, um ente especial, um *Dasein*, vale dizer, um ser-aí, uma presença, precisamente porque é o único, entre os entes, que se põe a questão do sentido do Ser. O que define este ser-aí é o

fato de ele ser um ser-no-mundo, e, no mundo, de “cuidar” das coisas que lhe servem de utensílios para a realização de seu projeto existencial e de cuidar dos outros homens com os quais partilha a existência no existir-com (*Mit-sein*). Pois bem, o homem conhece as coisas quando sabe o que fazer delas, e, da mesma forma, conhece-se a si mesmo quando sabe o que *pode ser*. Por isso, é este “poder-ser” que define sua existência.

Todavia, para não se deixar enclausurar no impessoal e na cotidianidade da existência inautêntica, o homem nunca deve perder de vista a morte, como a *possibilidade permanente*, capaz de tornar impossíveis todas as outras possibilidades da existência. Ou, dito de outro modo, o homem deve constantemente confrontar-se com a possibilidade da morte como sendo a *possibilidade da impossibilidade de seu existir*, pois, como disse Heidegger: “enquanto fim da pre-sença, a morte *é e está* em seu ser-para o fim”.⁸¹

A morte não é um acontecimento que só terá lugar no fim da caminhada e que, por conseguinte, pode sempre ser olhada como “algo” que só vai acontecer depois. A morte é uma *possibilidade permanente* que, a todo instante, nos espreita. “*Sendo para sua morte, a pre-sença, de fato, morre continuamente durante o tempo em que ainda não deixou de viver.*” Somente quando assume esta possibilidade constante da impossibilidade da existência é que esta se torna uma existência autêntica. Na cotidianidade, diz Heidegger, a morte é “um acontecimento conhecido” e, como tal, “permanece na não-surpresa”. É algo que, um dia, acontecerá, mas que “ainda-não é simplesmente dado”. Na cotidianidade, procura-se tranquilizar o homem a respeito da morte. Por isso mesmo, nela não há lugar para “assumir a angústia da morte”.⁸² É na angústia, e só nela, que aparece o que

81. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. § 52. O ser-para-o-fim cotidiano e o pleno conceito existencial da morte. Parte II, p. 41.

82. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. § 51. O ser-para-a-morte e a cotidianidade da presença, pp. 34-37.

somos e como somos, pois ela nos confronta com nossa possibilidade de não mais-estarmos-aí-no-mundo, a possibilidade da morte, esta possibilidade que rechaçamos e que esquecemos desde que estamos-aí-no-mundo.⁸³

O que define, para Heidegger, a angústia é que ela nos confronta com a morte e com o nada. “Aquilo com que a angústia se angustia, escreve ele, é o ‘nada’ que não se revela ‘em parte alguma’.”⁸⁴ Na angústia, o ser-aí coloca-se diante de si mesmo a partir de seu próprio ser. Na cotidianidade, o ser-aí foge de si mesmo. Mas é precisamente daquilo de que foge que ele corre atrás, como ser-para-um fim, como ser-para-a-morte.

A angústia e a experiência do Nada

Não podemos fazer uma representação do que seja o Nada. Só podemos representar objetos determinados. Só podemos conhecer, pelo caminho da representação, os entes particulares e determinados. Não é através do conhecimento representacional, portanto, que temos acesso ao Nada. São nossas disposições afetivas que nos abrem caminho para esta experiência e, entre as disposições afetivas que nos dão acesso ao Nada, a angústia tem um lugar de destaque.

Já sabemos que, para Heidegger, é o *ser-para-a-morte* que dá sentido e torna autêntica a existência humana. É também esta experiência da *possibilidade da impossibilidade* que define o que é a angústia. Esta é o caminho de acesso para a experiên-

83. Podemos articular isto ao que diz Zeljko Loparic sobre a estrutura do tempo circular da angústia, “porque a possibilidade de não mais estarmos-aí é trazida de volta para o nosso *presente*, como algo inapelável que nos *aguarda no futuro* iminente”. Cf. Zeljko Loparic. “Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano”. In Felícia Knobloch (org.). *O Inconsciente. Várias leituras*. (1991), p. 55.

84. Martin Heidegger, *idem*, *ibidem*, p. 250.

cia do Nada. *Ela coloca o homem diante do Nada*. Existir autenticamente é olhar de frente a possibilidade de não-ser, é a aceitação corajosa da própria finitude e da própria negatividade. Só através da experiência da angústia, podemos “saber” alguma coisa do Nada, espaço vazio que se abre na incompletude do ser-aí. Este espaço vazio é o fundo sem fundo donde emerge para os entes a possibilidade de se mostrarem e de serem descobertos como entes. Um vazio que é, ao mesmo tempo, uma certa plenitude.

Para Heidegger, o Nada não é apenas uma categoria lógica, mas uma categoria ontológica e o ser-aí com ele se relaciona de diversas maneiras: primeiramente, é de seu abismo e de seu fundo sem fundo que ele procede; depois, é na morte, ou seja, nesta outra manifestação do abismo do nada, que o ser-aí tem seu fim; e, finalmente, o próprio ser do ser-aí é sempre marcado por esta ausência-presença e por esta presença-ausente da morte, ou, como diz Heidegger, “*Sendo para a morte, o ser-aí morre continuamente durante o tempo em que ainda não deixou de viver*”.⁸⁵ Donde se deduz que, do ponto de vista ontológico, o Nada pertence essencialmente ao ser do ser-aí como ser-no-mundo.

Na angústia, o ser-aí coloca-se diante de si mesmo a partir de seu próprio ser-no-mundo e é dominado pelo sentimento “estranho” de “não se sentir em casa”. Na angústia, rompe-se a familiaridade do cotidiano e o ser-aí vive fugindo de si mesmo. Esta fuga de si mesmo é a fuga da estranheza que o ser-aí experimenta em relação a si mesmo. Trata-se de uma estranheza que é inerente ao ser-aí como ser-no-mundo. Heidegger dá uma

85. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. § 52 O ser-para-o-fim cotidiano e o pleno conceito existencial da morte. Trad. Brasileira. Parte II, p. 42. Veja-se também sobre a relação do ser-aí com o Nada o que escreve Thomas Ranson Giles na sua *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1989, p. 110.

ênfase toda especial a este “não sentir-se em casa” e diz que ele deve ser considerado, existencial e ontologicamente, como “o fenômeno mais originário”.⁸⁶ Com isto, pode-se concluir que a experiência da angústia antes de suas manifestações psicológicas é uma experiência ontológica: “o disparo psicológico da angústia só é possível porque a pre-sença no fundo de seu ser se angustia”.⁸⁷

E isto leva Heidegger a distinguir angústia e medo. Semelhante ao modo de proceder de Freud, ele também diz que o medo é determinado por algo que é simplesmente dado no interior do mundo, ao passo que a angústia é inteiramente indeterminada. “Nada do que é simplesmente dado, ou que se acha no interior do mundo, serve para a angústia com que ela angustiar-se.” O ameaçador não está em nenhum lugar e, no entanto, está tão próximo que sufoca a respiração. Heidegger, então, conclui: *o que angustia na angústia é o Nada*. E acrescenta: “quando a angústia passa, diz-se costumeiramente, ‘propriamente não foi *nada*’, mas este discurso refere-se ontologicamente ao que *foi*”.⁸⁸

Portanto, a angústia, como disposição fundamental, pertence à constituição essencial do ser-aí como ser-no-mundo e como ser-para-a-morte. A angústia nos faz sentir uma ameaça de aniquilamento que está radicada no mais íntimo de nós mesmos. Os medos são defesas contra essa angústia fundamental. Os medos camuflam a angústia. Por isso, Heidegger diz que a angústia, propriamente dita, é rara.

86. Martin Heidegger, *idem*, *ibidem*, p. 254. Não se pode deixar de querer comparar esta passagem do *Ser e Tempo* de Heidegger com o que escreve Freud sobre o *Unheimlich* (cf. Sigmund Freud, “Das Unheimliche” (1919). SA. Band IV, pp. 241-174), onde o familiar torna-se motivo de estranheza e de horror, quando marcado pelo signo do recalque.

87. *Idem*, *ibidem*, p. 254.

88. Martin Heidegger, *idem*, *ibidem*, p. 251.

Uma vez que não podemos representar o Nada, não podemos também representar a angústia, nem fazer a angústia falar. Daí por que, quase sempre, nossos medos conseguem silenciar a angústia. Mas esta, embora possa tornar-se muda, nem por isso desaparece. Na medida em que ela é fundamentalmente possibilitação de novos entes, ela pode também ser considerada como condição para a emergência de uma nova fala, que Luís Cláudio Figueiredo denominou de “fala fenomenalizadora”.⁸⁹ Que a angústia seja condição de possibilidade para novos entes, facilmente se entende, porquanto os entes só podem se fenomenalizar onde se abriu uma clareira, ou seja, onde existe um vazio, uma incompletude. Na cotidianidade, todos esses espaços são obturados. Somente quando o ser-aí é remetido à impotência e à inciência, à falta de apoios e ao seu desamparo, é que se abre o espaço de possibilitação para novos entes e para novas descobertas. É somente, diria Luís Cláudio Figueiredo, quando se liberta da preocupação de dar razões que se pode descobrir “*o que é puro movimento de tornar-se figura desde um fundo que é nada do ponto de vista dos entes já constituídos, mas que é um nada pleno: o nada é um vazio de entes, de formas e figuras, mas não é só vazio, é também uma discreta plenitude*”.⁹⁰

Naturalmente, este simples esboço que tentou mostrar o lugar da angústia na filosofia de Heidegger está muito longe

89. “É a fala fenomenalizadora que responde à escuta do inaudível e à visão do invisível dando uma figurabilidade mínima para que, antes de qualquer objetivação e racionalização, algo possa vir a ser, para que algo se mostre.” Ela se opõe à *fala realizadora* que procede *dando razões e explicações* e integrando os fenômenos num conjunto articulado, coerente e lógico. Cf. Luís Cláudio Figueiredo. “Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica”. In *Percurso*, n. 16, I/1996, pp. 81-89. Ver também do mesmo autor o belo livro *Escutar, recordar e dizer. Encontros heideggerianos com a Clínica psicanalítica*. São Paulo, Escuta/Educ, 1984.

90. Luís Cláudio Figueiredo, “Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica”, p. 85. Grifado pelo autor.

de poder traduzir toda a riqueza do que Heidegger escreveu sobre a angústia. Mas as considerações feitas me parecem oportunas e nos oferecem subsídios muito válidos para, numa perspectiva totalmente diferente, tentar compreender a *Realangst* freudiana.

Na medida em que, também para Heidegger, a angústia não é uma realidade objetiva que se pode determinar; na medida em que ela tem uma dimensão originária; na medida em que ela é uma disposição constitutiva do ser humano jogado no mundo e destinado à morte; na medida em que Heidegger, articulando a angústia com a experiência do nada e do sentir-se estranho na própria casa, correlaciona a angústia com o desamparo, eu, pessoalmente, tenho a impressão que, em campos totalmente distintos, Freud e Heidegger descobriram coisas muito próximas sobre o enigma da angústia. E se a pulsão de morte tivesse sido mais lembrada na reformulação freudiana da sua teoria da angústia, por certo esta analogia, que compara elementos que, na sua diferença, têm algo de semelhante, seria ainda maior. Sob todos esses aspectos, portanto, a angústia heideggeriana nos ajuda a melhor compreender a nova dimensão que Freud deu à angústia na reformulação que fez de sua teoria e, sobretudo, no momento em que repensou a *Realangst*.

O “rochedo de base”, como Freud denominou a castração, o Real inominável da tópica lacaniana e a angústia, como experiência do nada, na filosofia de Heidegger foram abordagens que, por caminhos diferentes, nos ajudaram a ver melhor como foi repensada a *Realangst* na reformulação a que Freud submeteu a sua teoria da angústia. Se, apesar de todo nosso esforço durante esse longo percurso, o conceito de *Realangst* ainda permanece obscuro, isto não nos surpreende nem desanima, porquanto a angústia, como sombra do ser, é obscura na sua própria natureza. Que nos console, então, o fato de ter procurado ver com clareza o fundo sem fundo obscuro desta “angústia originária”, que está na origem de todas as nossas angústias.

À guisa de uma conclusão: uma fábula

É com a lição da fábula 220 de Higino¹ que desejo terminar as reflexões desenvolvidas, neste livro, sobre os destinos da angústia na psicanálise freudiana. A fábula foi trabalhada por Goethe para a segunda parte do *Faust* e Heidegger a transcreveu no parágrafo 42 do seu livro *Sein und Zeit*, vendo nela uma auto-interpretação pré-ontológica do *Dasein*, como *Sorge*, ou seja, como cuidado ou cura.²

1. Este meu trabalho já estava pronto para ser enviado à Editora, quando tive a oportunidade e o contentamento de conhecer o livro *Saber e cuidar: Ética do humano e com-paixão pela terra* que Leonardo Boff acaba de publicar na Editora Vozes. Neste belo livro, o autor retoma a fábula de Higino, nos dá preciosas informações sobre o seu autor e faz um interessante estudo sobre o *Cuidado*, como *ethos* fundamental da vida humana. O autor da fábula é Caius Julius Hyginus, que o Imperador Caio Júlio César Octávio levou consigo como escravo pessoal para Roma. Libertado e instruído na famosa Biblioteca Palatina, Higino tornou-se um grande mestre e escreveu bastante sobre quase todos os campos do saber. Entre suas obras principais encontra-se o livro *Fabulae seu Genealogiae* (Fábulas ou Genealogias). A fábula 220 é de grande beleza literária, provavelmente de origem grega, e foi elaborada por Higino nos termos da cultura romana (cf. Leonardo Boff, op. cit., p. 52).
2. Heidegger diz que descobriu a fábula de Higino no ensaio de K. Burdach. *Faust und die Sorge*. Deutsche Vierteljahresschrift für Literatur-

Refletir sobre a lição desta fábula parece-me mais adequado do que tentar elaborar algumas “conclusões” para encerrar este meu trabalho. Primeiramente, porque não saberia como “concluir” (e por conseguinte “fechar”) uma reflexão que, pela dinâmica de sua própria natureza, esteve e sempre estará “aberta” a ulteriores reflexões. Além do mais, todos os aspectos abordados na minha leitura do texto freudiano continuam abertos à revisão, como, aliás, o próprio Freud sempre desejou que se fizesse com o seu próprio texto. Assim sendo, recorro à fábula, que, na sua linguagem simbólica, pode nos ensinar muito mais do que nossas vãs teorias.³

É verdade que a palavra latina empregada no texto original da fábula não é *angor* (angústia) mas “cura”, cuja significação principal é indiscutivelmente “cuidado”. Mas como, em latim, a palavra “cura” pode também ser traduzida por “inquietação” e “preocupação”, creio que não seja despropositado, levando em consideração o contexto deste meu estudo, que eu tenha traduzido

wissenschaft und Geistesgeschichte (I.1923). Ele diz ainda que apresentou o texto da fábula de conformidade com a versão de F. Bücheler no *Rheinisches Museum*. Vol. 41 (1886), e que utilizou a tradução de Burdach. A tradutora brasileira do *Sein und Zeit*, Márcia de Sá Cavalcanti, sugere que, quando referida ao nível de estruturação da pre-sença e da sua constituição ontológica, a *Sorge* heideggeriana seja traduzida pelo termo latino “cura”. Os vocábulos “cuidado” e “preocupação” seriam melhor empregados para traduzir as realizações concretas do exercício do *Dasein*.

3. Chegando ao término de meu percurso no presente trabalho, tomo ainda mais consciência de que muito pouco me detive para analisar as repercussões da teorização freudiana do conceito de angústia sobre a *clínica psicanalítica*. As referências à angústia na neurose de angústia e na histeria de angústia deveriam ter sido complementadas pelo que Freud escreveu, em seus textos clínicos, sobre a angústia obsessiva e sobre as diversas formas de angústia psicótica. Esta restrição, no entanto, foi intencional, pois o objetivo que me propus, no presente trabalho, foi acompanhar a trajetória do pensamento freudiano na *elaboração teórica da problemática da angústia*. A angústia na clínica psicanalítica é um sugestivo tema que fica aberto para novas pesquisas.

o termo “cura” da fábula por “angústia”. Além do mais, no “cuidado” existe sempre uma dimensão de preocupação e de angústia.

No texto de Heidegger, a palavra latina “cura” é traduzida por *Sorge* e não por *Angst*. Mas, na sua analítica existencial, os dois termos *Sorge* e *Angst*, apesar de suas nuances próprias, completam-se e, mutuamente, se implicam. De fato, podemos dizer, utilizando as próprias palavras de Heidegger, que “em sua essência, o ser no mundo é cura”⁴ e que “a angústia, como disposição fundamental, pertence à constituição essencial da presença como ser-no-mundo”.⁵ Cura, cuidado e angústia, portanto, fazem parte da constituição essencial do ser-aí como ser-no-mundo.

Portanto, não creio que esteja fazendo uma utilização arbitrária da fábula que Higino escreveu, em latim, sobre “Cura”, como a dimensão fundamental da existência humana, quando a aplico para resumir o essencial do que Freud escreveu sobre a angústia.

Eis a fábula na sua versão original latina:

Cura cum fluvium transiret, videt cretosum lutum, sustulitque cogitabunda atque coepit fingere. Dum deliberat quid jam fecisset, Jovis intervenit. Rogat eum Cura ut det illi spiritum et facile impetrat. Cui cum vellet Cura nomen ex sese ipsa imponere, Jovis prohibet suumque nomen ei dandum esse dictitat. Dum Cura et Jovis disceptant, Tellus surrexit simul suumque nomen esse vult cui corpus praeberit suum.

Sumpserunt Saturnum iudicem. Is sic aecus iudicat: “Tu, Jovis, quia spiritum dedisti in morte spiritum. Tuque Tellus, quia dedisti corpus, corpus recipito, Cura enim quia prima finxit, teneat quamdiu vixerit. Sed quae nunc de nomine eius vobis controversia est, homo vocetur, quia videtur esse factus ex humo”.

Numa tradução brasileira, a fábula poderia ser assim apresentada:

4. Martin Heidegger. *Ser e tempo*, § 41, p. 257.

5. Idem, ibidem, § 40, p. 253.

Angústia, ao atravessar um rio, viu uma massa de argila e, mergulhada nos seus pensamentos, apanhou-a e começou a modelar uma figura.

Quando deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu. Angústia pediu que ele desse uma alma à figura que modelara, e, facilmente, conseguiu o que pediu.

Como Angústia quisesse, de si própria, dar um nome à figura que modelara, Júpiter proibiu e prescreveu que lhe fosse dado o seu. Enquanto Angústia e Júpiter discutiam, Terra apareceu e quis que fosse dado o seu nome a quem ela fornecera o corpo.

Saturno foi escolhido como árbitro. E este, eqüitativamente, assim julgou a questão:

“Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a terás depois da morte. E tu, Terra, porque lhe deste o corpo, tu o receberás após a morte. Todavia, porque foi Angústia quem primeiramente a modelou, que ela a tenha, enquanto a figura viver.

Mas, uma vez que existe entre vós uma controvérsia sobre o nome, que ela seja chamada ‘homem’, porque feita do *humus*”.

Segundo Heidegger, esta fábula tem a força de um testemunho, como interpretação pré-ontológica do ser-aí no mundo. O ser-aí, que é o homem, enquanto viver, pertencerá a Cuidado (*Sorge*). *Cura prima finxit*: o que vale a dizer, o Cuidado (*Sorge*) modelou o ente que é o homem na sua origem e o seu signo o marcará durante toda a trajetória de seu viver no tempo. O homem pertencerá a Cuidado (*Sorge*) enquanto viver – *quamdiu vixerit*.

Heidegger ainda acrescenta que, segundo Burdach, a *Sorge* tem um duplo sentido. Além de “esforço angustiado”, ela é também dedicação. A importância deste aspecto da *Sorge* para a realização da natureza do homem foi vista por Sêneca, quando, certa vez, escreveu: se o Bem realiza a natureza divina, *é o cuidado pelo outro que realiza a natureza do homem*. Heidegger, então, conclui que a perfeição do homem está no “desempenho” do cuidado (*Sorge*).

Heidegger termina as considerações do § 40 do *Sein und Zeit*, consagrado à disposição fundamental da angústia como abertura privilegiada do *Dasein*, dizendo que a angústia não é

somente *angústia com*, mas, como disposição, é também *angústia por*. “Na pre-sença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo.”⁶

A fábula de Hígino, que Heidegger interpretou no contexto da analítica existencial de *Sein und Zeit*, pode também ser lida e interpretada à luz de tudo aquilo que Freud escreveu sobre a angústia e, particularmente, sobre a *Urangst* (angústia originária) no momento em que reformulou a teoria da angústia. A *Urangst* marca, ela também, com seu selo, o ser humano desde o momento de seu nascimento, e, nas manifestações de angústia em que se desdobra, ela continua marcando o homem – *quamdiu vixerit*, ou seja, enquanto este viver. Porque modelado pela angústia, o homem tem, nela, a sombra de seu ser, que o acompanha por todas as estradas da vida.

Este selo originário da angústia, que Freud chamou de *Urangst*, remete à experiência fundamental do desamparo. O estado de desamparo, por um lado, lembra ao homem sua condição existencial de finitude e seus limites. Esta condição é inexorável e, diante dela, o homem tem que resignar-se, como costumava dizer Freud. Mas, por outro lado, a Angústia do desamparo tem também uma face positiva e libertadora, pois é na medida em que o homem assume o desamparo, que ele se liberta das ilusões que o alienam e escravizam.

Como escrevi noutro lugar: “ninguém pode fugir da condição fundamental de desamparo sem condenar-se a viver na mediocridade do anonimato, ou da inautenticidade, como sugere Heidegger, ou, ainda, sem deixar-se envolver pelo engodo das ilusões, como ensina Freud. Mas daí não se segue que devemos submeter-nos servilmente a esta condição humana. Pela força criativa da inteligência e da imaginação e pela capacidade de luta que lhe é inata, o homem projeta seus sonhos e seus anseios para conseguir, não digo transcender sua condição humana, mas

6. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. Parte I, § 40, p. 252.

escapar à sua servidão. Olhando a existência como tarefa, o homem deixa de ser joguete do Destino e passa, ele próprio, a construir o seu destino e a escrever a sua história”.⁷ Este o seu grande desafio.

7. Cf. Zeferino Rocha. “Desamparo e metapsicologia – para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana”. In *Síntese. Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, vol. 26, n. 86, pp. 343-344.

Bibliografia

I. Textos de Freud citados

BREUER, J., FREUD, S. [1895d]. *Studien über Hysterie*. G.W. I, 75.

FREUD, S. [1892-1899]. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: "Manuscrito A" [sem data e sem título]; "Manuscrito B – Sobre a etiologia das neuroses"; "Manuscrito E – Como se origina a ansiedade"; "Manuscrito K– As neuroses de defesa". *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, com os comentários e Notas de James Strachey, em colaboração com Anna Freud, assistido por Alix Strachey e Alan Tyson. Tradução brasileira sob a revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976. Vol. I, 243-380.

_____. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Editado por Joffrey Mousaieff Mason. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

_____. [1894a]. "Die Abwehr-Neuropsychosen". G.W. I, 290-305.

_____. "As neuropsicoses de defesa". ESB. Vol. III, 57-74.

_____. [1895]. "Entwurf einer Psychologie". In *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London, Imago Publishing Co.

_____. "Projeto para uma psicologia científica" (1895). ESB. Vol. I, 381-506.

_____. Tradução francesa: *La naissance de la psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1956.

_____. [1895b]. *Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen*.

- Studienausgabe. Fischer Taschenbuch, 1982. SA, Band VI, 25-50.
- ____ "Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia' ". *ESB*. Vol. III, 107-136.
- ____ [1895c]. "Obsessions et phobies". *Revue Neurologique*. Vol. 3, Fasc. 2, p. 33. *G.W. I*. 343. *ESB*. Vol. III, 85-97.
- ____ [1895f]. "Zur Kritik der Angstneurose". *G.W. I*, 355.
- ____ "Uma réplica às críticas do meu artigo sobre a neurose de angústia". *ESB*. Vol. III, 143-164.
- ____ "Estudos sobre a histeria". *ESB*. Vol. II.
- ____ [1896b]. "Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen". *G.W. I*, 379-403.
- ____ "Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa". *ESB*. III, 187-216.
- ____ [1897b]. "Inhaltsangaben der wissenschaftlichen Arbeiten des Privatdozenten Dr. Sigm. Freuds". *G.W. I*, 461.
- ____ "Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud [1877-1897]". *ESB*. Vol. III, 255-288.
- ____ [1908c]. "Über infantile Sexualtheorien". SA, Band V, 169.
- ____ "Sobre as teorias sexuais das crianças". *ESB*. Vol. IX, 213-231.
- ____ [1909b]. "Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben". SA, VIII, 9.
- ____ "Análise de uma fobia de um menino de cinco anos". *ESB*. Vol. X, 15-158.
- ____ [1910c]. "Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci". SA, Band, X, 87.
- ____ "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância". *ESB*. Vol. XI, 59-125.
- ____ [1911b]. "Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens". SA, Band III, 13.
- ____ "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental". *ESB*. Vol. XII, 277-290.
- ____ [1911c]. "Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoïdes)". SA, Band VII, 133.
- ____ "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoïdes)". *ESB*. Vol. XII, 23-103.
- ____ [1912b]. "Zur Dynamik der Übertragung". SA, Ergänzungsband. S. 157.
- ____ "A dinâmica da transferência". *ESB*. Vol. XII, 133-147.

- ____ [1914c]. "Zur Einführung des Narzissmus". SA, III, 37.
- ____ "Sobre o narcisismo: uma introdução". ESB. Vol. XIV, 89-122.
- ____ [1915d]. "Die Verdrängung". SA, Band III, 103-118.
- ____ "Repressão". ESB. XIV, 169-190.
- ____ [1915e]. "Das Umbewusste". SA, Band III, 121-173.
- ____ "O inconsciente". ESB. Vol. XIV, 191-238.
- ____ [1916-1917]. "Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse". SA, Band I.
- ____ "Conferências introdutórias sobre psicanálise". ESB. Vol. XVI.
- ____ [1916-1917]. "Die gemeine Nervosität". In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA, Band I, 367-379.
- ____ "O estado neurótico comum". In *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB. Vol. XVI, 441-456.
- ____ [1916-1917]. "Die Angst". In *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA, Band, I, 380-397.
- ____ "A ansiedade". In *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB. Vol. XVI, 457-480.
- ____ [1916-1917]. "Die Wege der Symptombildung". In *Vorlesungen zur Einführung in die psychoanalyse*. SA, I, 359. ESB. Vol. XVI, 430.
- ____ [1917 a]. "Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse". G.W. XII, 1.
- ____ "Uma dificuldade no caminho da psicanálise". ESB. Vol. XVII, 171-183.
- ____ [1919h]. "Das Unheimliche". SA, Band IV, 241.
- ____ "O estranho". ESB. Vol. XVII, 273-314.
- ____ [1920g]. Jenseits des Lustprinzips. SA, Band III, 213-272.
- ____ *Além do princípio do prazer*. ESB. Vol. XVIII, 17-90.
- ____ [1923b]. "Das Ich und das Es". SA, Band III, 275-330.
- ____ "O ego e o id". ESB. Vol. XIX, 23-90.
- ____ [1924c]. "Das ökonomische Problem des Masochismus". SA, III, 339.
- ____ "O problema econômico do masoquismo". ESB. Vol. XIX, 199-215.
- ____ [1925d]. "Selbstdarstellung". G.W. XIV, 31.
- ____ "Um estudo autobiográfico". ESB. Vol. XX, 17-106.
- ____ [1926d]. "Hemmung, Symptom und Angst". SA, Band VI, 229-308.
- ____ "Inibições, sintomas e ansiedade". ESB. Vol. XX, 107-201.
- ____ [1927c]. "Die Zukunft einer Illusion". SA, Band IX, 135.
- ____ "O futuro de uma ilusão". ESB. Vol. XXI, 15-80.
- ____ [1930a]. *Das Unbehagen in der Kultur*. SA. IX, 191.
- ____ *O mal-estar na civilização*. ESB. Vol. XXI, 81-177.
- ____ [1933a]. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die*

- Psychoanalyse*. SA, Band I, 448-610.
- *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB. Vol. XXII, 13-222.
- [1933a]. “Angst und Triebleben”. In *Neue Folge zur Einführung in die Psychoanalyse*. SA, Band I, 517-543.
- “Ansiedade e vida instintual”. ESB. Vol. XXII, 103-138.
- [1940a (1938)]. “Abriß der Psychoanalyse”. G.W. Band XVII, S. 57.
- “Esboço da psicanálise”. ESB. Vol. XXIII, 161-234.

II. Textos citados de outros autores

- ANDRÉ, Jacques. Prefácio à tradução francesa do livro de Freud *Inibição, sintoma e angústia*. Paris, Quadrige/PUF.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- ARISTÓTELES. *The Basic Works of Aristotle*. Ed. by Richard Mckeeon. New York, Randon House, 1941.
- BIRMAN, J. “Psicanálise, uma estilística da existência? Metapsicologia e pulsão nas diferentes leituras freudianas da experiência psicanalítica”. In *Por uma estilística da existência*. São Paulo, Editora 34, 1996, pp. 31-51.
- *Cartografias do feminino*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- BOURGUIGNON, A., COTET, P., LAPLANCHE, J., ROBERT, F. *Traduire Freud*. Paris, Presses Universitaires de France, 1989.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela Terra*. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico*. Vols. I-II. Petrópolis, Vozes, 1991.
- CATHILINEAU, Pierre Christoph. “Réel”. In CHEMAMA, R. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993.
- COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. *Pânico. Contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico*. São Paulo, Lemos Editorial, 1997.
- “O pânico e os fins da psicanálise: a noção de desamparo no pensamento de Lacan”. In *Percurso*. Nº 19, 2/1997.
- *Pânico e desamparo*. São Paulo, Escuta, 1999.
- DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Hamburg, Rowoholts, 1957.
- DI MATTEO, Maria de Fátima Cavalcante. “A falha do desejo no trans-torno do pânico”. In *Psicanalítica*. Publicação do Círculo Psicanalítico de Pernambuco e da Sociedade Psicanalítica da Paraíba.

- Revista nº 6, Ano VI, 1998, pp. 47-61.
- DI MATTEO, Vincenzo. "Ananké em 'O mal-estar na civilização'. Desamparo e Compromisso ético". Trabalho ainda não publicado, consultado em cópia digitada cedida pelo autor.
- ELLENBERGER, H. *The Discovery of the Unconscious. The History und Evolution of Dynamamic Psychiatry*. New York, Basic Books, 1970.
- EY, H., BERNARD, P., BRISSET, Ch. *Manuel de Psychiatrie*. 4ª éd. Paris, Masson et Cie Éd., 1974.
- FERNANDES, Maria Helena. "A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: uma clínica psicanalítica do corpo". Tese de doutorado feita sob a orientação do Prof. Pierre Fédida e realizado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental e de Psicanálise da Universidade de Paris VII, 1997.
- FERRAZ, Flávio C., VOLICH, Rubens M. (org.). *Psicossoma. Psicossomática psicanalítica*. São Paulo, Caso do Psicólogo, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio. "As províncias da angústia (roteiro de viagem)". In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. II, nº 1, março 1999, pp. 50-63.
- _____. *Escutar, recordar, dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo, Escuta/Educ, 1994.
- _____. "Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica". In *Percurso*. Nº 16, I/1996, pp. 81-89.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana – 1. Sobre as afasias. O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana – 3. Artigos de Metapsicologia. Narcisismo, pulsão, recalque e inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- GILLES, Thomas Ranson. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1989.
- HANS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência do fundamento*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971.
- _____. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Parte I e II. Petrópolis, Vozes, 1989.

- JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- KEHL, Maria Rita. "O desejo da realidade". In NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp. 363-382.
- KIERKEGAARD, S. *Le concept d'angoisse*. Paris, Vrin, 1949.
- KNOBLOCH, Felícia (org.). *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo, Escuta, 1991.
- LACAN, Jacques. *A Angústia – Seminário 1962-1963*. Recife, Centro de Estudos Freudianos, 1997. Publicação não comercializada.
- _____. "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In *Escritos*, Versão brasileira Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, pp. 537-590.
- LAPLANCHE, J. "Interpréter (avec) Freud". In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier, 1992, pp. 21-36.
- _____. "Une métapsychologie à l'épreuve de l'angoisse". In *La révolution copernicienne inachevée*. Op. cit., pp. 143-159.
- _____. *Problématiques I – L'angoisse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1980.
- _____. *Problématiques II – Castration et symbolisation*. Paris, PUF, 1981.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- _____. "Fantasme originaire, fantasmes des origines et origine du fantasme". In *Les Temps Modernes* (n. 215), pp. 1833-1868.
- LEWIS, A. "Problems presented by the ambiguous Word 'Anxiety' as used in Psychopathology". In *The Later Papers of Sir Aubrey Lewis*. Oxford M. Shepherd (ed.), Medical Publications (O.U.P.), 1979.
- LOPARIC, Zeliko. "Um olhar epistemológico sobre o Inconsciente freudiano". In KNOBLOCH, F. (org.). *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo, Escuta, 1991, pp. 43-58.
- MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo, Loyola, 1992.
- PELICIER, Y. "Le vocabulaire de l'angoisse". In *L'Anxiété*, Première Conférence Roussel Uclaf. Paris, Laboratoires Roussel Uclaf, 1977.
- PERES, Urania Tourinho (org.). *Melancolia*. São Paulo, Escuta, 1996.
- POROT, A. *Manuel alphabétique de psychiatrie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1955.
- QUINODOZ, Jean Michel. *La solitude apprivoisée. L'angoisse de*

- séparation en psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1991.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. 5 volumes. Trad. Marcelo Perine e Henrique de Lima Vaz. São Paulo, Loyola, 1994.
- RICOEUR, Paul. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris, Seuil, 1956.
- ROBERT, Paul. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, SNL (Société Nouveau Lithé), 1970.
- ROCHA, Zeferino. *Freud: aproximações*. 2ª ed. revista e aumentada. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1995.
- “Somatização e simbolização: seus destinos na psicopatologia freudiana”. In *Freud: aproximações*. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1995.
- “Desamparo e metapsicologia – para situar o conceito de desamparo no contexto da Metapsicologia freudiana”. In *Síntese. Revista de Filosofia*. Belo Horizonte. Vol. 26, nº 86, pp. 331-344.
- ROUDINESCO, Elizabeth, PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- VANDERMERSCH, Bernard. “Objet a”. In CHEMAMA, R., *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica II*. São Paulo, Loyola, 1993.
- WAHL, J. *Études kierkegaardiennes*. Paris, Vrin, 1949.
- VOLICH, Rubens M., FERRAZ, Flávio C., ARANTES, Maria Auxiliadora de A. C. (orgs.). *Psicossoma II. Psicossomática psicanalítica*. São Paulo, Caso do Psicólogo, 1998.

LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA ESCUTA

- Psicanálise, judaísmo: ressonâncias, Renato Mezan (esg.)
Do gozo criador, Carlos D. Pérez
O manuscrito perdido de Freud, H. Haydt de S. Mello
O psicanalista e seu ofício, Conrad Stein
Elementos da interpretação, Guy Rosolato
A pulsão de morte, André Green et al.
Psicanálise de sintomas sociais, Sergio A. Rodriguez/Manoel T. Berlinck (orgs.)
Família e doença mental, Isidoro Berenstein
Narcisismo de vida, narcisismo de morte, André Green
As Erínias de uma mãe, Conrad Stein
Notas de psicologia e psiquiatria social, Armando Bauleo
Trauma, amor e fantasia, Franklin Goldgrub
Clínica psicanalítica: estudos, Pierre Fédida
Psicanálise da clínica cotidiana, Manoel Tosta Berlinck
O acalanto e o horror, Ana Lucia C. Jorge
A Representação. Ensaio psicanalítico, Nicos Nicolaïdis
O desenvolvimento kleiniano I. Desenv. clínico de Freud, Donald Meltzer
Édipo africano, Marie-Cécile e Edmond Ortigues
Comunicação e representação, Pierre Fédida (org.)
Ensaio de psicanálise e semiótica, Miriam Chnaiderman
Freud e o problema do poder, León Rozitchner
Melanie Klein: evoluções, Elias M. da Rocha Barros (org.)
Figurações do feminino, Danièle Brun
14 conferências sobre Jacques Lacan, Fani Hisgail (org.)
Introdução à psicanálise, Luis Hornstein
O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro, Piera Aulagnier
O desenvolvimento kleiniano II. Desenv. clínico de Melanie Klein, D. Meltzer
Tausk e o aparelho de influenciar na psicose, Joel Birman (org.)
A construção do espaço analítico, Serge Viderman
Um intérprete em busca de sentido – I, Piera Aulagnier
Um intérprete em busca de sentido – II, Piera Aulagnier
Ter um talento, ter um sintoma, Denise Morel
A dialética freudiana I: Prática do método psicanalítico, Claude Le Guen
O inconsciente: várias leituras, Felicia Knobloch (org.)

Psicose: uma leitura psicanalítica, Chaim S. Katz (org.)
História da histeria, Etienne Trillat
A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico, Equipe de A.T. do Hospital-Dia A CASA (org.)
A clínica freudiana, Isidoro Vegh
O título da letra, Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe
Quando a primavera chegar, M. Masud R. Khan
O Deus odioso. O diabo amoroso. Psicanálise e representação do mal, Marcio Peter de Souza Leite e Jacques Cazotte
As bases do amor materno, Margarete Hilferding, Teresa Pinheiro e Helena B. Vianna
Transferências, Abrão Slavutzky
Do sujeito à imagem. Uma história do olho em Freud, Hervé Huot
O sentimento de identidade, Nicole Berry
Gigante pela própria natureza, Emilio Rodrigué
Freud e o homem dos ratos, Patrick J. Mahony
Nome, figura e memória, Pierre Fédida
A supervisão na psicanálise, Conrad Stein et alii.
O lugar dos pais na psicanálise de crianças, Ana Maria Sigal de Rosenberg (org.)
Perturbador mundo novo. História, psicanálise e sociedade contemporânea, SBPSP (org.)
Cidadãos não vão ao paraíso, Alba Zaluar (Co-ed. Edunicamp)
Casal e família como paciente, Magdalena Ramos (org.)
Mancar não é pecado, Lucien Israël]
Crônicas científicas, Anna Veronica Mautner
Penare, Celia Eid e Maria Lucia Arroyo
A histérica, o sexo e o médico, Lucien Israël
Olho d'água. Arte e loucura em exposição, João Frayze-Pereira
Vida bandida, Voltaire de Souza
Figuras da teoria psicanalítica, Renato Mezan (Co-ed. EDUSP)
Em busca da escola ideal, Neda Lian Branco Martins
A casca e o núcleo, Nicolas Abraham e Maria Török
Ah! As belas lições!, Radmila Zygouris
Sigmund Freud. O século da análise, Vol I, Emilio Rodrigué
Sigmund Freud. O século da psicanálise, Vol II, Emilio Rodrigué
Sigmund Freud. O século da psicanálise, Vol III, Emilio Rodrigué
A dialética da falta, Alba Gomes Guerra e Patrícia Simões
A interpretação, Elisabeth Saporiti
Fato em psicanálise, IJPA
O corpo de Ulisses. Modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer, Paulo Ghiraldelli Jr.
Considerações sobre o psiquismo do feto, Therezinha Gomes de Souza-Dias

A psicanálise e a vida, Bela Sister e Marilsa Taffarel (orgs.), Isaías Melsohn
 Outra beleza. Estudo da beleza para a psicanálise, Claudio Bastidas
 O sítio de estrangeiro, Pierre Fédida
 Psicoterapia breve psicanalítica, Haydée C. Kahtuni
 O processo analítico, IJPA
 Elaboração psíquica. Teoria e clínica psicanalítica, Paulina Cymrot
 A linguagem dos bebês, Marie-Claire Busnel
 Uma pulsão espetacular. Psicanálise e teatro, Mauro P. Meiches
 Freud. Um ciclo de leituras, Silvia Leonor Alonso e Ana Maria Siqueira
 Leal
 Cadernos de Bion 1. Uma teoria do pensar, aprendendo com a experiência, Júlio C. Conte (org.)
 O estrangeiro, Caterina Koltai (org.)
 Eu corpando. O ego e o corpo em Freud, Liana Albernaz de M. Bastos
 Diálogos, Gilles Deleuze e Claire Parnet
 O sintoma da criança e a dinâmica do casal, Isabel Cristina Gomes
 A escuta, a transferência e o brincar, IJPA
 Sexo, Rosely Sayão (Co-ed. Via Lettera)
 A prova pela fala. Sobre a causalidade em psicanálise, Roland Gori
 (Co-ed. UCG)
 O instante de dizer. O mito individual do doente sobre a medicina moderna, Marie-Jose Del Volgo (Co-ed. UCG)
 O desenvolvimento kleiniano III. O significado clínico da obra de Bion, D. Meltzer
 Achados chistosos da psicanálise nas crônicas de José Simão, Jane de Almeida (Co-EDUC)
 A história de Tobias. Um estudo sobre o animus e o pai, Fabíola Luz
 Freud e a consciência, Oswaldo França Neto
 Pulsões de vida, Radmila Zygouris
 Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi, Luis Cláudio Figueiredo
 Transferência, sedução e colonização, IJPA
 Febem, família e identidade. O lugar do Outro. Isabel da Silva Kahn
 Marin
 A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica, Gina K. Levinzon
 Mosaico de letras. Ensaio de psicanálise, Urania Tourinho Peres
 Cadernos de Bion II, Júlio César Conte (org.)
 Memórias de um autodidata no Brasil, Mauricio Tragtemberg
 Ética e técnica em psicanálise, Luís Claudio Figueiredo e Nelson Coelho
 Junior
 A arte do encontro de Vinícius de Moraes, Sonia Alem Marrach
 Educação para o futuro. Psicanálise e educação, Maria Cristina Machado Kupfer
 Política e psicanálise. O estrangeiro, Caterina Koltai

Nas encruzilhadas do ódio, Micheline Enriquez

AIDS. A nova desgraça da humanidade, Henrique Figueiredo Carneiro

COLEÇÃO — BIBLIOTECA DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Melancolia, Urania Tourinho Peres (org.)

Histeria, Manoel Tosta Berlinck (org.)

Autismos, Paulina S. Rocha (org.)

Depressão, Pierre Fédida

Pânico e desamparo, Mario Eduardo Costa Pereira

Anorexia e bulimia, Rodolfo Urribarri (org.)

Dor, Manoel Tosta Berlinck (org.)

Toxicomanias, Durval Mazzei Nogueira Filho

Diferenças sexuais, Paulo Roberto Ceccarelli

COLEÇÃO — PSICANÁLISE DE CRIANÇA

Rumo à palavra. Três crianças autistas em psicanálise, Marie-Christine Laznik-Penot

Sublimação da sexualidade infantil, Paulo A. Buchvitz

COLEÇÃO — O SEXTO LOBO

Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil, Contardo Calligaris

Clínica do social. Ensaios, Luiz Tarlei de Aragão (org.)

Exílio e tortura, Maren e Marcelo Viñar

Extrasexo. Ensaio sobre o transexualismo, Catherine Millot

Alcoolismo, delinquência, toxicomania, Charles Melman

Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país, Charles Melman

Fantasia de Brasil. As identificações em busca da identidade nacional, Octavio Souza

Modos de subjetivação no Brasil-e outros escritos, Luís Cláudio Figueiredo (Co-ed. EDUC)

A face e o verso. Estudos sobre o homoerotismo — II, Jurandir Freire Costa

COLEÇÃO — ENSAIOS

Merleau-Ponty. Filosofia como corpo e existência, Nelson Coelho Jr. e Paulo Sérgio do Carmo

O inconsciente como potência subversiva, Alfredo Naffah Neto

O pensamento japonês, Hiroshi Oshima

Comunicação e psicanálise, Jeanne Marie Machado de Freitas

Clarice Lispector. A paixão segundo C.L., Berta Waldmann

A pulsão anarquista, Nathalie Zaltzman

Escutar, recordar, dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica, Luís Claudio Figueiredo (Co-ed. EDUC)

Sintoma social dominante e moralização infantil, Heloísa Fernandez (Co-ed. EDUSP)

Na sombra da cidade, Maria Cristina Rios Magalhães (org.)

COLEÇÃO — TÉLOS

Ensaio de clínica psicanalítica, François Perrier

A formação do psicanalista, François Perrier

Aleto e linguagem nos primeiros escritos de Freud, Monique Schneider

Como a interpretação vem ao psicanalista, René Major (org.)

COLEÇÃO — LINHAS DE FUGA

A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação (1500-1900),
Luís Cláudio Mendonça Figueiredo (Co-ed. EDUC)

Limiares do contemporâneo, Rogério da Costa (org.)

A psicoterapia em busca de Dioniso, Alfredo Naffah Neto (Co-ed. EDUC)

As árvores de conhecimentos, Pierre Lévy e Michel Authier

As pulsões, Arthur Hyppólito de Moura (org.) (Co-ed. EDUC)

COLEÇÃO — TRANSVESSIAS

O corpo erógeno. Uma introdução à teoria do complexo de Édipo, Serge Le-
claire

COLEÇÃO — PLETHOS

A palavra in-sensata. Poesia e psicanálise, Eliane Fonseca

Contratransferência. A questão fundamental do psicanalista, Suzana Al-
ves Viana

Poética do erótico, Samira Chalhub

A Escola. Um enfoque fenomenológico, Vitória Helena Cunha Espósito

Psicanálise, política, lógica, Célio Garcia

A eternidade da maçã. Freud e a ética, Flávio Carvalho Ferraz

A cara e o rosto. Ensaio de Gestalt Terapia, Ana Maria Loffredo (esg.)

Pacto Re-Velado. Psicanálise e clandestinidade política, Maria Auxiliado-
ra de Almeida Cunha Arantes

A poesia, o mar e a mulher: um só Vinícius, Guaraciaba Micheletti

Psiquismo humano, Marco Aurélio Baggio

Semiótica da canção. Melodia e letra, Luiz Tatit

A cientificidade da psicanálise. Popper e Peirce, Elisabeth Saporiti

A força da realidade na clínica freudiana, Nelson Coelho Junior

Corpoafecto: o psicólogo no hospital geral, Marília A. Muijlaert

Crianças na rua, Ana Carmen Martin del Collado

Um olhar no meio do caminho, Sônia Wolf

Doenças do corpo e doenças da alma. Investigação psicossomática psi-
canalítica, Lazslo A. Ávila.

Os dizeres nas esquizofrenias. Uma cartola sem fundo, Mariluci Novaes

<i>Título</i>	<i>Os destinos da angústia na psicanálise freudiana</i>
<i>Projeto gráfico</i>	Segmento & Co. Produções Gráficas
<i>Composição</i>	Segmento & Co. Produções Gráficas
<i>Revisão</i>	Carmen Tereza S. da Costa
<i>Formato</i>	14 x 21 cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman 10/12
<i>Papel</i>	Cartão Supremo 250g/m ² (capa) Pólen 70g (miolo)
<i>Número de páginas</i>	176
<i>Tiragem</i>	1.500
<i>Impressão</i>	Book-RJ

"Angústia, ao atravessar um rio, viu uma massa de argila e, mergulhada nos seus pensamentos,



apanhou-a e começou a modelar uma figura.

Quando deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu.



Angústia pediu que ele desse uma alma à figura que modelara, e, facilmente, conseguiu o que pediu.

Como Angústia quisesse dar o seu próprio nome à figura que modelara, Júpiter proibiu e prescreveu que lhe fosse dado o seu. Enquanto Angústia e Júpiter discutiam, Terra apareceu e quis que fosse o seu o nome daquela a quem fornecera o corpo.

Saturno foi escolhido como árbitro. E este, eqüitativamente, assim julgou a questão:

Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a terás depois da morte. E tu, Terra, porque lhe deste o corpo, tu o receberás quando ela morrer. Todavia, porque foi Angústia quem primeiramente a modelou, que ela a tenha, enquanto viver".

(Da Fábula 220 de Caius Julius Higinus)

ISBN 85-7137-161-X



9 788571 371613


escuta